

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS



**Astronomia e Cosmologia japonesas pelos olhos de um
Europeu: O manuscrito de João Rodrigues Tçuzzu, Biblioteca
da Ajuda, Cod. 49-IV-53**

Ana Patrícia Pinheiro Garção

Mestrado em História e Filosofia das Ciências

Dissertação orientada por:
Professor Doutor Henrique José Sampaio Soares de Sousa Leitão

2017

*À minha mãe e ao meu irmão,
Por, independentemente de tudo, estarem sempre lá.*

Em vez de um poema, uma palavra japonesa com um grande significado,

生き甲斐

Ikigai

(n) Razão de viver, o propósito da vida; raison d'être

Agradecimentos

Embora não saiba bem como redigir um texto de agradecimentos, achei importante incluí-lo por forma a poder expressar a minha gratidão a todos aqueles que estiveram do meu lado durante estes tempos.

Gostaria de começar por agradecer aos professores que lecionaram, a mim e aos meus colegas de mestrado, permitindo-nos expandir horizontes quanto ao processo de construção do conhecimento científico. Foram aulas extremamente interessantes, com oportunidade de participação e discussão, e serviram certamente para começar a ler e analisar fontes e artigos de forma crítica.

Um especial agradecimento ao professor orientador, Doutor Henrique Leitão, pelo apoio, desde o começo do mestrado, pela sugestão para o tema desta tese, que vinha de encontro dos meus interesses, pelo material disponibilizado e pela paciência, apesar dos problemas que foram surgindo.

Aos meus amigos, que me permitiram ir apreciando a vida um momento de cada vez, que me permitiram relaxar em momentos de maior tensão e que preenchem o meu dia-a-dia, mesmo não sendo fácil saber lidar com a minha pessoa.

Queria agradecer também aos meus amigos e colegas das aulas de japonês, o Gonçalo, a Filipa e, principalmente a Marta, e às professoras que nos ensinaram durante cerca de dois anos. A aprendizagem da língua foi importante para a compreensão de alguns dos vocábulos utilizados no manuscrito, assim como alguma contextualização cultural. As aulas foram muito interessantes e interativas, e sempre em boa companhia, com bons colegas de estudo.

Por fim gostaria de agradecer à minha família, incluindo os animais de companhia, que nos ajudam a aliviar o estresse diário, por apoiar os meus estudos, principalmente nos momentos mais difíceis. Em especial à minha mãe e ao meu irmão, que foram o meu suporte diário, mesmo quando não o demonstrei. A minha mãe, principalmente, companheira, amiga, conselheira, que me permitiu a continuação e conclusão deste trabalho, que me disse sempre aquilo que achava que eu devia ouvir, e que diariamente me acompanha nos dias bons e nos dias menos bons, mesmo estando ela a passar por tempos difíceis.

A todos aqueles que fazem parte da minha vida e que a tornam mais colorida, muito obrigada. Nem sempre o consigo expressar, nem sempre consigo dizê-lo diretamente, mas estas palavras são dedicadas a todos os que passaram por mim e que tornaram a minha vida naquilo que ela é hoje.

Resumo

Dos primeiros contactos culturais do Japão com Portugal, entre os séculos XVI e XVII, resultaram vários documentos importantes para o estudo da história e da história da ciência. Como exemplo tem-se a *História da Igreja do Japão*, compilada pelo padre João Rodrigues Tçuzzu, um missionário jesuíta português, proficiente na língua japonesa, que teve um papel fundamental na missão da Companhia de Jesus no país, enquanto intérprete de corte e agente comercial dos jesuítas de Nagasaki. A tarefa de escrever a *História da Igreja do Japão* foi inicialmente incumbida ao padre Mateus de Couros, em 1612, mas mais tarde passada a João Rodrigues, devido à acumulação de trabalhos e problemas de saúde do primeiro. A partir de um documento complementar sabe-se que esta obra tinha sido planeada para ter três partes (as duas primeiras constituídas por dez livros cada, e a última por quatro), que cobririam todo o período de missionação no Japão, começando com uns capítulos introdutórios sobre o país em questão, em termos de geografia, língua, ciência, costumes. Infelizmente, devido à morte do autor, não ficou completa. Da obra total, restam os dois primeiros livros da primeira parte e o primeiro livro da segunda parte, copiados no século XVIII e mantidos na Biblioteca da Ajuda (sendo que o trabalho original se encontra na Real Academia de la Historia em Madrid). Os restantes capítulos ter-se-ão perdido ou não ficaram preservados. É no segundo livro da primeira parte que se encontram nove capítulos com uma descrição da astronomia japonesa dos séculos XVI e XVII, tema sobre o qual incide esta dissertação.

O presente trabalho contém uma transcrição desses mesmos capítulos, uma versão independente e corrigida da transcrição já existente (datada de 1954, da autoria de João Abranches Pinto). Antes disso, é feita uma contextualização das relações Portugal-Japão no período em questão, com principal foco na vida do padre jesuíta João Rodrigues, autor da *História da Igreja do Japão*. Segue-se uma análise dos nove capítulos à luz do que se conhece sobre a astronomia japonesa e chinesa, finalizando com a transcrição dos mesmos.

Dado o período em causa e a novidade que estes conteúdos apresentavam à comunidade cristã da época, esta obra constitui uma fonte de informação inédita e de grande importância para a compreensão do modo como este intercâmbio cultural se processou entre os missionários jesuítas e os cidadãos japoneses, e o modo como os primeiros interpretaram a ciência japonesa à luz daquilo que era o seu conhecimento. O estudo presente nesta dissertação é por isso pertinente para o estudo das relações Portugal-Japão, no contexto das ciências, e para o estudo da história da Companhia de Jesus e a sua atividade missionária pelo mundo.

Palavras-chave: João Rodrigues Tçuzzu, astronomia chinesa e japonesa, perspectivas cosmológicas no Oriente, séculos XVI e XVII, período cristão no Japão

Abstract

Many documents relevant for the study of history and of history of sciences came up from the first cultural contacts between Japan and Portugal, in the 16th and 17th centuries. The *História da Igreja do Japão* is one of the known examples, written by the father João Rodrigues Tçuzzu, a Portuguese Jesuit missionary, proficient in the Japanese language, who had a fundamental role in the Christian mission on the country, as the court interpreter and commercial agent. The task of writing the *História da Igreja do Japão* was ordered, initially, to father Mateus de Couros, in 1612, but it was later given to João Rodrigues due to the excess of work the first had, besides his health problems.

According to an additional document about *História da Igreja do Japão*, this was supposed to have three parts (the two first ones composed by ten books, each one, and the last one composed by four books), which would cover the whole mission time in Japan, initializing with some starting chapters about the country, like its geography, its language, its science and its tradition. Unfortunately, because of the author's death, the work wasn't finished. We only have access to the first two books from the first part and to the first book from the second part. They were copied in the 18th century and kept on Biblioteca da Ajuda (the original work is located in the Real Academia de la Historia in Madrid). The other chapters were probably lost or they didn't survive to our days. We can find nine chapters about the Japanese astronomy from the 16th and 17th centuries in the second book of the first part, which is the theme of this dissertation.

The present work has a transcription of these chapters, an independent and corrected version from the known existent transcription (dated from 1954, from João Abranches Pinto). Before that, it is presented a contextualization of the relations between Portugal and Japan in this period, with specially focused on the life of the author of the *História da Igreja do Japão*, the Jesuit father João Rodrigues. Following that, it is made an analysis of the nine chapters, according to what it is known about the Japanese and Chinese astronomy and, lastly, the transcription.

Given the period and the novelty that this knowledge presented to the Christian community of the time, the *História da Igreja do Japão* presents an unprecedented source of information of big importance to understand how this cultural interchange proceeded between the Jesuit missionaries and the Japanese citizens, and how the first ones interpreted it, according to their own previous knowledge. The work presented in this dissertation is of relevance to the study of the relations between Portugal and Japan, in context with science, and for the study of the history of the Society of Jesus and its missionary activity through the world.

Keywords: João Rodrigues Tçuzzu, Japanese and Chinese astronomy, cosmological views in the Orient, 16th and 17th centuries, Christian period in Japan.

Índice

Agradecimentos.....	vii
Resumo.....	ix
Abstract	xi
Introdução.....	3
1ª Parte – Contextualização das Relações Portugal-Japão nos séculos XVI e XVII e Análise do Manuscrito.....	5
Capítulo 1 - Chegada dos portugueses ao Japão e a atividade do jesuíta João Rodrigues na missão japonesa.....	7
1.1. Chegada dos portugueses ao Japão.....	7
1.2. Primeiros anos de João Rodrigues no Japão.....	8
1.3. O início da sua atividade como intérprete	9
1.4. Rodrigues, o Tçuzzu.....	11
1.5. A subida de Ieyasu ao poder e a queda de Rodrigues	13
1.6. A vida de Rodrigues na China.....	15
1.7. Atividade missionária no Japão após a partida de Rodrigues	18
1.8. Cronologia da vida de Rodrigues	19
Capítulo 2 - Análise do manuscrito de João Rodrigues	23
2.1. Introdução geral do manuscrito	23
2.2. Ramificações da Astrologia japonesa.....	24
2.3. Cosmologia.....	25
2.3.1. Visões budistas do mundo.....	25
2.3.2. Cosmologia taoista e confucionista	26
2.4. Organização celeste	29
2.5. Organização do tempo.....	32
2.6. Astronomia prática judiciária	40
2ª Parte – Transcrição do manuscrito.....	43
Capítulo 3 – Transcrição do manuscrito da <i>História da Igreja do Japão</i> de João Rodrigues Tçuzzu, ff. 156v-181r.....	45
3.1. Critérios de transcrição.....	45
3.2. Manuscrito da <i>História da Igreja do Japão</i> por João Rodrigues (Tçuzzu), ff. 156v-181r.....	47

Cap. 8. [f.156v] Das Artes da Mathematica de Japão, e China donde os Japoens as receberão.	47
Cap. 9. Da Astrologia Sinica, e Japoa em particular.	51
Cap. 10. Do Ceo em particular, e graos em que o dividem.	54
Cap. 11. Dos graos, e signos em que repartem o Ceo, e da equinocial, e Ecliptica.	58
Cap. 12. [f.167r] Dos Ecclipses do Sol, e Lua.	61
Cap. 13. Das Estrellas, e Constellações [f.168r] que poem numero de Estrellas, e ordem como os destribuem em seu globo Celeste.....	63
Cap. 14. Da terra, e agoa, sua figura, e graos de elevação em q[ue] dizem estar.....	67
Cap. 15. Divizam do tempo, que faze[m] os Iapoens, e Chinas.....	69
Cap. 16. Da Astronomia pratica judiciaria destas nações, e varias superstições q[ue] nisto te[m].	79
Conclusões	83
Bibliografia.....	85

ASTRONOMIA E COSMOLOGIA JAPONESAS
PELOS OLHOS DE UM EUROPEU: O
MANUSCRITO DE JOÃO RODRIGUES
TÇUZZU, BIBLIOTECA DA AJUDA, COD.
49-IV-53

Introdução

Apresenta-se, de seguida, a dissertação sob o título: *Astronomia e Cosmologia Japonesas pelos olhos de um Europeu: O manuscrito de João Rodrigues Tçuzzu, Biblioteca da Ajuda, Cod. 49-IV-53*, cujo relatório e respetiva apresentação em provas públicas, constituem requisitos para a obtenção do grau de Mestre em História e Filosofia da Ciência. Consiste esta dissertação na análise da astronomia japonesa nos séculos XVI e XVII, na perspetiva de um jesuíta português, João Rodrigues (1561-1633), missionário jesuíta que viveu 33 anos no Japão, proficiente na língua japonesa, e a transcrição dos capítulos dedicados a este tema na sua obra, *História da Igreja do Japão*.

Até ao século XVI, o povo japonês não tinha qualquer conhecimento do continente europeu, ou qualquer outra região habitável que não fosse China, Índia e Coreia. Na Europa, a primeira referência ao Japão surgiu no início do século XIV, com Marco Polo no seu *Livro das Viagens*, denominando o arquipélago de “Cipango”. Porém, ainda nenhuma viagem tinha sido feita ao país. Foi a chegada de três aventureiros portugueses (António da Mota, António Peixoto e Francisco Zeimoto) à ilha de Tanegashima, em 1543, que constituiu um marco importante no desenrolar da história.

A descoberta do Japão permitiu expandir horizontes no conhecimento do planeta Terra. Tornou possível o aperfeiçoamento dos mapas-mundo, que, com os Descobrimentos se foram tornando cada vez mais realistas e menos fantasiosos. Permitiu o estabelecimento de uma nova rota comercial (Macau-Nagasaki) e com ela, uma nova oportunidade de negócio. Originou um processo de intercâmbio único entre duas civilizações distintas, com diferentes costumes, diferentes formas de falar e escrever, diferente tipo de alimentação, diferentes religiões e diferentes estilos de vida. Algo que nos dias de hoje se tornou mais suavizado com a globalização.

Este contacto cultural alterou a forma como os dois povos encaravam o mundo. Os Nanban (os portugueses), povo bárbaro do Sul, como os japoneses os chamavam, não entendiam os caracteres que usavam nem a língua por eles falada, comiam com as mãos em vez de usar os pauzinhos, escreviam horizontalmente e não verticalmente. Eram um povo exótico, que trazia objetos peculiares, como a arma de fogo (que influenciou fortemente o rumo político do Japão e contribuiu para o processo de unificação do país), a cadeira ou o simples botão, e até espécies animais novas, como elefantes e pavões. Os vestígios deste contacto estão ainda presentes no vocabulário, em palavras como chá (茶), na língua portuguesa, ou パン (*pan*, pão), em japonês.

Os relatos e livros escritos na época constituem material inédito para o estudo das relações Portugal-Japão e para compreender como a cultura japonesa foi recebida e entendida pelos missionários cristãos. Neste caso em específico, pretende-se analisar a astronomia japonesa dos séculos XVI e XVII, de acordo com o ponto de vista do padre João Rodrigues, na obra da sua autoria, a *História da Igreja do Japão*. Neste sentido, esta dissertação reflete sobre os conteúdos da ciência oriental, explicados do ponto de vista de um ocidental, pelo que tem relevância não só no contexto científico, como também no contexto histórico e na compreensão da pessoa que foi João Rodrigues.

Em termos de organização, esta dissertação é composta por duas partes. A primeira parte contém uma contextualização da história da missão jesuíta no Japão, com principal destaque na vida do padre jesuíta português João Rodrigues, e uma pequena análise dos conteúdos do seu manuscrito sobre a astronomia japonesa e chinesa. Existem pelo menos dois artigos que trabalham sobre o conteúdo da *História da Igreja do Japão*: o artigo de Sandra de Amaral Monteiro, “O calendário japonês: instrumento de harmonização do céu, da terra e do homem (o olhar de Tçuzzu)”, que foca

precisamente nos capítulos em estudo, e o artigo de Francisco Roque de Oliveira, “A Treatise inside a treatise: Chinese matters in the Historia da Igreja do Japão by João Rodrigues Tçuzu SJ”, que aborda de uma forma geral a obra integral. As referências para estes dois artigos são indicadas na seção da Bibliografia. Pretende-se apresentar aqui uma análise nova e mais completa do que a apresentada nos trabalhos anteriores. A segunda parte consiste na transcrição dos fólhos 156v ao 181r da *História da Igreja do Japão* cuja cópia se encontra na Biblioteca da Ajuda. Existe uma transcrição da *História da Igreja do Japão* datada de 1954, da autoria de João Do Amaral Abranches Pinto, porém, a transcrição aqui apresentada é independente da primeira, e corrigida, com as diferenças devidamente anotadas.

A exclusividade desta dissertação está no facto de ser um dos primeiros e únicos trabalhos que integra uma transcrição renovada dos capítulos referentes à astronomia japonesa, com uma análise dos mesmos. Dada a riqueza deste manuscrito, não é possível explorá-lo minuciosamente, nem é esse o propósito de uma tese de mestrado. O objetivo principal deste trabalho é dar uma introdução a estes estudos e que dele possam surgir novas oportunidades de investigação.

Como já foi indicado inicialmente no resumo, a *História da Igreja do Japão* foi um projeto da Companhia de Jesus incumbido ao padre jesuíta Mateus de Couros em 1612, que tinha por objetivo principal divulgar o trabalho e os resultados da missão no país do Sol Nascente. Impedido de cumprir a função por motivos de trabalho e de saúde, esta função foi transferida para o padre João Rodrigues, que na altura já se encontrava em Macau. A obra, planeada para ter três partes, num total de 24 livros, não ficou completa e dela restam apenas os dois primeiros livros da primeira parte e o primeiro livro da segunda parte, sendo no segundo livro da primeira parte que se encontram os nove capítulos relacionados com a astronomia japonesa. Ao longo do manuscrito são utilizados alguns termos de origem japonesa (“romanizados” de acordo com a forma praticada durante o século XVII, ainda sem regras bem definidas), para os quais se tentou, sempre que possível, encontrar e colocar o(s) caractere(s) correspondente(s) e a respetiva leitura, principalmente em palavras menos familiares. Foi uma pesquisa realizada recorrendo às pequenas bases de língua japonesa, com o apoio de dicionários digitais de japonês e mandarim, sendo que há uma relativa constância dos termos ao longo do tempo. A transcrição foi feita de forma a preservar o melhor possível o conteúdo da cópia disponibilizada. Para além disso, sempre que se achou pertinente, adicionaram-se notas de rodapé com mais informação sobre um certo tema, uma certa pessoa ou qualquer outra referência que se achou relevante incluir. Espera-se que a dissertação seja de fácil leitura e compreensão, e que sirva os objetivos propostos.

1ª PARTE – CONTEXTUALIZAÇÃO DAS
RELAÇÕES PORTUGAL-JAPÃO NOS
SÉCULOS XVI E XVII E ANÁLISE DO
MANUSCRITO

Capítulo 1 - Chegada dos portugueses ao Japão e a atividade do jesuíta João Rodrigues na missão japonesa¹

1.1. Chegada dos portugueses ao Japão

Segundo a *Crónica da Espingarda*², fonte usada por vários dos autores estudados, os portugueses chegaram ao Japão por volta do ano de 1543. Outros relatos apontam a sua chegada para 1542 ou para 1544³. De acordo com o historiador contemporâneo António Galvão⁴, três aventureiros portugueses, António da Mota, António Peixoto e Francisco Zeimoto, aportaram na ilha de Tanegashima, viajando num junco chinês que foi desviado devido a uma tempestade. Assim que chegaram, um indivíduo chinês que os acompanhava escreveu⁵ na areia, que as três pessoas que o acompanhavam, eram Nanban, ou Bárbaros do Sul, que estavam ali pelo comércio, que comiam com as mãos e não sabiam ler os caracteres escritos, mas que eram pessoas de bem. Os portugueses foram bem-recebidos no país do Sol Nascente e rapidamente encontraram um negócio lucrativo no Extremo Oriente: o negócio da seda chinesa pela prata japonesa e vice-versa. Estabelecendo em 1557 o porto, em Macau e em 1571, em Nagasaki, monopolizaram o comércio oriental por quase um século⁶.

Seis anos após a chegada dos primeiros aventureiros ao Japão, chegou a Kagoshima o primeiro padre jesuíta, Francisco Xavier, acompanhado por três japoneses convertidos ao cristianismo e dois portugueses. Assim se iniciou a atividade missionária no Japão, que contribuiu também para a rápida propagação de informações sobre o país, por via de cartas enviadas à Companhia de Jesus, que eram posteriormente publicadas em colectâneas, pela Europa. No princípio da missão, Francisco Xavier pedia que viessem padres jesuítas dotados das ciências matemáticas e astronómicas por ver nos japoneses um povo curioso e dotado para a lógica e razão⁷.

¹ Para a compilação deste capítulo foram usadas, principalmente as, obras de Kiichi Matsuda, *The Relations Between Portugal and Japan*, João Paulo Oliveira e Costa, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Charles Ralph Boxer, *The Christian Century in Japan*, Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete: Um jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*. Consultar a Bibliografia para as referências bibliográficas completas.

² *Teppō-ki* - '*Crónica da Espingarda*' (1596-1614). Ver mais em Kiichi Matsuda, *The Relations Between Portugal and Japan*, pp. 2-3.

³ Fernão Mendes Pinto, por exemplo, na sua obra *Peregrinação*, indica 1544, como o ano de chegada dos portugueses ao país do Sol Nascente, colocando-se a si mesmo como um dos primeiros aventureiros a lá chegar. Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*.

⁴ Os nomes são indicados na obra *Tratado que compôs o nobre & notauel capitão Antonio Galvão, dos diuersos & desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India às nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos, que são feitos até a era de mil & quinhentos & cincoenta*, Lisboa 1563. Sobre as fontes utilizadas para determinar a data da chegada dos portugueses ao Japão, vide Kiichi Matsuda, *The Relations Between Portugal and Japan*, pp. 2-3.

⁵ É interessante o pormenor da escrita na areia, pois apesar de partilharem o mesmo sistema de escrita, linguagem falada dos japoneses e dos chineses é diferente.

⁶ Ver mais em Martins Janeira, *O Impacto Português* e o artigo de Charles Boxer, "Notas sobre o Comércio entre Macau, Manila e Nagasaki, 1580-1640".

⁷ Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*, pp. 38-39.

Os primeiros anos dos portugueses no Japão foram bastante positivos. O comércio com Macau era bastante cobiçado pelos dáimios⁸ de Kyūshū, para além de rentável para os aventureiros portugueses. Para além disso, existiu uma certa empatia inicial entre portugueses e japoneses devido à similaridade entre o código nobre ocidental e o código samurai dos japoneses. A atividade comercial no Japão rapidamente passou a ser coordenada pela coroa portuguesa, assim como a atividade missionária ficou da responsabilidade exclusiva da Companhia de Jesus pertencente ao padroado português do Oriente. Infelizmente, o número de padres na missão era escasso, principalmente padres ordenados de nacionalidade portuguesa. A maioria destes missionários ficava retida na Índia, tornando-se urgente a formação de um clero nativo japonês, uma medida polémica para uma considerável parte dos padres europeus. O Superior Francisco Cabral⁹, por exemplo, acreditava que aos irmãos japoneses deveriam ser ensinados os estudos básicos para a sua formação. Na sua perspetiva, a integração de japoneses na missão jesuíta, estava condicionada a uma lógica de subordinação ao clero europeu. Para além disso, defendia a manutenção dos valores e ideais da Companhia e não a acomodação de tradições locais¹⁰. Pelo contrário, o padre visitador Alessandro Valignano¹¹, defendia a formação de um clero nativo não subordinado aos padres europeus. Defendia também, a acomodação dos missionários a alguns dos costumes japoneses, como o uso de trajes de seda, de forma a facilitar a introdução do Cristianismo no Japão, algo pensado como subversão dos princípios da Companhia por missionários mais conservadores. Valignano, o padre Visitador das missões jesuítas, primeiro nas Índias, em geral, e mais tarde apenas na China e no Japão, fez 3 visitas ao país do Sol Nascente: a primeira entre 1579 e 1582, a segunda entre 1590 e 1592 e a última entre 1598 e 1603. Dois anos antes da sua primeira visita, João Rodrigues chegava a Nagasaki¹².

1.2. Primeiros anos de João Rodrigues no Japão

João Rodrigues nasceu numa família pobre, em Sernancelhe, algures entre 1560 e 1563, sendo 1561 o ano mais provável para o seu nascimento¹³. Partiu para o Japão, o mais tardar, na Primavera de 1575, tendo chegado a Nagasaki a 4 de julho de 1577. Pela altura que João Rodrigues chegou ao Japão eram os padres Organtino e Giovanni quem dirigia a igreja da capital, Miyako (atual Quioto). Nos dois primeiros anos de permanência no país, João Rodrigues visitou as cidades de Miyako e Mimikawa¹⁴. Após as visitas regressou a Kyūshū onde iniciou os seus estudos.

⁸ Senhores feudais.

⁹ Francisco Cabral (1533-1609), padre jesuíta português, Superior da missão entre 1570 e 1581. Sobre Francisco Cabral, vide o artigo de Pedro Lage Reis Correia, “Francisco Cabral and Lourenço Mexia in Macao (1582-1584): Two different perspectives of Evangelisation in Japan”.

¹⁰ Sobre a questão da divergência de perspetivas sobre a evangelização no Japão, ver também o artigo de Pedro Lage Reis Correia, “Francisco Cabral and Lourenço Mexia in Macao (1582-1584): Two different perspectives of Evangelisation in Japan”.

¹¹ Alessandro (ou Alexandre) Valignano (1539-1606), padre napolitano, Visitador das missões jesuítas nas Índias desde 1573 e, apenas do Japão e China, a partir de 1595 até 1606. Para mais informações sobre o trabalho de Valignano no Japão vide Martins Janeira, *O Impacto Português e Cooper, Rodrigues, o Intérprete*.

¹² Na biografia de João Rodrigues, *Rodrigues, o Intérprete*, Michael Cooper coloca a possibilidade de Rodrigues ter viajado na mesma embarcação que Alessandro Valignano para Goa, caso tenha partido de Lisboa na nau de 21 de março de 1574.

¹³ A informação é retirada de cartas enviadas do Japão, nas quais se indica a idade do padre jesuíta na altura da sua escrita. No entanto estas cartas não são coerentes entre si no ano de nascimento. Michael Cooper aponta 1561 como o ano mais provável, algo viável a partir de umas das poucas cartas escritas por Rodrigues, datada de 1598, onde afirma ter 37 anos de idade. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

¹⁴ Local onde decorreu a batalha em que o dáimio cristão Ōtomo Sōrin, 大友宗麟 (1530 – 1587) foi derrotado pelo Clã Shimazu, numa tentativa de eliminar o único clã com poder suficiente para controlar Kyūshū. Vide Oliveira e Costa, A

Recebeu a sua formação e ordenação no colégio de São Paulo, em Funai (Oita)¹⁵. No colégio, os seminaristas aprendiam latim, japonês e também tinham cursos de apologética cristã orientados para refutar as objeções budistas. Assim que se tornavam fluentes em japonês, os estudantes portugueses iniciavam o seu trabalho apostólico em Funai. A falta de pessoal nas missões obrigava também a que no final do primeiro ano de noviciado alguns dos noviços japoneses deixassem Usuki para auxiliar nas missões¹⁶. A língua japonesa era de difícil aprendizagem pelo que os missionários europeus tinham que se servir dos noviços japoneses para o seu trabalho de evangelização.

Rodrigues seguiu o curso geral de artes durante 2 anos. O seu professor de japonês foi Paulo Yōhō¹⁷. Em 1583 frequentou o curso de filosofia escolástica, sob a direção de António Prenestino. Teve uma duração de 18 meses, consistindo num curso abreviado de Francisco de Toledo em lógica aristotélica. Pedro Gómez era quem lecionava cosmologia e ciências naturais baseado no tratado clássico do século XIII *De Sphaera* de Johannes de Sacrobosco. Rodrigues é apontado como um dos três seminaristas portugueses com talento e habilidade nos estudos, num relatório confidencial de Melchior Figueiredo enviado em novembro de 1583¹⁸. Em setembro desse ano, o jovem estudante prosseguiu os estudos no curso de teologia, mas teve que os interromper devido à invasão das tropas de Satsuma. Os jesuítas tiveram que evacuar Funai (Oita) em dezembro de 1586 e transferir o colégio e o noviciado para Yamaguchi. O jovem jesuíta prosseguiu os seus estudos em Yamaguchi, interrompendo-os uma vez mais no Verão de 1587, devido à saída do édito anticristão de Hideyoshi¹⁹ a 25 de julho, que obrigou à concentração temporária dos jesuítas em Hirado. Verificando-se que o édito não seria aplicado desde que os missionários fossem cautelosos, a sua atividade prosseguiu e os seminaristas puderam regressar aos seus estudos. João Rodrigues continuou a estudar teologia, sob a orientação do professor Francisco Calderón, enquanto ensinava humanidades a seminaristas portugueses e japoneses.

1.3. O início da sua atividade como intérprete

João Rodrigues iniciou a sua atividade como intérprete ainda em tempo de formação, tendo que, por algumas vezes, interromper os seus estudos. A sua primeira deslocação ocorreu em 4 de maio de 1586, quando teve que acompanhar o Vice-Provincial Gaspar Coelho ao castelo de Osaka, num grupo composto também pelo padre Luís Fróis, três outros padres, quatro irmãos, quinze catequistas e meia dúzia de rapazes do colégio de jesuítas²⁰. Mas foi em 1591 que a sua atividade se tornou mais proeminente. Substituindo Luís Fróis que estava adoentado, Rodrigues foi selecionado como intérprete

Descoberta da Civilização Japonesa. Nome em japonês retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/%C5%8Ctomo_S%C5%8Drin.

¹⁵ O colégio de S. Paulo foi fundado em setembro de 1580 pelo padre Alessandro Valignano. João Rodrigues é indicado como um dos 5 seminaristas do colégio numa relação de 20 de dezembro de 1581. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

¹⁶ Sobre o sistema de estudos dos seminaristas no Japão, vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

¹⁷ Um irmão japonês que introduziu a literatura japonesa cristão no Japão. Em conjunto com o seu filho Vicente Hoin ajudou também na preparação de textos de clássicos japoneses que foram posteriormente impressos pelos jesuítas. Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*.

¹⁸ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

¹⁹ Toyotomi Hideyoshi, 豊臣 秀吉 (1536-1598), foi um dos três grandes líderes que iniciaram o processo de unificação do Japão, sucedendo a Oda Nobunaga. Tal como Nobunaga, nunca chegou a exigir o título militar de xogum. Adquiriu antes um prestigiadíssimo título de corte, kanpaku. Vide Oliveira e Costa, *A Descoberta da Civilização Japonesa* e o artigo do mesmo autor, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō during the Crisis Of 1600”.

²⁰ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

de Valignano na visita da embaixada japonesa à corte de Hideyoshi, devido à sua proficiência nesta língua exótica²¹.

A embaixada partira de Nagasaki, rumo à Europa, em fevereiro de 1582. Esta missão pretendia conseguir chamar a atenção das cortes europeias e principalmente do Papa, para o sucesso da atividade missionária no Japão²² e ainda impressionar o povo japonês com a organização e riqueza da Europa. Para isso, organizou-se um grupo de quatro jovens japoneses, em representação dos dáimios de Kyūshū²³. A viagem realizou-se por países europeus católicos, com o objetivo de mostrar uma Europa cristã una. Na visita a Roma conheceram o papa Gregório XIII e ainda assistiram à coroação do seu sucessor Sisto V²⁴. Em 28 de julho de 1588 chegaram a Macau, mas tiveram que aguardar a permissão de Toyotomi Hideyoshi²⁵ para regressar ao Japão, devido ao édito lançado no ano anterior. Conseguiram entrar em Nagasaki a 21 de julho de 1590, de onde partiram para Miyako, para serem recebidos pelo kanpaku²⁶. A esta viagem juntou-se João Rodrigues, como intérprete.

A audiência decorreu a 3 de março, no primeiro Domingo de Quaresma. No contexto cultural japonês este acontecimento simbolizava a reconciliação e restauração das relações amigáveis entre Hideyoshi e os missionários europeus, após a saída do édito de 1587. Apesar do sucesso e da boa recepção à embaixada na corte, o édito não foi anulado, pelo que os padres deveriam continuar a exercer as suas atividades com muita cautela, de modo a não agitarem os ânimos no país. No final da audiência, ficou estabelecido que João Rodrigues ficaria na capital, aguardando uma carta de resposta do kanpaku ao vice-rei da Índia, D. Duarte Meneses. O jesuíta português voltou a ser chamado à presença de Hideyoshi durante a tarde, nesse mesmo dia devido à boa impressão que tinha deixado com o seu domínio da língua japonesa, uma honra dada apenas a figuras de elevado estatuto social, e ainda no dia seguinte, acompanhado de Mancio Ito, um dos quatro jovens embaixadores²⁷. A segunda visita serviu para falarem sobre os presentes da embaixada, especialmente sobre o funcionamento de um relógio, e ainda sobre a Europa e a Índia. Durante essa mesma conversa, Hideyoshi falou-lhes dos seus planos para conquistar a China, uma ambição que nunca se viria a concretizar²⁸.

Após a audiência, o padre visitador Valignano permaneceu na capital por mais três semanas, durante as quais visitou várias figuras importantes na companhia do intérprete, entre os quais Toyotomi Hidetsugu²⁹ e Mōri Terumoto³⁰. A 24 de março partiu para Kyūshū com os quatro

²¹ Os seus correligionários escreviam nos relatórios da missão, por exemplo, “sabe muy bien la lengoa de Japon y predica en ella”, “prega e escreve em Japonês”. Francisco Vieira, padre Visitador da missão, sucessor de Valignano, escreveu que Rodrigues era o melhor linguista jesuíta do seu tempo na missão. Por este motivo ficou conhecido como o Tçuzzu entre os seus correligionários. A palavra deriva de *tsuji*, 通事, que significa tradução, interpretação. Ver mais em Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

²² Como resultado, conseguiram que em 1585 fosse promulgado pela Santa Sé o *Ex pastoralis officio*, determinando a exclusividade da missão no Japão aos jesuítas pertencentes ao Padroado Português do Oriente. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete* e <http://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/os-meninos-japoes/>.

²³ Eram eles dois nobres da escola de Arima - Mancio Ito, 12 anos, emissário de Otomo Yoshishige de Bungo, e Miguel Chijiwa, 14 anos, emissário de Arima Harunobu e Ōmura Sumitada - e ainda outros dois alunos da escola - Julião Nakaura, 12 anos, e Martinho Hara, 13 anos. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*. Também sobre a embaixada japonesa, vide Tiago Salgueiro, *Do Japão para o Alentejo: A Embaixada Japonesa Tenshō em Vila Viçosa no ano de 1584*.

²⁴ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete* e Tiago Salgueiro, *Do Japão para o Alentejo: A Embaixada Japonesa Tenshō em Vila Viçosa no ano de 1584*.

²⁵ Hideyoshi concordou em receber Valignano enquanto embaixador, representante do vice-rei da Índia D. Duarte Meneses.

²⁶ Kanpaku era um prestigiado título de corte. Conselheiro-chefe do imperador. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Sessh%C5%8D_and_Kampaku

²⁷ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

²⁸ Sobre as conversas de Hideyoshi com João Rodrigues, vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

²⁹ Toyotomi Hidetsugu, 豊臣 秀次 (1568 – 1595), sobrinho de Hideyoshi e suposto sucessor ao poder, até ao nascimento do herdeiro do kanpaku em 1593. Foi obrigado a cometer *seppuku* (ritual de suicídio japonês) em 1595. Vide https://en.wikipedia.org/wiki/Toyotomi_Hidetsugu.

³⁰ Mōri Terumoto, 毛利 輝元 (1553 – 1625), dáimio japonês. Um dos cinco regentes do Japão após a morte de Hideyoshi. Posicionou-se contra Tokugawa Ieyasu, mas rendeu-se após a batalha de Sekigahara, perdendo grande parte dos seus domínios. Sobre a sucessão ao poder de Hideyoshi, vide o artigo de João Paulo Oliveira e Costa, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō during the Crisis Of 1600”.

emissários para entregar as distinções honoríficas enviadas pelo Papa aos dáimios de Ōmura e de Arima³¹.

Com o aumento das conversões ao cristianismo, aumentaram também as inimizades, principalmente por parte daqueles que tinham sido educados segundo princípios budistas. Muitos dáimios e funcionários de Hideyoshi opunham-se à atividade missionária nas suas terras. O cristianismo punha em causa algumas regras de conduta tradicionais japonesas, como a obediência ao seu senhor feudal ou o ato de *seppuku* (ritual de suicídio japonês). Os cristãos japoneses acreditavam dever obediência, primeiramente, a Deus, o que colocava em causa o poder dos dáimios. Como o suicídio era mal visto do ponto de vista cristão, os recém-convertidos recusavam-se a cometê-lo, mesmo que fossem obrigados pelo código de honra japonês. Do lado oposto, havia dáimios cristãos que obrigavam a que todos os seus súbditos se convertessem. Para além disso, alguns templos budistas e xintoístas foram destruídos por cristãos japoneses, que os consideravam uma heresia. Estas ações não eram vistas com bons olhos por quem não era cristão.

O sucesso da audiência de Valignano era um sinal do progresso da missão, por isso, muitos dos seus opositores, aproveitaram o momento para acusar a embaixada do vice-rei da Índia de ser uma farsa e um pretexto para a entrada de padres no Japão. João Rodrigues teve o papel importante de convencer Hideyoshi das boas intenções da missão cristã, com o auxílio de funcionários japoneses influentes e favoráveis à presença dos padres no país. Quando questionado sobre a Índia, o intérprete português explicou que nesse país existiam várias seitas religiosas e que os cidadãos eram livres de se converter ao cristianismo, pois a religião não permitia o uso da força. Hideyoshi respondeu que no Japão a situação era semelhante, que existiam oito ou nove seitas religiosas dentro das quais as pessoas se podiam integrar. Prosseguiu afirmando a vontade de manter uma boa relação de amizade com o vice-rei da Índia e o comércio com os portugueses, contudo não queria que os missionários pregassem as suas ideologias religiosas no seu país, porque o Japão era o país dos deuses xintoístas³².

O único interesse de Hideyoshi nos portugueses era o comércio com Macau, mas dada a sua ligação com os missionários, a presença dos últimos era tolerada pelo bem das relações comerciais, porquanto não provocassem demasiada exaltação no país. A preocupação do kanpaku não eram as classes baixas, mas sim a conversão de dáimios que poderiam fazer frente ao seu poder. Os padres tinham já dado a entender que poderiam fornecer apoio militar³³. Para balancear a situação, Hideyoshi pensou que o melhor seria permitir a presença dos padres, mas mantê-los debaixo de olho com o édito de expulsão. Com a pressão e receio de expulsão, as suas atividades seriam moderadas e os dáimios estariam menos tentados a converter-se ao cristianismo e a opor-se a Hideyoshi, ao mesmo tempo que o comércio prosseguiria normalmente.

1.4. Rodrigues, o Tçuzzu

O começo oficial de João Rodrigues como intérprete ocorreu com a audiência da embaixada, dos quatro jovens emissários de Kyūshū, em Miyako. A partir desse evento, as suas visitas à corte

³¹ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³² Sobre a conversa vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³³ No geral, a missão cristã tinha-se comprometido a não interferir com os assuntos políticos e estatais do Japão. Porém, isto não significa que não tivessem existido membros da Companhia que não o cumprissem, mesmo que inocentemente. Um dos exemplos é o padre vice-provincial Gaspar Coelho que, num jantar com Hideyoshi, falou do poder naval ao alcance dos missionários. Coincidência ou não, o jantar decorreu na véspera da saída do édito de expulsão de 1587. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

tornaram-se frequentes. O jesuíta tornara-se no intérprete de corte de Hideyoshi. Acompanhava as comitivas anuais das naus chegadas a Nagasaki e resolvia os conflitos relacionados com a missão.

A chegada da notícia do édito anticristão de 1587 foi interpretada por outras ordens religiosas, como um fracasso da missão jesuíta no Japão. Sob esse pretexto, os frades franciscanos tentaram entrar no país, apesar do regime de exclusividade para os jesuítas do padroado português. Segundo o seu ponto de vista, o édito constituía uma proibição destinada apenas à Companhia de Jesus, e por isso confiavam que a sua presença seria bem-vinda por Hideyoshi. Os primeiros frades começaram a chegar em 1592, com a visita da embaixada das Filipinas à corte japonesa, na qual Rodrigues exerceu as suas funções de intérprete. Com vista a testar o comércio com Manila, o kanpaku deu a sua permissão à entrada dos frades no país, sendo que no ano seguinte, chegaria uma nova visita da embaixada, a qual foi recebida em Nagoya, por estar Hideyoshi na altura a preparar um ataque à Coreia, com o intuito de a conquistar. Os seus planos foram mais tarde suspensos com a chegada da notícia do nascimento do seu herdeiro, a 9 de setembro de 1593, a qual fê-lo regressar à capital.

Durante a sua estadia em Nagoya, Rodrigues visitou importantes funcionários e nobres japoneses, enquanto representante da missão jesuíta, entre eles, Tokugawa Ieyasu, que viria a ser o futuro líder do Japão, fundador da dinastia Tokugawa, que governaria o Japão durante mais de 250 anos. Ieyasu ouviu os pontos de vista cosmológicos e teológicos do cristianismo e deu o seu parecer favorável à missão, sem nunca se mostrar interessado em converter-se ao cristianismo, pois recebera uma educação budista.

Findos os seus estudos, por volta de 1595, João Rodrigues preparava-se para a sua ordenação. A diocese de Funai já tinha sido criada em 1588³⁴, porém como estes processos burocráticos demoravam, ainda não havia, na altura, nenhum bispo no Japão. O intérprete teve que partir para Macau, onde se situava a diocese responsável pela ordenação de padres no Japão e na China, em março de 1596, regressando em finais de julho desse ano, na mesma embarcação em que seguia o bispo selecionado para o país do Sol Nascente, D. Pedro Martins. Dada a situação delicada da missão, o bispo apresentou-se a Hideyoshi como emissário de D. Duarte Meneses, com agradecimentos aos presentes enviados em 1591. Apesar da boa receção numa pequena audiência, a sua permanência no Japão não foi autorizada. No entanto, o bispo permaneceu no país, até 1598, ano em que foi substituído por D. Luís Cerqueira.

Em agosto de 1596, atracou em Urado um galeão vindo de Manila, o San Felipe, devido a uma tempestade. Influenciado pelos seus funcionários, Hideyoshi ordenou a recolha dos bens do navio. Para que o conflito fosse resolvido, e os bens recuperados, D. Pedro Martins propôs ao superior dos franciscanos que recorressem às capacidades diplomáticas de Rodrigues. A proposta foi inicialmente recusada, porém, após alguma reflexão, foi aceite. Contudo, pela altura em que foi aceite, já Hideyoshi tinha ordenado a execução de 26 missionários, depois de descobrir as embarcações espanholas transportavam padres para dar início ao processo de conversão da população ao cristianismo e assim tomarem os territórios. O episódio do San Felipe foi apenas uma justificação para ordenar a expulsão definitiva dos frades franciscanos, ordem que não incluía os missionários jesuítas. A sua presença tornara-se incómoda e tinha sido apenas tolerada para testar o comércio com Manila, o qual não se apresentara competitivo face ao comércio com Macau. Ao contrário dos jesuítas, os frades realizavam as suas atividades sem qualquer zelo, erguendo igrejas e realizando celebrações sem autorização do

³⁴ A diocese de Funai foi criada em 1588 para facilitar o processo de ordenação dos novos padres. Antes disso, os seminaristas que terminavam os seus estudos tinham que se deslocar a Macau para serem ordenados. Dada a falta de recursos humanos na missão japonesa, tornava-se necessário arranjar meios de agilizar o processo, com a criação de uma diocese no país. A decisão não foi unânime entre os missionários locais, pois a vinda de um bispo para o Japão facilitaria a entrada das ordens mendicantes.

Na prática, o seu funcionamento só foi garantido em 1596, depois da aprovação, seleção e chegada do bispo Pedro Martins. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

kanpaku. Dos 26 missionários capturados e condenados, 23 eram franciscanos e 3 jesuítas³⁵. A execução, conhecida como o episódio dos mártires de Nagasaki, decorreu a 5 de fevereiro de 1597. O intérprete João Rodrigues esteve presente no acontecimento, ouvindo as suas últimas palavras antes de serem executados.

Este episódio constituiu o clímax da tensão entre ordens religiosas no Japão. Em consequência dos acontecimentos, deixaram de ser enviados jesuítas castelhanos para a missão, por suspeita de facilitarem a entrada de frades franciscanos no país. Apesar da forma dramática como terminou o episódio do San Felipe, as rivalidades perduraram. Do martírio, os frades contavam 23 vítimas, enquanto os jesuítas recordavam a perda de 3 correligionários. Este foi também o único momento, antes da expulsão oficial de Ieyasu, em 1614, de todas as ordens religiosas e das perseguições cristãs, que padres foram executados, durante toda a missão no Japão.

1.5. A subida de Ieyasu ao poder e a queda de Rodrigues

Em 1598, João Rodrigues foi nomeado conselheiro da residência de Nagasaki. No começo deste mesmo ano escreveu uma das poucas cartas conhecidas da sua autoria, onde revela algumas informações pessoais, como a sua idade, o seu local de nascimento, e também a sua opinião quanto ao desenvolvimento da missão³⁶. O intérprete critica a passividade de alguns superiores das residências jesuítas, devido à sua idade avançada, e ainda a falta de membros na missão, por causa das elevadas exigências necessárias para a sua admissão. Aconselha a que todos os jovens europeus que ingressem na missão japonesa recebam uma formação de japonês, de pelo menos um ano e meio, o que na sua opinião é suficiente para os trabalhos exigidos. Critica ainda a leviandade com que os seminaristas japoneses assumem e vivem o cristianismo, alegando que as diferenças culturais os impediam de compreender o cristianismo na sua essência, sendo por isso contra a formação de um clero nativo³⁷.

Ainda no ano de 1598, a 18 de setembro, faleceu Hideyoshi, e o futuro da missão no Japão tornou-se incerto³⁸. Rodrigues foi uma das pessoas que visitou o kanpaku, poucos dias antes de morrer. Para a sua sucessão, tinha escolhido previamente os cinco dáimios mais poderosos do país³⁹, até o seu filho atingir a idade suficiente para poder governar. Hideyoshi sabia que cada um destes senhores feudais tentaria ser o próximo líder do país. Contudo, para o conseguir, teriam que derrotar

³⁵ Estes três jesuítas foram apanhados por engano por se encontrarem na capital sem autorização e conhecimento de Hideyoshi. Dado o seu estatuto “ilegal”, era muito difícil pedir o seu perdão sem enfurecer o kanpaku, pelo que foram sacrificados em nome da missão. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³⁶ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³⁷ A falta de membros da companhia para a atividade missionária foi uma constante no Japão, o que levou à tomada de decisão do padre visitador Alessandro Valignano, na sua primeira visita ao país, a implementar medidas que permitissem a admissão de um maior número de estudantes japoneses, de forma a criar um clero nativo no Japão. Esta ideia tinha sido já defendida desde o princípio pelo padre Luis Fróis. O aumento de seminaristas japoneses a ingressar a companhia tornou mais nítida a situação de alguma incompatibilidade cultural entre a Europa e o Japão, o que promoveu a desistência de alguns. Porém, muitos foram também, os que permaneceram e seguiram fielmente as ordens da Companhia, trabalhando exemplarmente, de acordo com a etiqueta japonesa. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³⁸ Entre as instâncias ocorridas destaca-se a permissão que Valignano deu ao padre Organtino para regressar a Miyako, na Primavera de 1599, a qual foi mal vista pelo governador de Nagasaki, Terazawa Hirotaka, que ordenou imediatamente o regresso do padre ao porto de Nagasaki. João Rodrigues foi incumbido mais uma vez de se dirigir à corte, tentar apaziguar a situação. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

³⁹ O conselho dos cinco regentes ou go-tairō (五大老) foi formado em 1595, constituído pelos dáimios mais poderosos do Japão: Ukita Hideie, 宇喜多 秀家 (1573-1655), Maeda Toshiie, 前田 利家 (1538-1599), Uesugi Kagekatsu, 上杉 景勝 (1556-1623), Mōri Terumoto, 毛利 輝元 (1553-1625) e Tokugawa Ieyasu, 徳川 家康 (1543-1616). Sobre o conselho de regentes, vide o artigo de João Paulo Oliveira e Costa, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō during the Crisis Of 1600”.

os outros quatro. A morte do kanpaku trouxe também a possibilidade de ver o édito anticristão ser finalmente levantado. Para tal, João Rodrigues foi encarregue de visitar os vários nobres e funcionários influentes, aproveitando para anunciar o regresso de Valignano (na sua terceira e última visita) e, solicitando a sua boa vontade para com os missionários. O padre Visitador chegara ao Japão a 5 de agosto de 1598 (antes da morte de Hideyoshi), acompanhado de D. Luís Cerqueira⁴⁰, que vinha substituir D. Pedro Martins enquanto bispo do Japão. Pelo final do ano, Rodrigues acumulou também o cargo de Procurador da Companhia no Japão.

Em 1600, Tokugawa Ieyasu saiu vitorioso na batalha de Sekigahara permitindo assim o estabelecimento do xogunato Tokugawa, que viria a durar durante mais de 250 anos⁴¹. Ieyasu conseguiu obter a consagração institucional em 1603 e foi nomeado xogum⁴² pelo imperador. O intérprete voltou a visitar Ieyasu, em representação dos jesuítas de Nagasaki, conseguindo obter uma permissão oficial para os missionários operarem no Japão, algo que não tinham conseguido com Hideyoshi. O xogum autorizou o funcionamento das residências de Miyako, Osaka e Nagasaki. João Rodrigues manteve-se como intérprete de corte e foi nomeado agente comercial. Esta nova atividade obrigou-o a permanecer a maior parte do tempo em Nagasaki. Os negócios e as atividades políticas na corte fizeram-no sobressair entre os outros irmãos da missão, mas o seu envolvimento trazia riscos para a missão, pois gerava bastantes conflitos, entre comerciantes portugueses e japoneses, tornando-o um alvo fácil nas mãos de funcionários anticristãos.

Ainda no ano de 1601, João Rodrigues fez a sua profissão solene. Dada a sua longa data no Japão, tornara-se também num dos conselheiros com os quais o Superior tinha obrigação de discutir todas as questões importantes da missão. Em 1604 iniciou o seu longo e famoso trabalho, *Arte da Lingoa de Iapam*, uma obra de 240 fólios sobre a língua e gramática japonesa, e conteúdos variados sobre o Japão⁴³, a qual viria a terminar em 1608. A demora deveu-se sobretudo às outras funções que tinha que desempenhar, como intérprete de corte, agente comercial e procurador da missão.

Em 1606, Rodrigues levou a Ieyasu um relógio, como presente de Nagasaki, construído por Giovanni Niccolò⁴⁴, um jesuíta de Nápoles, que ensinava pintura europeia no Japão e construía instrumentos musicais e relógios nas horas vagas. Também nessa altura, D. Luís Cerqueira foi recebido por Ieyasu. O bispo português estava já em exercício no Japão há oito anos, mas ainda não se tinha apresentado oficialmente à corte japonesa, devido à situação instável que se criara com a morte de Toyotomi Hideyoshi. A receção de Ieyasu foi positiva, o que levou a que o padre Vice-Provincial Francisco Pasio quisesse também uma audiência, a qual se realizou no ano seguinte, seguida de uma visita a Hidetada Tokugawa, sucessor de Ieyasu e na altura xogum⁴⁵, em Edo (atual Tóquio). Hidetada

⁴⁰ D. Luís Cerqueira (1552-1614), bispo católico português, pertencente à Companhia de Jesus, sagrado bispo em 1594 na cidade de Évora. Exerceu a função de bispo do Japão, em Funai, entre 1598 (após o afastamento do anterior bispo, D. Pedro Martins) até à sua morte, em 1614. Ao contrário de D. Pedro Martins, D. Luís Cerqueira era contra a presença das ordens mendicantes no Japão, mesmo que por via do Padroado Português do Oriente. Para mais informações sobre o bispo D. Luís Cerqueira, vide a tese de Doutoramento de João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o episcopado de D. Luís Cerqueira*.

⁴¹ O xogunato Tokugawa, conhecido também como Tokugawa bakufu ou Edo bakufu, foi uma ditadura feudal estabelecida no Japão, que iniciou em 1603 e terminou em 1868, com a restauração Meiji. Vide https://en.wikipedia.org/wiki/Tokugawa_shogunate.

⁴² Xogum era um título militar, em português designado de “Generalíssimo”.

⁴³ O relatório de censura da obra foi feito por Pedro de la Cruz (antigo professor de teologia de João Rodrigues) e o “*imprimatur*” pelo bispo Luís Cerqueira. A importância desta gramática está no facto de ser um dos primeiros estudos aprofundados da língua japonesa, elaborado por um estrangeiro, de modo a servir de auxílio aos seminaristas europeus que entravam na missão. Entre os processos de ensinamento usados, destaca-se, por exemplo, a romanização dos caracteres japoneses. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁴⁴ Giovanni Niccolò (1560-1626), padre jesuíta italiano. Começou a trabalhar na missão japonesa em 1583, onde ensinou pintura europeia a estudantes japoneses, até ao encerramento do seminário em 1614. Vide http://wiki.samurai-archives.com/index.php?title=Giovanni_Niccolo.

⁴⁵ Ieyasu abdicou do xogunato em 1605 a favor do seu filho Hidetada, mantendo-se como xogum aposentado (ōgosho, 大御所). Esta era uma tática comum entre os Imperadores no Japão, para manter a sua dinastia. Sobre o xogunato de Ieyasu, vide o artigo de João Paulo Oliveira e Costa, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō during the Crisis Of 1600”.

mostrou-se também curioso por um relógio ocidental que recebeu de Nagasaki, retendo Rodrigues e outro irmão para falar sobre o objeto⁴⁶.

Com o excesso de trabalho que tinha em mãos, como intérprete de corte e agente comercial nos negócios da nau do trato, o padre jesuíta teve que abdicar das suas funções de procurador em 1607. Entretanto a chegada dos holandeses aos portos japoneses começava a minar o comércio com Macau e o futuro de João Rodrigues no Japão.

Em 1600, o navio holandês *Liefde*, dera à costa japonesa. Nele vinha o piloto inglês Will Adams, o qual João Rodrigues tentou converter à religião católica, pois o piloto era protestante, mas sem sucesso. O piloto inglês viria a substituir o jesuíta como agente comercial de corte. A presença de holandeses e ingleses no Japão deveu-se a conflitos entre os Países Baixos e Castela. D. Filipe II de Espanha decidira encerrar o porto de Lisboa a ingleses e holandeses, que era o ponto onde estes adquiriam as especiarias. Sob este pretexto, estes povos iniciaram as suas próprias viagens comerciais marítimas. Os conhecimentos de navegação e de geografia obtidos pelos portugueses e espanhóis desde o princípio dos Descobrimentos foram essenciais para tornar essas viagens possíveis. Ieyasu aceitou estabelecer o comércio com os holandeses, mas a sua oferta não conseguia, inicialmente, superar o monopólio dos portugueses. A posse do porto de Macau e a boa vontade dos mandarins locais era uma grande vantagem. Os ingleses desistiram rapidamente do Extremo Oriente por o negócio não lhes ser lucrativo. Tinham em vista outras rotas de comércio. Os holandeses mantiveram-se, e conseguiram, a partir de 1639, monopolizar o comércio europeu com o Extremo Oriente. Como não traziam missionários consigo eram uma mais valia para o xogum.

A última presença de João Rodrigues à corte de Ieyasu ocorreu quando acompanhou a comitiva do navio Nossa Senhora de Graça (conhecido por Madre de Deus⁴⁷). Antes de a comitiva chegar ao porto de Nagasaki tinham ocorrido uns desastres em Macau que levaram à morte de alguns japoneses. Para assegurar que o acontecimento não afetaria as relações comerciais com o Japão, os portugueses pediram que fosse assinada uma declaração em que os sobreviventes assumiam as culpas do incidente. O capitão-mor da nau, André Pessoa, referiu o sucedido ao bugyō⁴⁸ de Nagasaki, mostrando-lhe a declaração, ao que ele respondeu que o assunto não fosse falado a Ieyasu. Quando os sobreviventes regressaram, informaram imediatamente o daimio de Arima, que, por sua vez, informou Ieyasu. Este exigiu que o capitão-mor se apresentasse na corte para explicar o sucedido, pedido este que foi recusado. Os esforços do daimio para conseguir ludibriar André Pessoa não resultaram, até porque os cristãos locais o advertiram para o facto de se tratar de uma armadilha. Numa das noites decidiram partir com a carga por vender, ao que o daimio respondeu enviando cerca de mil e duzentos homens para diversas embarcações para cercar o navio. Depois de três dias a resistir, uma bala despoletou um incêndio na nau Nossa Senhora da Graça. Ciente da impossibilidade de salvação da embarcação, o capitão incendiou o paiol do navio, provocando uma enorme explosão. Apesar do sucedido, as relações comerciais com Macau não foram comprometidas. Porém, Ieyasu ordenou a partida imediata de Rodrigues. O seu envolvimento no comércio e a sua influência na corte tinham gerado demasiadas inimizades que se foram desenvolvendo e manchando cada vez mais o seu nome. Will Adams tomou o seu lugar na corte. O padre jesuíta partiu para Macau em março de 1610, não regressando mais ao Japão.

1.6. A vida de Rodrigues na China

⁴⁶ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁴⁷ Sobre o incidente de Madre de Deus, vide <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=507>.

⁴⁸ Título de magistrado ou governador durante o período do Japão feudal.

Em Macau, Rodrigues encontrou uma vida muito mais calma ao que estava acostumado. Devido à presença de muitos jesuítas vindos também do país do Sol Nascente e às maiores restrições de circulação pelo Império do Meio, não havia muitas funções que pudesse desempenhar. Começou por acompanhar os mercadores portugueses à feira de Cantão, onde conheceu alguns funcionários importantes, aos quais falou sobre a missão cristã. Mais tarde, voltou a desempenhar funções diplomáticas entre portugueses e chineses, relacionados com a Companhia de Jesus na China.

Em 1611 elaborou um relatório anual para Roma. Entre 1613 e 1615 esteve numa missão no interior da China, a pedido do padre Visitador Francisco Pasio, com o intuito de averiguar os ensinamentos das três seitas de filósofos orientais, um trabalho que despoletaria a Questão dos Ritos⁴⁹.

Com mais tempo disponível, João Rodrigues teve a oportunidade de iniciar a escrita da *Arte Breve da Lingoa Iapoa*, a qual foi publicada em 1620, e também do grande projeto da *História da Igreja do Japão*, o qual foi iniciado em após a publicação da *Arte Breve*⁵⁰. A *Arte Breve* é uma gramática japonesa mais compacta e simples do que a primeira *Arte*⁵¹ composta pelo autor. É composta por três livros e destinada a complementar o seu primeiro trabalho. A *História da Igreja do Japão* foi planeada como um trabalho conjunto dos padres da Companhia. Esse trabalho tinha sido primeiramente encomendado ao padre Mateus de Couros⁵², em 1612, mas este, por falta de disponibilidade e saúde, foi dispensado, passando a tarefa a ser confiada a João Rodrigues. Para além do trabalho principal, existe ainda um plano da *História da Igreja do Japão*⁵³. Nesse plano, o padre jesuíta indica que a obra principal seria dividida em três partes. As primeiras duas partes seriam compostas por dez livros e a última por quatro.

A primeira parte teria uma introdução geral ao Japão. O seu povo, a sua cultura, as seitas religiosas, a sua história, as artes liberais e mecânicas e o seu modo de governação. A segunda parte seria dedicada à história da missão no Japão, desde a sua fundação, com a chegada do padre Francisco Xavier, até à data presente. Cada livro deveria cobrir o período de serviço de cada um dos superiores. A última parte seria destinada às missões na China, Indochina⁵⁴ e Coreia, seguindo-se de uma narrativa sumária da missão japonesa. A *História da Igreja do Japão* não seria um trabalho completamente original, pois tinham sido já lançados outros trabalhos de padres jesuítas e autores europeus com base nas informações recolhidas e divulgadas em cartas enviadas e publicadas na Europa. O conteúdo desta obra é baseado nesses trabalhos⁵⁵ e ainda na experiência de João Rodrigues no Japão.

A obra não ficou terminada devido ao falecimento do padre português. Depois da sua morte, o projeto ficou esquecido no fundo documental da Companhia de Jesus, em Macau, até 1747, data em

⁴⁹ A Questão dos Ritos consistia em discutir a melhor forma de acomodar os conceitos da religião cristã ao mandarim.

Enquanto alguns padres defendiam o uso de termos já existentes na China, usados em contexto das seitas orientais, outros, como Rodrigues, defendiam que se deveriam introduzir termos novos, por forma a não misturar a religião cristã com uma seita budista. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁵⁰ Ano de 1620, que corresponde igualmente à data indicada no manuscrito de que dispusemos e sobre o qual incide esta dissertação.

⁵¹ *Arte da Lingoa de Iapam*, também designada de *Arte Grande* publicada em 1608. Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁵² Mateus de Couros (1569-1632), padre jesuíta português nascido em Lisboa. Entrou para a Companhia em 1583, realizando os seus estudos em Coimbra. Chegou ao Japão em 1590, onde foi colega de estudos de João Rodrigues. Foi nomeado companheiro de D. Luís Cerqueira quando este chegou ao Japão em 1598. Desempenhou também o cargo de superior na residência de Hiroshima e reitor no colégio de Arima, que foi transferido para Nagasaki em 1612, devido à instabilidade política. Partiu para Macau em novembro de 1614, mas regressou ao Japão no ano seguinte, onde ficou, escondido, até ao final da sua vida, desempenhando o cargo de vice-provincial. Vide <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=104>

⁵³ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁵⁴ A Indochina é uma região do sudeste asiático, entre o leste da Índia e o sul da China, que inclui, atualmente, países como o Vietname, Laos e Camboja. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Indochina>.

⁵⁵ Mais informações sobre as fontes da História da Igreja do Japão no artigo de Francisco Roque de Oliveira, “A Treatise inside a treatise: Chinese matters in the Historia da Igreja do Japão by João Rodrigues Tçuzu SJ”.

que um padre jesuíta, João Álvares⁵⁶, escreveu ao Procurador da província do Japão em Lisboa, dizendo que lhe enviaria um livro. Da obra total concretizada e idealizada, só terão sido encontrados os dois primeiros livros da primeira parte e o primeiro livro da segunda parte (que engloba o trabalho da missão entre 1549 e 1552), que foram transcritos e enviados para Lisboa, para a Real Academia de História Portuguesa⁵⁷. Após o decreto de extinção de todos os colégios da Companhia de Jesus em território português, promulgado por Sebastião José de Carvalho e Melo, em 1759, a cópia da *História* foi transferida para a biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, onde se encontra atualmente. A obra original foi desviada por João Álvares para Manila, por forma a evitar que viesse a ser destruída, como viria a acontecer com grande parte da documentação jesuíta. Contudo, como a perseguição aos jesuítas decorreu também em domínios não europeus, os fólhos foram confiscados e transportados para Madrid, podendo ser encontrados na Real Academia de la Historia⁵⁸.

É no segundo livro da primeira parte, “livro segundo no qual se trata das artes literais e mecânicas do Japão, de suas letras ou caracteres, sua antiguidade e da língua e poesia japonesa”, que se encontram os nove capítulos (ff.156v-181r) que descrevem a astronomia japonesa e chinesa, sobre os quais esta dissertação incide, onde Rodrigues faz uma pequena introdução das artes mecânicas no Japão e sua origem, passando depois a explicar como funciona a astronomia no Japão e na China, comparando com a ciência ocidental e ainda abordando as suas práticas supersticiosas.

Durante o período de escrita da *História*, Rodrigues prosseguiu a sua vida, exercendo outras funções na missão. No final de 1623, foi nomeado procurador da missão japonesa em Macau, cargo que ocupou até 1627. Em 1628 acompanhou um grupo de portugueses a Cantão, com o objetivo de pedir permissão à passagem de uma expedição militar a Pequim para combater a ameaça manchu, expedição essa que acompanhou no seu percurso até à capital. Pelo caminho encontrou e falou com cristãos locais. Em Pequim conheceu o palácio imperial e em Tengchow (atual Penglai), contactou pela primeira vez com a embaixada da Coreia, entregando presentes destinados ao imperador. A embaixada viria a agradecer mais tarde os presentes do padre jesuíta e o seu nome viria a aparecer nas crônicas dinásticas da Coreia⁵⁹.

Em 1632, uma revolta de soldados chineses resultou na morte de três portugueses. O padre João Rodrigues conseguiu escapar com os sobreviventes para Pequim, sendo mais tarde foi homenageado pelo Imperador, o qual lamentou o incidente. O intérprete submeteu um memorial ao trono e recebeu do conselho de guerra, no mesmo ano, uma proclamação enumerando todos os serviços prestados por Macau ao Império do Meio, na qual fizeram especial referência à sua contribuição. Rodrigues escreveu ainda uma narrativa das ações de Gonçalo Teixeira Correia, uma das vítimas da revolta, que foi publicada em mandarim⁶⁰. No princípio de 1633 regressou a Macau, onde redigiu uma carta para Roma, lembrando o 36º aniversário da morte dos 3 jesuítas japoneses, no martírio de Nagasaki: Paulo Miki, Juan Goto e Diego Kisai, omitindo os 23 franciscanos executados. João Rodrigues acabou por morrer nesse ano de 1633. A informação da sua morte vem numa carta para Roma de 4 de janeiro de 1634 do padre Visitador de Macau, André Palmeiro. A data da sua morte pode ser encontrada na lista dos jesuítas sepultados na igreja de S. Paulo - 1 de agosto de 1633⁶¹.

⁵⁶ João Álvares era auxiliar do padre jesuíta José Montanha, o qual foi responsável pela transcrição de documentos existentes na diocese de Macau, como são a *História da Igreja do Japão* de João Rodrigues e a *Historia de Japam* de Luís Fróis. Vide o artigo de Francisco Roque de Oliveira, “A Treatise inside a treatise: Chinese matters in the Historia da Igreja do Japão by João Rodrigues Tçuzu SJ”.

⁵⁷ A Real Academia de História Portuguesa foi fundada em Lisboa em 8 de dezembro de 1720, por D. João V, na sequência da criação de Academias Régias na Europa ao longo do século XVIII, tendo como objetivo escrever a história de Portugal e conquistas. Vide <http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=214>.

⁵⁸ Vide o artigo de Francisco Roque de Oliveira, “A Treatise inside a treatise: Chinese matters in the Historia da Igreja do Japão by João Rodrigues Tçuzu SJ”.

⁵⁹ Vide Cooper, *Rodrigues, o Intérprete*.

⁶⁰ *Idem, ibidem*.

⁶¹ *Idem, ibidem*.

No dia 6 de outubro de 1644, as autoridades de Cantão publicaram uma ordem concedendo um lote de terreno para a sepultura do padre jesuíta na ilha da Lapa, a Oeste de Macau. O seu corpo foi enterrado em S. Paulo junto a outros 237 correligionários, como Alexandro Valignano ou Martinho Hara. Os túmulos foram perdidos no incêndio da igreja, em 1835, da qual restou apenas a fachada⁶².

1.7. Atividade missionária no Japão após a partida de Rodrigues

A partida de Rodrigues para Macau aliviou a situação dos jesuítas no Japão, mas apenas por quatro anos. Com o comércio holandês bem estabelecido, o xogum já não necessitava da presença de missionários em território japonês e, por isso, a 27 de janeiro de 1614, Tokugawa Ieyasu publicou um decreto de expulsão de todos os missionários do país, que ditava também o início das perseguições àqueles que permaneciam na clandestinidade. Uma grande parte dos missionários abandonou o país em novembro desse ano, mas alguns deles permaneceram no país clandestinamente. Macau tornou-se no novo centro coordenador da atividade jesuíta no Japão.

Tinha-se iniciado o período de perseguições a cristãos no Japão. No ano seguinte, desembarcaram novos missionários, fazendo-se passar por mercadores, e assim continuaram a entrar até 1623, data em que o xogunato proibiu os portugueses de residirem permanentemente em Nagasaki, mesmo que já tivessem constituído família. Os padres e cristãos apanhados eram torturados e mortos, sendo primeiro dada a possibilidade de apostatar. Aqueles que apostatavam tinham obrigatoriamente que se juntar a uma seita budista e praticar o *fumi-e*⁶³, pisando uma figura cristã (de Maria ou Jesus), como prova de que haviam abdicado do cristianismo⁶⁴.

Apesar de algumas apostasias, muitos japoneses cristãos mantiveram-se fiéis, preferindo morrer como mártires. Para tentar reverter a situação, o xogunato tomou medidas mais drásticas, implementando métodos de tortura mais dolorosos, que levavam os prisioneiros a apostatar. Entre os padres europeus também houve apostasias, de entre as quais, ficou famosa a de Cristóvão Ferreira⁶⁵. O objetivo do *bakufu*⁶⁶ não era matar cidadãos, mas sim exterminar o cristianismo no país e por isso recorria também a manobras psicológicas para o conseguir⁶⁷.

Entretanto em 1634, Iemitsu Tokugawa, neto de Ieyasu, ordenou a construção de uma ilha artificial, Deshima, para os comerciantes portugueses, como forma de prevenir a entrada de missionários no país. Contudo, as relações comerciais não viriam a durar muito tempo. Após a revolta de Shimabara, iniciada em 1637, as autoridades japonesas cortaram qualquer tipo de relação com Portugal. Em 1639, numa tentativa de reestabelecer o comércio com Nagasaki, chegou ao porto japonês a nau do capitão Vasco Palha de Almeida, ao qual foi entregue uma cópia de um decreto assinado pelo xogum que proibia toda a espécie de comércio entre Macau e Nagasaki⁶⁸. Outra

⁶² *Idem, ibidem.*

⁶³ O termo significa, literalmente, pisar uma figura. Designava o ato de pisar figuras ligadas ao Cristianismo, por parte dos cristãos no Japão, por forma a provar que estes tinham abdicado da sua religião.

⁶⁴ Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*.

⁶⁵ Cristóvão Ferreira (1580-1650) apostatou após cinco horas de tortura. Permaneceu no Japão, onde formou uma família e adotou o nome de Sawano Chuan. Participou nos julgamentos de jesuítas capturados. Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*.

⁶⁶ Xogunato, governo militar do xogum.

⁶⁷ A obra fictícia *Silence* de Shūsaku Endō faz uma abordagem interessante daquilo que terá sido o período de perseguições a cristãos, colocando em cena um antigo aluno de Cristóvão Ferreira que se dirige ao Japão para descobrir a verdade por detrás da apostasia do seu mentor.

⁶⁸ Vide Martins Janeira, *O Impacto Português*.

tentativa foi feita em 1647, após a Restauração da Independência em Portugal, também ela sem qualquer efeito. A revolta de Shimabara⁶⁹ fora desencadeada como resposta ao aumento de impostos. Aproveitando a revolta, os cristãos demonstraram também o seu descontentamento pela opressão sofrida nos últimos anos e, por esse motivo, a rebelião foi associada ao cristianismo e, portanto, aos portugueses, que transportavam missionários nas naus.

O acontecimento fez com que o Japão encerrasse fronteiras com o mundo de modo a preservar a sua identidade cultural, mantendo apenas o comércio com a Holanda, a China e a Coreia. Embora fechado fisicamente, o país continuou a receber livros sobre ciência europeia. Já os livros que mencionassem o cristianismo eram expressamente proibidos. A situação manteve-se assim por mais de 200 anos, até à Revolução Meiji.

Apesar do ambiente de perseguição e opressão que os cristãos viviam, muitos deles mantiveram-se fiéis à sua religião, praticando às escondidas. Eram designados de *kakure kirishitan* (隠れキリシタン). Possuíam em suas casas peças cristãs, que escondiam em paredes, alicerces, ou em figuras budistas. As comunidades cristãs permaneceram escondidas até a revolução Meiji, quando finalmente puderam assumir a sua devoção ao cristianismo. Reergueram-se igrejas e criaram-se memoriais no Japão, nos principais pontos de presença missionária, evocando uma cristandade japonesa que viveu escondida durante o período Tokugawa⁷⁰.

1.8. Cronologia da vida de Rodrigues⁷¹

1560/1561 – Nascimento de João Rodrigues.

1577 – Chegada de João Rodrigues ao Japão.

1580 – A 24 de dezembro entra no noviciado de Usuki.

1581 – No Outono inicia os estudos de humanidades em Funai.

1583 – Termina o curso de humanidades no Verão. A 21 de outubro inicia o estudo de filosofia ainda em Funai.

1585 – Termina os estudos de filosofia no Verão. Inicia em setembro os estudos de teologia, mas interrompe imediatamente no mês seguinte devido à invasão a Bungo.

1586 – O colégio de Funai é transferido para Yamaguchi em dezembro, onde Rodrigues prossegue os seus estudos.

1587 – O decreto anticristão de 25 de julho de Hideyoshi obriga os jesuítas a se retirarem para Hirado em agosto, à espera de transporte para fora do país. Felizmente o édito teve poucos efeitos práticos e Rodrigues pode retomar os estudos no Outono. Começa também a ensinar humanidades aos seus colegas seminaristas.

1588 – Após o mês de abril começa a ensinar latim na escola para rapazes em Hachirao.

1589 – Acaba de dar aulas em Hachirao em abril. Durante o Outono retoma os estudos de teologia.

⁶⁹ A revolta de Shimabara foi uma revolta de camponeses que ocorreu em 1637, devido ao aumento de impostos. Os revoltos refugiaram-se no castelo de Hara. O xogum enviou de imediato tropas para os silenciar, ficando cercados durante cerca de 1 ano. Os holandeses foram obrigados a colaborar com o xogum no fornecimento de armamento. Em 1638 os revoltos foram derrotados. Este acontecimento aumentou o aperto às perseguições cristãs.

⁷⁰ Para mais informações sobre o Património de Cristianismo no Japão vide Inês Carvalho Matos, *Património de Cristianismo no Japão*

⁷¹ Esta cronologia foi retirada da obra de Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete: Um jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, à qual foram feitas algumas adaptações.

- 1590** – Prossegue os estudos. Em dezembro parte para Miyako para participar em negociações diplomáticas.
- 1591** – Passa a maior parte do ano em Miyako devido à missão diplomática. Regressa a Nagasaki no final do ano.
- 1592** – Chegada da embaixada das Filipinas. Entrada dos primeiros frades franciscanos no Japão.
- 1593** – Nascimento do filho de Toyotomi Hideyoshi, Toyotomi Hideyori.
- 1592-1595** – Continua os estudos de teologia em Nagasaki, intercalando com missões na corte.
- 1596** – Ordenação de João Rodrigues na diocese de Macau. Chegada do bispo do Japão, D. Pedro Martins, ao Japão.
- 1597** – Martírio de Nagasaki. 26 cristãos foram assassinados: 23 franciscanos e 3 jesuítas. João Rodrigues acompanhou e assistiu à execução.
- 1598** – D. Pedro Martins é afastado do cargo de bispo do Japão, sendo substituído por D. Luís Cerqueira, que chegou ao país acompanhado de Alessandro Valignano (na sua última visita ao Japão). João Rodrigues é nomeado conselheiro da residência de Nagasaki e procurador da Companhia no Japão. Morte de Toyotomi Hideyoshi. Rodrigues visita os nobres e altos funcionários, pedindo a sua boa vontade para com os cristãos.
- 1600** – Vitória de Tokugawa Ieyasu na batalha de Sekigahara. Chegada do navio holandês *Liefde* à costa japonesa. João Rodrigues contacta com o piloto inglês Will Adams, numa tentativa malsucedida de o converter ao cristianismo.
- 1601** – Procissão solene de João Rodrigues.
- 1603** – Ieyasu é nomeado xogum do Japão (início do período Tokugawa). João Rodrigues visita o xogum e consegue obter uma permissão oficial para os missionários operarem no Japão. É também nomeado como intérprete de corte e agente comercial de Ieyasu.
- 1606** – Rodrigues leva um relógio a Ieyasu, como presente de Nagasaki. O bispo D. Luís Cerqueira é recebido por Tokugawa Ieyasu (na altura já xogum “reformado”).
- 1607** – O padre Vice-Provincial Francisco Pasio é recebido por Tokugawa Ieyasu, partindo depois para Edo para uma audiência com o xogum Tokugawa Hidetada. João Rodrigues abdica do cargo de procurador da Companhia devido ao excesso de trabalho em mãos.
- 1604-1608** – João Rodrigues escreve a *Arte da Lingoa de Iapam*.
- 1609** – Chegada da nau Nossa Senhora da Graça, conhecida como Madre de Deus.
- 1610** – Incidente do Madre Deus, que resulta no naufrágio da nau, a carga e seus tripulantes. João Rodrigues é obrigado a partir para Macau, não regressando mais ao Japão. As suas funções na corte são substituídas pelo piloto inglês Will Adams.
- 1611** – João Rodrigues elabora um relatório anual para Roma.
- 1614** – Promulgação de um novo édito anticristão no Japão, pelo xogunato Tokugawa.
- 1613-1615** – A pedido do padre Visitador Francisco Pasio, João Rodrigues vai numa missão ao interior da China, investigar os ensinamentos das três seitas filosóficas orientais, despoletando a Questão dos Ritos.
- 1620** – Publicação da *Arte Breve da Lingoa Iapoa*. Começa a escrever a *História da Igreja do Japão*, obra que ficou incompleta devido à morte do intérprete jesuíta.
- 1623-1627** – Exerceu o cargo de procurador da missão japonesa em Macau.

- 1628** – João Rodrigues acompanha um grupo de portugueses a Cantão, com o objetivo de pedir permissão à passagem de uma expedição militar a Pequim para combater a ameaça manchu. Também acompanhou a expedição no seu percurso até à capital.
- 1632** – Uma revolta de soldados chineses resulta na morte de, pelo menos, três portugueses. João Rodrigues consegue escapar com os sobreviventes para Pequim. É posteriormente homenageado numa proclamação pelos serviços prestados ao Império do Meio. Rodrigues escreve ainda uma narrativa sobre as ações de Gonçalo Teixeira Correia, uma das vítimas da revolta, que é depois publicada em mandarim.
- 1633** – João Rodrigues regressa a Macau onde redige uma carta para Roma, relembrando o 36º aniversário da morte dos 3 jesuítas japoneses, no martírio de Nagasaki. Morre no dia 1 de agosto. O seu corpo foi enterrado em S. Paulo.
- 1747** – O padre jesuíta João Álvares, escreve ao Procurador da província do Japão em Lisboa, dizendo que lhe envia um livro, composto pelos dois primeiros livros da primeira parte e o primeiro livro da segunda parte da *História da Igreja do Japão*.
- 1759** – Com o decreto de extinção de todos os colégios da Companhia de Jesus, a cópia da transcrição da *História da Igreja do Japão* é transferida para a Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda. O original é enviado para Manila, mas é posteriormente apreendido e enviado para a Real Academia de la Historia, em Madrid.

Capítulo 2 - Análise do manuscrito de João Rodrigues⁷²

2.1. Introdução geral do manuscrito

Entrando no conteúdo da *História da Igreja do Japão*, esta parte do trabalho foca-se nos capítulos 8 a 16 (fólios 156v a 181r) do “Livro segundo, no qual se trata das artes Liberaes, e Mecanicas de Iapão, de suas Letras, ou Carateres, antiguid^e, e da lingoa, e poesia Iapoa”, que pertence à primeira parte da obra, a qual, como foi indicado anteriormente, não ficou completa devido à morte do seu autor, e deixada no esquecimento durante, praticamente um século, tendo sido apenas recuperados os dois primeiros livros da primeira parte, e o primeiro livro da segunda parte, não sendo possível seria acrescentada mais alguma informação sobre o tema em análise. O manuscrito usado para a transcrição é, em si, já uma cópia do trabalho original, datada do século XVIII, sendo que algumas partes referidas no texto, como esquemas e figuras não estão presentes nesta versão e, por isso, não são passíveis de ser avaliados.

Analisando de uma forma geral o conteúdo do manuscrito em si, Rodrigues começa no capítulo 8 por explicar a origem das artes liberais e mecânicas na China e no Japão. A maioria dos costumes e conhecimentos no Japão têm origem na China, como é o caso da Astronomia e da Cosmologia. Devido ao caráter meritocrático e burocrático das organizações chinesas, sem grande espaço para debates e discussões acadêmicas, este conhecimento não sofreu grandes alterações ao longo dos tempos, desde as suas origens que remontam à época dos primeiros padres, antes do dilúvio. Preservado por Noé, foi passado a seus filhos e netos, que vieram a espalhar-se pelo mundo e a povoá-lo, servindo de base à constituição das várias civilizações. Entre as várias famílias que povoaram o mundo, destacam-se, na China, três sábios, responsáveis por introduzir a civilização e a organizá-la, ensinando a usar o fogo para cozinhar, a agricultura e criação de gado, a medicina e virtude das plantas, implementando uma organização social na forma de Império, edificando cidades, criando comunidades, ensinando as línguas e as demais artes liberais e mecânicas. Foram eles Fu Xi, Shennong e Huangdi, conhecidos como os três augustos ou três soberanos, considerados como semideuses no Extremo Oriente. João Rodrigues aponta estes três nomes, embora seja possível encontrar outras variantes conforme a fonte utilizada⁷³.

Nos capítulos seguintes, o autor começa a explicar a organizaçã da astronomia chinesa e japonesa, a divisã do céu, a divisã do tempo em meses, dias, horas, as estações do ano, os signos. Em termos da cosmologia, aborda os cinco elementos e as qualidades do tempo, a dualidade *yin yang* e a forma da terra e do céu. Por último faz umas considerações sobre a astrologia judiciária e magia natural, muito proeminentes no Oriente, especialmente no Japão. Em todo o trabalho, Rodrigues refere-se à China e ao Japão como reinos, por analogia à estrutura hierárquica europeia, embora se tratem de Impérios. Esta comparação era usada frequentemente nas cartas e trabalhos dos padres

⁷² Esta parte do trabalho foca-se essencialmente no manuscrito de João Rodrigues, entre os fólios 156v e 181r, e na obra de Shigeru Nakayama, *A History of Japan Astronomy – Chinese Background and Western Impact*.

⁷³ Existem pelo menos 6 variações para o conjunto dos três soberanos da China. Vide https://en.wikipedia.org/wiki/Three_Sovereigns_and_Five_Emperors#cite_note-clight1-5.

jesuítas, por força do hábito e por facilitar a compreensão da organização social destas civilizações. Na realidade, o Imperador é uma figura quase mitológica que representa o filho do Céu, sendo extremamente admirada de uma forma divina pelo seu povo.

2.2. Ramificações da Astrologia japonesa

Primeiro que tudo convém frisar que os termos ‘astronomia’ e ‘astrologia’ são usados um pouco de forma equivalente ao longo da obra de João Rodrigues. É mais comum o uso do termo ‘astrologia’ no sentido da previsão de fenómenos celestes no contexto dos seus efeitos na terra, e ‘astronomia’ relacionada com a componente matemática e elaboração do calendário, de forma a representar o mais fielmente possível os movimentos celestes. A astrologia, servindo-se das previsões astronómicas, analisava os dias bons e maus para realizar certos tipos de atividades e servia de alicerce para a governação do Império. Era importante analisar as ocorrências irregulares, pois estas indicavam uma má conduta do Imperador, podendo mesmo levar à sua renúncia ao “trono”. A Astrologia era dividida em Magia Natural e Astronomia.

A Magia Natural, designada de *Eki* (termo que significa adivinhação), tratava de assuntos como a produção do universo, os princípios das coisas naturais, as gerações e corupções (o correspondente a filosofia natural na Europa) e da influência dos fenómenos celestes no destino e na vida das pessoas (que João Rodrigues compara à genética). A Astronomia, designada de *Reki* (que significa calendário, almanaque), tratava dos fenómenos celestes em si, a sua previsão, cálculo e elaboração dos calendários. Dentro da Astronomia, distinguiam ainda entre astronomia especulativa e astronomia prática. A astronomia especulativa como o cálculo e descrição dos movimentos planetários⁷⁴, das conjunções e dos eclipses. A astronomia prática como a reflexão dos fenómenos, calculados pela astronomia especulativa, nas situações práticas do dia-a-dia, como por exemplo, os melhores dias para fazer determinadas atividades, como a agricultura.

A adivinhação e a astrologia de corte, no Japão, eram atividades exercidas por uma família. Era um cargo hereditário pertencente a um “departamento” denominado de quadro *Yin Yang*. Na China os cargos eram burocráticos e baseados no mérito académico. A adivinhação estava separada da componente científica da astrologia (calendário, astrologia e contagem do tempo), mas no Japão as duas estavam integradas no mesmo quadro. O Japão atribuía maior importância à adivinhação e à astrologia, enquanto na China, a astrologia e o calendário eram mais importantes. Como consequência destas diferenças os calendários chineses eram frequentemente revistos (eram aliás reformados em cada nova dinastia imperial), ao passo que os calendários japoneses não sofreram qualquer reforma entre os séculos X e XVI, e mesmo as que tiveram durante o período de intercâmbio cultural com a China, entre os séculos VII e IX, estavam sempre desatualizadas relativamente ao Império do Meio. A maioria dos conhecimentos do Japão teve origem na China durante esse período. Com a cessão da permuta cultural no século X, o desenvolvimento da astronomia no país do Sol Nascente entrou em decadência e estagnou. A atividade do quadro *Yin Yang* tornou-se cada vez mais supersticiosa e menos científica. A perda de poder governativo do Imperador para o xogum e a situação instável que se vivia com as disputas por domínios feudais no país contribuíram para o desinteresse no desenvolvimento científico da astronomia, e a consequente perda de credibilidade do Astrólogo de Corte. Os monges

⁷⁴ O calendário japonês centrava-se quase exclusivamente na análise do movimento do Sol e da Lua, para a previsão de eclipses. O estudo do movimento dos restantes planetas não fazia parte do âmbito da astronomia tradicional nem da magia natural. O seu único uso era na determinação das suas posições para prever os bons ou maus dias, na astrologia judiciária. Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*.

budistas, por outro lado, continuaram a manter relações com a China e a desenvolver as suas ideias cosmológicas, mesmo após o declínio das instituições burocráticas no Japão.

2.3. Cosmologia

2.3.1. Visões budistas do mundo

As teorias cosmológicas no Japão derivavam das ideias vindas da China e nunca encontraram um grande desenvolvimento, pelo menos até ao aparecimento de novas teorias vindas do Ocidente⁷⁵. João Rodrigues aponta que existiam, no Japão e na China, várias teorias sobre quantos mundos havia, muitas delas comuns às teorias de filósofos da antiga Grécia. Provavelmente, esta multiplicidade de ideias deriva da existência de várias “religiões”⁷⁶ no Oriente, as quais João Rodrigues foi especialmente estudar entre 1613 e 1615 no interior da China.

No manuscrito, o padre jesuíta descreve as ideias budistas quanto à existência e número de mundos. Xaca ou Buda, colocava três mundos, denominados de *Sangai* (literalmente, três mundos), sobre os quais colocava 33 céus. O primeiro mundo era o mundo da concupiscência, do desejo, *Yokkai*. O segundo mundo era o mundo corpóreo, da forma, da cor, *Shikikai*. O terceiro mundo era o oposto do segundo, o mundo sem forma, sem cor, *Mushikikai*. Nestes três mundos existia um monte muito alto, em forma de pirâmide quadrangular, chamado *Shumisen* (monte Sumeru)⁷⁷. Cada um dos lados deste monte apontava numa direção dos quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Este, Oeste) e tinha características específicas:

- A parte Sul era quente, associada ao elemento fogo, e à forma piramidal. Nela habitavam os seres humanos.
- A parte Norte era associada ao elemento água e à forma circular.
- A parte Ocidental era associada também ao elemento água e à forma quadrada ou cúbica.
- A parte Oriental era associada ao vento ou virtude locomotiva e à forma semicircular.

⁷⁵ Depois do período de intercâmbio cultural com a China, não houve grande desenvolvimento de ideias cosmológicas no Japão, sendo a primeira referência sobre o assunto surgiria apenas em 1414, em *Rekirin mondou shuu*, uma coleção de diálogos sobre o calendário, escrita pelo astrónomo de corte, Kamo no Arikata, onde abordava várias ideias confucionistas. Mais tarde, a presença dos padres jesuítas no Japão viria a suscitar o debate destes temas. Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 43.

⁷⁶ Talvez o mais correto seja chamar de correntes de pensamento, pois não têm o mesmo sentido de crença religiosa que o cristianismo.

⁷⁷ Na cosmografia budista, o centro da Terra era o Monte Sumeru (*Shumisen*), em volta do qual orbitavam o Sol, a Lua, as estrelas. Este monte era colocado nos Himalaias e Índia. Esta ideia tem origem no Jainismo, uma espécie de religião indiana datada do século V A.C.

Segundo a obra de Shigeru Nakayama, o monte era composto por nove níveis concêntricos, entre os quais existiam depressões com água, sendo cada nível rodeado por água. Em cada mundo “budista” existia um monte Sumeru. O único polo existente na Terra era o polo norte, denominado de polo central, e estava localizado no topo do monte Sumeru. Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 205.

Tabela 2.1 - lados do monte Sumeru com os respectivos elementos e forma, de acordo com a descrição de João Rodrigues.

Lado do monte	Elemento	Figura
Sul	Fogo	Pirâmide
Norte	Água	Círculo
Oeste	Água	Quadrado ou cubo
Este	Vento ou virtude locomotiva	Semicírculo

Este monte estava fundado sobre três orbes, a última das quais era de água. A sua altura total, segundo João Rodrigues, era de 92160 léguas, estando metade do monte dentro e a outra metade fora de água⁷⁸. É delgado no meio e largo no topo e em baixo, como se fosse um relógio de areia. Sobre ele estavam 33 céus, repartidos nas três ordens. A Lua, Sol e planetas movem-se em seu redor, definindo assim a sucessão de dias, noites, meses e anos.

Para os budistas, o universo existia para ser contemplado e não compreendido racionalmente e por isso era totalmente plausível a colocação de milhares de mundos. Depois dos três mundos, os falavam ainda em 3000 mundos, divididos em três grupos: o primeiro chamado de 1000 mundos pequenos; o segundo grupo por 1000 mundos do meio; o terceiro e último grupo, por 1000 mundos grandes. Todos eles possuíam um monte Sumeru no centro. A sua conceção dos vários mundos era metafórica, sendo que, na realidade, consideravam apenas um único mundo habitado.

2.3.2. Cosmologia taoista e confucionista

Das teorias sobre a existência de vários mundos, João Rodrigues parte para a essência da dualidade Céu-Terra das teorias taoistas e confucionistas, a qual era considerada como a origem de tudo o que existia em redor. O céu tinha a propriedade *Yang*, masculina, ampla, forma redonda e rodeava a Terra, que tinha a propriedade *Yin*, feminina, concentrada no centro do universo e de forma quadrada. Em cada um dos lados da Terra existia mar, totalizando quatro mares, que eram designados de *Shikai*, termo que significa literalmente quatro mares. A Terra estava imóvel, ao contrário do Céu, que se movia num fluxo contínuo, e apenas a sua superfície era habitada. Tudo o que não era terra e mar fazia parte do Céu.

O Céu

No Oriente o Céu tem uma importância primordial e é designado por vários termos, cada um embarcando uma conotação própria. João Rodrigues explica seis sentidos distintos em que o termo é empregue:

⁷⁸ Nas unidades originais, o monte Sumeru tinha 80000 *yojanas* fora de água, e outras 80000 em profundidade (fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Mount_Meru_\(Buddhism\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Mount_Meru_(Buddhism))). O valor de uma unidade *yojana* não é consensual, mas estará entre os 10 e os 15 km (fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Yojana>). Tomando o valor da légua como, aproximadamente, 5,56 km (légua marítima, [https://en.wikipedia.org/wiki/League_\(unit\)#Brazil_and_Portugal](https://en.wikipedia.org/wiki/League_(unit)#Brazil_and_Portugal)), o valor dado por João Rodrigues é muito inferior ao valor atualmente apresentado.

- Em primeiro lugar, enquanto uma das três coisas principais do Universo⁷⁹, pelo termo *Tentō*, que significa via ou ordem do Céu, ou ciência do Céu, e compreende tudo o que há na região do ar, a sua natureza, as suas qualidades e disposições e as suas mudanças.
- Em segundo lugar, é considerado como virtude ativa, predominante e geradora, designado pelo termo *Ken*. A terra, pelo contrário, é a virtude passiva e receptiva, designada por *Kon*. Os dois termos formam uma unidade dual e complementar que ordena todas as coisas no Universo.
- Em terceiro lugar, é a virtude influente e predominante sobre as coisas inferiores (a Terra e os seus habitantes), designada por *Tenmei*⁸⁰. Outras designações também usadas que reforçam a mesma ideia são *Tenri* (*ratio caeli*, a razão do Céu), *Tenjin* (espírito do céu) ou *Tentoku* (virtude celeste)⁸¹.
- Em quarto lugar, é definido enquanto a sua constituição, como ar fluído e transparente, designado como *Taikyo* que significa grande vácuo, infinito e incorpóreo.
- Em quinto lugar, como ordem universal e perpétua, a partir da qual são fundadas as leis humanas e a doutrina moral. Partindo dessa lógica estabeleceram como imperador, o sucessor legítimo do primeiro homem e da primeira mulher, o qual é considerado filho do Céu⁸², uma figura divina de grande importância espiritual no Oriente.
- Em sexto lugar é considerado, na sua generalidade e enquanto entidade física, como a região aérea e etérea, constituído por estrelas, planetas (que são a componente corpórea do Céu, e têm forma globosa), impressões aéreas e pelos cinco elementos ou qualidades elementares (fogo, madeira, terra, água e metal), designado por *Ten*.

O céu físico era único e não se dividia em orbes distintos, como sucedia na física aristotélica. O movimento dos astros era próprio deles e não derivado da rotação de orbes celestes. Era um movimento regular, bem determinado e em espira, de Este para Oeste⁸³. A cada um dos planetas era associado um elemento (*yun*): fogo, madeira, água, terra, metal. Estes elementos não se geravam nem corrompiam. Eram princípios a partir dos quais as coisas se compunham. Para além dos elementos, existiam, segundo Rodrigues, quatro qualidades: quente, frio, seco e húmido⁸⁴, cujas fontes eram o Sol e a Lua, os quais eram também entidades duais, como o Céu e a Terra: o Sol, fonte das qualidades quente e seco; a Lua, das qualidades frio e húmido.

⁷⁹ Designadas de *Sansai*, termo que significa os três poderes. São eles o Céu (*Tentō*), Terra (*Chitō*) e o ser humano (*Jintō*).

⁸⁰ *Tenmei* é uma contração dos termos *Ten*, que significa Céu, e *Mei*, que significa fado ou destino.

⁸¹ Estes três termos são também contrações da palavra Céu (*Ten*), com outra palavra: *Ri*, que significa razão, *Shin*, que significa espírito, e *Toku*, que significa virtude. Todas estas designações associadas à palavra Céu simbolizam a ideia de uma força celeste que influencia as coisas mundanas.

⁸² No Japão e na China têm o termo *Tenshi* para designar o Imperador, que significa, literalmente, filho do Céu. Este Imperador seguia o Mandato do Céu e por isso as previsões astrológicas eram importantes para regular o bom funcionamento do seu reinado.

⁸³ Sobre o movimento em espira, diz Rodrigues no fôlio 163r “porque como tenhamos que os Corpos dos Astros se movem por sy, e não com o movimento do Ceo, não poderão entender no mesmo corpo dous movimentos contrarios entre sy no mesmo tempo; donde cuidão que se movem p[or] modo de espiras fazendo cada dia seu movimento, rapto, ou diurno, e juntamente vão subindo, ou decendo para hum dos dous tropicos, donde fazem o Equinocio vernal no Oriente em Libra, e o outunal⁸³ no Poente, em⁸³ Ariete, correndo signo ao contrario dos nossos do Oriente para Occidente”. No fôlio 165r, volta a referir que “o natural dos planetas cada hum por seu caminho limitado, movendose sômente o corpo do Astro no ar por modo de espira athe tornar ao ponto onde começou seu curso”. Sabe-se que, segundo as teorias confucionistas, o movimento de Este para Oeste era mais fluído e yang nas estrelas e que se vinha tornando mais yin e menos fluído para os astros mais próximos da Terra, sendo a Terra dotada da maior energia yin, estagnada no centro. Vide mais em Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, pp. 42-43.

⁸⁴ Segundo o autor Shigeru Nakayama, o número de qualidades, denominadas e chi, é seis: frio, quente, seco, húmido, ventoso e ígneo. O mesmo indica que as quatro qualidades (acima descritas) têm origem aristotélica. É possível que o padre jesuíta estivesse simplesmente a fazer uma transposição para a astronomia europeia, ou então foi mesmo por engano e omissão. Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, pp. 112-113.

Tabela 2.2 - Correspondência entre os cinco elementos e o seu lugar natural, o planeta e a estação do ano. Retirado da obra de Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 48.

Elemento	Região	Planeta	Estação do ano
Fogo	Sul	Marte	Primavera
Água	Norte	Mercúrio	Verão
Madeira	Este	Júpiter	Outono
Metal	Oeste	Vénus	Inverno
Terra	Centro	Saturno	Fim do Verão

A Terra

A Terra é geralmente designada, enquanto entidade física, pelo termo *Chi*. Este termo compreendia a terra (enquanto solo), o mar, lagos, pedras, árvores e tudo aquilo que existia à superfície. A terra, água, metais, madeira, fogo nela existentes não eram iguais aos elementos puros. Eram coisas mistas, que se geravam e corrompiam, como todas as outras coisas naturais. Para além de *Chi*, a Terra era também designada de *Shikai*, que significa quatro mares (os quatro mares que a delimitam), os quais estavam sustentados no ar, ou por *Tenka*⁸⁵, que significa mundo inferior, submetido à influência celeste. O centro da terra era um monte localizado no Tibete, que se encontrava sobre um lago, a 33° de elevação boreal e 123° de longitude⁸⁶. A superfície habitada pelos seres humanos estaria afastada para Noroeste da Terra e era constituída por três reinos, designados de *Sangoku*⁸⁷: *Nippon* (Japão), *Taitō* (China, onde se inclui a Coreia e a Tartária) e *Tengiku* (Índia). O centro do mundo habitado ficava em Kaifeng, antiga corte e capital do Império chinês⁸⁸. Para Oeste deste monte haveria cerca que 30000 *Ri* de superfície terrestre. Para Este, 20000 *Ri*⁸⁹.

Criação do mundo

No Japão e na China, o ar era considerado como matéria eterna. A criação do mundo não era obra de um princípio criador, mas pela virtude do movimento perpétuo do ar que, em certo momento teria produzido um caos em forma de globo. Esse caos era por vezes comparado ao ovo de uma galinha⁹⁰, com a clara transparente e a gema, opaca e turva simbolizando a confusão, no interior de

⁸⁵ *Tenka* é uma palavra que junta os caracteres Céu (*Ten*) e inferior ou debaixo (*ka*), significando o mundo, a Terra, que está abaixo do Céu.

⁸⁶ Graças à informação prestada pelo Dr. António José Duarte Costa (Oficial da Marinha, Professor de Navegação na Escola Naval), arguente desta dissertação, a quem agradeço todas críticas apontadas a este trabalho, a zona referida no manuscrito de Rodrigues refere-se a uma zona na atual província chinesa de Qinghai, onde nascem o rio Amarelo e o rio Yantze, os dois maiores rios chineses. Aponta ainda que as coordenadas geográficas apontadas pelo padre jesuíta são muito próximas dos valores reais, principalmente em termos de longitude, que era mais difícil de determinar. O centro do lago Qinghai situa-se nos 100° E. João Rodrigues indica o valor 123° E, porém este valor não tem origem no semimeridiano de Greenwich como atualmente, mas sim nas Canárias, que ficam a 18° O. Com as devidas correções obtém-se que a longitude indicada pelo missionário português difere apenas em 5° do valor real, o que é um valor muito exato para a época.

⁸⁷ *Sangoku* é a junção dos kanji três (*san*) e país ou reino (*goku*), significando três reinos.

⁸⁸ Kaifeng foi capital da China durante a dinastia Song (960–1279). Vide <https://en.wikipedia.org/wiki/Kaifeng>.

⁸⁹ Cada *Ri* corresponde a 3,927km. Consultado no dicionário indicado em bibliografia.

⁹⁰ Vide mais sobre a teoria *Hun T'ien* em Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 35.

uma esfera. Com o contínuo movimento do ar, o caos acabou por se dividir. Para cima subiu o que era puro, claro e leve, como o ar e o éter e, a partir dos cinco elementos e suas qualidades, formaram-se as estrelas, planetas, Sol e Lua. Para baixo foi o que era turvo e impuro, ficando no meio do caos, onde se condensou e formou a Terra. Com o tempo, Céu e Terra foram-se aperfeiçoando, criando depois o primeiro homem e a primeira mulher e todas as outras coisas vivas existentes. Acreditavam ainda que o Universo deveria durar, desde a sua origem, 12 ciclos⁹¹ de 10800 anos, aos quais chamavam ano grande, que Rodrigues diz corresponder ao ano platónico⁹² no Ocidente. Acreditavam que depois deste tempo, o Universo tornaria ao caos inicial, iniciando-se um novo ciclo, e assim sucessivamente.

2.4. Organização celeste

O céu era dividido de várias formas. A esfera celeste tinha 365°25', cada grau correspondendo a 100 minutos, e cada minuto a 100 segundos⁹³. Era também repartido em nove partes, chamadas as nove divisões do céu⁹⁴: oito partes ou direções de 45°65'62'' cada⁹⁵, por onde distribuíam 28 constelações, pelas quais o Sol passava ao longo do ano; e o céu do meio, que ficava no Polo Norte celestial, onde estavam as três constelações que podiam ser vistas durante todo o ano⁹⁶. Cada parte tinha um nome próprio, que o autor não refere na transcrição, com as suas propriedades, começando a primeira constelação na estrela *spica virginis*. Todas as constelações têm uma correspondência com as estrelas do zodíaco ocidental, como se pode ver na tabela seguinte.

Tabela 2.3 - As 28 mansões lunares (constelações), divididas pelas quatro regiões do Céu, conhecidas pelos quatro símbolos, cada um associado a um animal exótico: o Dragão Azul (青龍) a Este; a Tartaruga Negra (玄武), a Norte; o Tigre Branco (白虎), a Oeste; e o Pássaro Vermelho (朱雀), a Sul. Estas mansões guiavam o percurso da Lua em volta da Terra. De notar que João Rodrigues menciona as 28 constelações, mas não refere a divisão por quatro regiões do Céu, mas sim oito (dos nove Céus que diz existir). Retirado de: https://en.wikipedia.org/wiki/Twenty-Eight_Mansions.

Quatro símbolos (四神, <i>shijin</i>)	Mansão (宿, <i>shuku</i>)		
	Nome	Tradução	Estrela principal
Dragão Azul do Este (東方青龍) Primavera	角 (Kaku)	Chifre	α Vir
	亢 (Kou)	Pescoço	κ Vir
	氐 (Tei)	Raiz	α Lib

⁹¹ O número 12 é muito recorrente na astrologia japonesa, com os 12 signos do “zodíaco” chinês, os doze meses lunares, as doze horas, os ramos terrestres. Aparentemente está associado ao período orbital de Júpiter, de aproximadamente 12 anos (fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Earthly_Branches).

⁹² Segundo o *De Natura Deorum* de Cícero, o ano grande, ou ano platónico, ocorre quando o sol, a lua e os cinco planetas terminam o seu curso e retornam às suas posições relativas iniciais. Vide <https://archive.org/details/denaturadeorumac00ciceuoft>

Atualmente é definido como um ciclo completo dos equinócios em torno da eclíptica, estando relacionado com a precessão dos equinócios. Fonte: <http://www.hq.nasa.gov/office/hqlibrary/aerospacedictionary/aerodictall/g.html>

Terá um período de cerca de 25800 anos, o que é um valor muito inferior oriental. É curioso o João Rodrigues fazer a associação entre o ano grande oriental e o ano grande ocidental, quando a discrepância entre valores é tão grande.

⁹³ O grau como unidade de medida na China e no Japão era centesimal e não sexagesimal.

⁹⁴ As nove divisões do céu são designadas pelo termo *Kyuuuten* (ou *Jiutian*, em mandarim), que junta os kanji de nove (*kyuu*) e Céu (*ten*). Vide <https://en.wikipedia.org/wiki/Tian>.

⁹⁵ As oito partes totalizam os 365°25' totais do céu.

⁹⁶ Vide https://en.wikipedia.org/wiki/Chinese_constellations.

	房 (Bō)	Quarto	π Sco
	心 (Shin)	Coração	σ Sco
	尾 (Bi)	Cauda	μ Sco
	箕 (Ki)	Cesto de desempalhar	γ Sgr
Tartaruga Negra do Norte (北方玄武) Inverno	斗 (To)	Ursa (do Sul)	φ Sgr
	牛 (Ushi)	Boi	β Cap
	女 (Jo)	Rapariga	ε Aqr
	虛 (Kyo)	Vazio	β Aqr
	危 (Ki)	Telhado	α Aqr
	室 (Shitsu)	Acampamento	α Peg
	壁 (Kabe)	Parede	γ Peg
Tigre Branco do Oeste (西方白虎) Outono	奎 (Kei)	Pernas	η And
	婁 (Rō)	Vínculo, ligação	β Ari
	胃 (I)	Estômago	35 Ari
	昂 (Subaru)	Cabeça peluda	17 Tau
	畢 (Hitsu)	Rede	ε Tau
	觜 (Shi)	Bico de tartaruga	λ Ori
	參 (Shin)	Três estrelas	ζ Ori
Pássaro Vermelho do Sul (南方朱雀) Verão	井 (Sei)	Nascente ou fonte	μ Gem
	鬼 (Oni)	Fantasma	θ Cnc
	柳 (Ryū)	Salgueiro	δ Hya
	星 (Sē)	Estrela	α Hya
	張 (Chō)	Rede estendida	ν Hya
	翼 (Tsubasa)	Asas	α Crt
	軫 (Shin)	Carroça	γ Crv

A esfera celeste estava também organizada por três caminhos circulares⁹⁷: o caminho vermelho, que correspondia à equinocial; o caminho do Sol ou caminho amarelo, que correspondia à eclíptica; e o caminho da Lua ou caminho branco⁹⁸. Todos eles tinham o mesmo comprimento de $365^{\circ}25'$. O caminho vermelho (equinocial) era dividido em 12 partes iguais, ou horas, cada uma com $30^{\circ}43'75''$. O seu diâmetro era de $121^{\circ}75'$ ⁹⁹. Cada polo distava do caminho vermelho $91^{\circ}31'$, distando ambos, um do outro, $182^{\circ}62'50''$. O caminho amarelo (eclíptica) também era repartido em 12 partes iguais, designadas, começando no primeiro grau de Capricórnio, no solstício hiemal (de inverno). O arco (do caminho amarelo) que seguia do solstício hiemal até ao solstício estival era designado por arco ascendente, *Yō* (Japão) ou *Yang* (China). Neste arco, as qualidades quente e seco começavam a aumentar, até chegarem ao seu máximo no solstício estival, *Rōyō*¹⁰⁰, termo que significa a consumação dessas qualidades e o final do arco ascendente. De seguida vinha o arco que seguia do solstício estival até ao solstício hiemal, designado por arco descendente, *In* (Japão) ou *Yin* (China). Neste arco, as qualidades anteriores começavam a diminuir e as qualidades contrárias (frio e húmido) começavam a aumentar, até atingirem o seu máximo no solstício de inverno. Esse ponto era chamado de *Rōin*, que significa a consumação dessas qualidades e o final do arco descendente.

O caminho amarelo e o caminho vermelho cortavam-se em dois pontos, os quais correspondiam aos equinócios vernal e outonal. No afastamento máximo dos dois caminhos colocavam o equivalente ao solstício estival e hiemal (de Inverno). Estes pontos são chamados, por João Rodrigues, de quatro pontos fixos ou quatro pontos cardeais.

O caminho branco cortava o caminho amarelo em dois pontos e afastava-se do mesmo $6^{\circ}2'$, para cima e para baixo, definindo uma faixa de $12^{\circ}4'$ de largura¹⁰¹. Nas interseções com o caminho amarelo, *caput e cauda draconis*, ocorriam respetivamente os eclipses da Lua (em oposição, durante a Lua cheia) e o do Sol (em conjunção, durante a Lua nova). O movimento rapto da Lua tinha 12h, com um período sideral de 27 dias, e um período sinódico de, aproximadamente, 29 dias e 53 minutos¹⁰². Os eclipses na China eram calculados na corte em Kaifeng e daí comunicados à metrópole de cada cidade, que os comunicava ao resto do Império chinês. Havia rituais próprios para a passagem destes fenómenos, que contavam com a participação da população, que decorriam desde o seu começo até ao final, de modo a auxiliar o reino a ultrapassar a intempérie. Dada a sua importância, era necessário que as previsões fossem o mais corretas possíveis, porém, o facto de serem apenas calculadas tendo por base as observações em Kaifeng, havia sempre grandes imprecisões nos resultados. No Japão, o Imperador tinha também os seus matemáticos de corte para prever os eclipses, em Miyako, a antiga capital. Porém, com a perda do seu poder governativo para Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e,

⁹⁷ Na obra *The Natural Philosophy of Chu Hsi* (1130-1200), de Yung Sik Kim, por exemplo, podem-se encontrar mais nomes, como caminho preto ou caminho azul. É possível que Rodrigues não tenha sido exaustivo nesta matéria, assim como também não foi preciso ao associar o caminho da Lua apenas ao caminho branco, pois, como podemos ver nesta obra: “In spring, [the moon is] to the east [of the Yellow Path] and follows the blue path; in summer [it is] to the south and follows the red path; in autumn [it is] to the west and follows the white path; in the winter [it is] to the north and follows the black path. The movements of the sun and the moon are not [along] the same path”, a Lua percorre vários caminhos consoante a época do ano.

⁹⁸ Vide nota anterior.

⁹⁹ Rodrigues descreve todas estas medidas dos caminhos celestes em graus, mesmo o diâmetro que deveria ter uma unidade de comprimento. Este valor apresenta-se como a divisão do perímetro do caminho, em graus, pelo valor 3 (um arredondamento de π às unidades), porém não se compreende o motivo do uso destas unidades. A própria descrição, no fólho 165r, começa com “Com tudo para medirem os graos no Ceo tomarão por medida o corpo solar, cujo diametro, dizem elles, que tem hum grao de comprido, e a circunferencia 3 graos 14 minutos e 16 segundos”, e daí por diante descreve todas as medidas em graus.

¹⁰⁰ *Rōyō* combina os kanji de velho, consumado (*Rō*), e *Yō*, o nome do arco ascendente, designando o término desse mesmo arco e o começo do arco descendente, *In*.

¹⁰¹ Corresponde à faixa denominada de caminho do Zodíaco no Ocidente.

¹⁰² Dado que Rodrigues define mais à frente que o mês lunar varia entre os 29 e 30 dias, é possível que estes 29 dias e 53 minutos correspondam a $29^{\circ}53'$, significando, portanto, aproximadamente, 29 dias e meio.

depois, a xogunato Tokugawa, a relevância dos astrónomos de corte decresceu, assim como das cerimónias associadas. Contudo isso não diminuiu a superstição associada a fenómenos celestes.

Na antiga China consideravam a posição das estrelas fixa, estando essa informação documentada nos seus livros antigos de astronomia, os quais usavam para a formação dos seus estudantes. Cerca de 2000 anos após o começo da civilização chinesa começaram a aperceber-se do seu movimento tardio. João Rodrigues fala no caso do coluro no solstício de inverno, que, segundo os primeiros tratados astronómicos se localizava no 7º grau da constelação *Kyo*¹⁰³. Por volta do ano 103 A.C., a posição das estrelas já se tinha alterado em 25 graus e, pelo ano de 1620, o mesmo ponto encontrava-se no quarto grau da constelação *Ki*¹⁰⁴. A partir destas observações, chegaram à conclusão de que as estrelas se moviam cerca de 1 grau por cada 70/75 anos¹⁰⁵.

Antes de terem perceção do movimento das estrelas, os chineses definiam o princípio do ano como o dia em que, depois do Sol-posto, a cauda da Ursa Maior¹⁰⁶ apontava para o 3º signo chinês, Tigre, que, na antiguidade chinesa, correspondia ao início da primavera, 5 de fevereiro. A Lua Nova mais próxima definia o primeiro mês do ano. Com a sucessão das dinastias na China, o calendário foi sofrendo alterações, entre as quais o dia que definia o princípio do ano, mas com a subida da dinastia Ming (1368-1644), dinastia vigente aquando da presença de Rodrigues no Japão e na China), o princípio do ano solar voltou a ser o início da Primavera, a 5 de fevereiro.

2.5. Organização do tempo

Tal como no Ocidente, os chineses e japoneses tinham um sistema de divisão do tempo por ano, estações, meses, dias e horas. A contagem do tempo na China fazia parte da componente de estudos científicos da astrologia, junto com o calendário. No Japão fazia tudo parte do mesmo quadro. Apesar da conceção das divisões do tempo serem semelhantes ao esquema na Europa, havia diferenças na definição dos períodos (começo e fim) e dos nomes atribuídos a cada um deles.

O ano

O ano era dividido em dois tipos: ano pequeno, que correspondia ao ano comum, com os seus quatro tempos, 12 luas e uma revolução do Sol em torno da Terra; o ano grande, correspondia a 12 ciclos de 10800 anos pequenos (129600 anos pequenos). O ano pequeno era organizado de acordo com o curso do Sol e da Lua (calendário lunissolar), sendo o principal, o ano solar, de 365 dias e ¼ de dia. O ano lunar era composto de 12 luas ou meses, num total de 354 dias¹⁰⁷, existindo um ano

¹⁰³ Segundo Rodrigues, corresponderia a 7 graus da quarta estrela de Aquário do ombro esquerdo.

¹⁰⁴ Que segundo Rodrigues, localiza-se em *cuspid sagita*.

¹⁰⁵ Rodrigues diz, sem citar fontes, que há quem atribua um movimento de 1 grau por cada 50 anos, até quem afirme ser de 1 grau por cada 100 anos, resultando no valor médio de 1 grau por cada 75 anos, um valor que diz ser próximo ao valor de astrónomos ocidentais.

¹⁰⁶ A constelação da Ursa Maior era considerada pelos taoistas como o assento do governo dos deuses do Céu.

¹⁰⁷ Dividiam os meses em meses grandes e meses pequenos, sendo os grandes de 30 dias e os pequenos de 29 dias, para que a conjunção da Lua ocorresse no princípio de cada mês. Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 68.

intercalar, de 384 dias (13 luas), para ajustar com o ano solar, ocorrendo, geralmente, de 3 em 3 anos¹⁰⁸.

A cada ano pequeno faziam também corresponder o nome de um animal do “zodiaco” chinês¹⁰⁹ e também um elemento, criando um ciclo de 60 anos, com o qual contavam as eras. Em conjunto com deste sistema contagem, usavam o nome do Imperador para nomear as era e o seu ano de governação¹¹⁰. Este ciclo sexagenário era usado na adivinhação para prever o destino das pessoas com base na sua data e hora de nascimento. Era formado pelos cinco elementos que, ligados ao princípio *yin yang* formavam os 10 ramos celestiais, em conjunto com os 12 animais do “zodiaco” chinês.

O sistema dos 12 ramos terrestres baseava-se no período orbital de Júpiter de, aproximadamente, 12 anos, dividindo-se o círculo celeste em 12 secções. Do mesmo modo faziam corresponder as 12 divisões aos 12 meses do ano, ou às 12 horas diárias. Na tabela seguinte, encontram-se os nomes dos 12 ramos celestes.

Tabela 2.4 - Os 12 ramos terrestres. Retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/Earthly_Branches.

	Ramo terrestre	Nome em japonês	Direção
1	子, rato	Ne	0° (Norte)
2	丑, boi	Ushi	30°
3	寅, tigre	Tora	60°
4	卯, coelho	U	90° (Este)
5	辰, dragão	Tatsu	120°
6	巳, serpente	Mi	150°
7	午, cavalo	Uma	180° (Sul)
8	未, cabra	Hitsuji	210°
9	申, macaco	Saru	240°
10	酉, galo	Tori	270° (Oeste)
11	戌, cão	Inu	300°
12	亥, javali	I	330°

¹⁰⁸ O ano tropical (solar) era também dividido 12 partes, iguais, cada uma chamada de ch'i (氣). A meio de cada uma ocorria o centro do ch'i. Como o mês lunar era mais curto que os ch'i, havia meses que não tinham o centro do ch'i. Esses eram os meses intercalares, que eram usados para concordar o ano lunar com o ano solar. O método de determinar os meses intercalares e acertar ambos os calendários era bastante mais complexo. Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p.68.

¹⁰⁹ O mesmo sucedia para as horas e para os meses.

¹¹⁰ Este sistema ainda é usado em algumas situações no Japão, embora a forma comum usual seja a contagem ao estilo ocidental, que, entretanto, se tornou global.

Aos 12 ramos terrestres juntavam-se os 10 troncos celestiais, apresentados na tabela seguinte.

Tabela 2.5 - Os 10 troncos celestes. Retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/Celestial_stem.

	Tronco Celestial	Nome em japonês	Yin-Yang (陰 陽)	Wu Xing (五行, Gogyō) Os cinco elementos	Direção
1	甲	Ki no e	陽 (yang)	木 (madeira)	東 (Este)
2	乙	Ki no to	陰 (yin)		
3	丙	Hi no e	陽 (yang)	火 (fogo)	南 (Sul)
4	丁	Hi no to	陰 (yin)		
5	戊	Tsuchi no e	陽 (yang)	土 (terra)	中 (Centro)
6	己	Tsuchi no to	陰 (yin)		
7	庚	Ka no e	陽 (yang)	金 (metal)	西 (Oeste)
8	辛	Ka no to	陰 (yin)		
9	壬	Mizu no e	陽 (yang)	水 (água)	北 (Norte)
10	癸	Mizu no to	陰 (yin)		

Os quatro tempos do ano e as suas 24 conjunções

Para além dos meses e dias, o ano solar era dividido em quatro tempos do ano (estações do ano), tal como sucedia no ocidente: primavera, verão, outono e inverno. Contudo, o início e o fim de cada um deles eram definidos de forma diferente da Europa e de acordo com os tempos antigos. Os solstícios e equinócios ficavam no meio de cada tempo e não o seu princípio. A cada um destes quatro tempos eram associadas seis conjunções do tempo, num total de 24 conjunções do ano, chamadas de *Nijuushiki*, que especificavam as mudanças de tempo que ocorriam ao longo do ano, sendo denominadas por um termo que descrevia uma característica específica. Na tabela seguinte seguem-se os nomes dessas conjunções, associadas ao respetivo tempo do ano, signo chinês, elemento, período de tempo e correspondência com o signo ocidental¹¹¹.

Tabela 2.6 - As 24 conjunções do ano associadas às estações do ano, elementos e signos. Eram pontos associados a determinados eventos astronómicos ou fenómenos naturais, como o começo das chuvas, ou das neves. Cada conjunção tinha uma duração de 15 dias. Retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/Solar_term.

¹¹¹ No manuscrito não é possível encontrar o nome das 24 conjunções do ano, exceto a menção de algumas delas que o autor faz no f.175v: “(...)como couza que ali começa como he de yôyri, do yôzame, rixxum [risshun, 立春, primeiro dia de primavera], ricca [rikka, 立夏, primeiro dia de verão], rixxu [risshuu, 立秋, primeiro dia de outono], ritô [rittô, 立冬, primeiro dia de inverno] (...)”. É possível que Rodrigues tenha indicado o nome de todas as conjunções num esquema, mas este não foi transcrito no manuscrito disponível na Biblioteca da Ajuda.

Tempo do ano	Mês Lunar	Elemento	Conjunção do tempo (dia de início e características)	Signo do zodíaco ocidental
Primavera	1° – 寅 (Tora) Tigre	Madeira	Risshun (立春): início da primavera	Aquário
			Usui (雨水): primeiro termo da estação chuvosa. Literalmente, águas da chuva	Peixes
	2° – 卯 (U) Coelho	Madeira	Keichitsu (啓蟄): último termo da estação fria. O despertar da hibernação (insetos)	
			Shunbun (春分): equinócio vernal, meio da primavera	Áries
	3° – 辰 (Tatsu) Dragão	Terra	Seimei (清明): último termo da estação chuvosa. Literalmente, claro e brilhante	
			Kokuu (穀雨): segundo termo da estação chuvosa. Literalmente, grãos e chuva, ou seja, chuva que ajuda o crescimento dos grãos.	Touro
Verão	4° – 巳 (Mi) Serpente	Fogo	Rikka (立夏): início do verão	Gêmeos
			Shōman (小滿): primeiro termo da estação de cultivo. Literalmente, cheio de grãos. Referência ao desenvolvimento dos grãos de cereais.	
	5° – 午 (Uma) Cavalo	Fogo	Bōshu (芒種): segundo termo da estação de crescimento. Alusão ao crescimento da plantação de cereais.	Câncer
			Geshi (夏至): solstício de verão, meio do verão.	
	6° – 未 (Hitsuji) Cabra	Terra	Shōsho (小暑): primeiro termo da estação quente; literalmente, pequeno calor.	Leão
			Taisho (大暑): segundo termo da estação quente; literalmente, grande calor.	
Outono	7° – 申 (Saru) Macaco	Metal	Risshū (立秋): início do outono	Virgem
			Shoshō (処暑): último termo da estação quente; literalmente, o limite do calor	

	8° – 酉 (Tori) Galo	Metal	Hakuro (白露) : primeiro termo da estação das orvalhadas; literalmente, orvalho branco.	
			Shūbun (秋分) : equinócio de outono, meio do outono.	
	9° – 戌 (Inu) Cão	Terra	Kanro (寒露) : segundo termo da estação das orvalhadas; literalmente, orvalho frio.	Libra
			Sōkō (霜降) : último termo da estação das orvalhadas; aparecimento de geadas e diminuição da temperatura.	Escorpião
Inverno	10° – 亥 (I) Porco	Água	Rittō (立冬) : início do inverno	
			Shōsetsu (小雪) : primeiro termo da estação de neve; literalmente, pequena neve	Sagitário
	11° – 子 (Ne) Rato	Água	Taisetsu (大雪) : segundo termo da estação de neve; literalmente, grande neve	
			Tōji (冬至) : solstício de inverno, meio do inverno; literalmente, o extremo do inverno.	Capricórnio
	12° – 丑 (Ushi) Boi	Terra	Shōkan (小寒) : primeiro termo da estação fria; literalmente, pequeno frio. Também conhecido como 寒の入り (<i>Kan no iri</i>), entrada do frio.	
			Daikan (大寒) : segundo termo da estação fria; literalmente, grande frio.	Aquário

Como foi acima mencionado, os tempos do ano eram compostos por quatro quartas. O primeiro tempo do ano, ou primeira quarta, primavera, começava no princípio do seu terceiro signo Tigre, localizado em 15° de Aquário ou 5 de fevereiro. Terminava no final do signo dragão, em 15° de Touro, ou 6 de maio. A este tempo eram associadas as qualidades¹¹²: frio, húmido e quente. O frio, por influência da estação anterior (o inverno); o húmido, por causa das névoas sazonais que ocorriam durante a estação; o quente, porque no final da primavera, começava o estio, estação quente. O equinócio vernal ocorria no meio deste tempo, correspondendo também ao meio do arco ascendente *Yō*, no qual todas qualidades (quente, seco, frio e húmido) estavam em igual grau.

¹¹² As qualidades são apresentadas a partir do ponto de vista de João Rodrigues, não apresentando o espectro de seis qualidades indicadas no livro de Shigeru Nakayama. Vide nota 84.

O segundo tempo do ano, ou segunda quarta, estio, começava logo a seguir, no princípio do signo Cobra, a 7 de maio. Terminava no final do signo Cabra, em 15° de Leão, a 6 de agosto. A este tempo estavam associadas as qualidades: húmido, quente e seco. A humidade, por serem comuns as chuvas entre maio e meados de junho, devido à monção do vento do Sul; o quente e o seco eram característicos do estio, e atingiam o seu pico máximo a meio da estação, quando ocorria o solstício estival, que marcava o fim do arco ascendente *Yō* e o princípio do arco descendente *In*.

O terceiro tempo, ou terceira quarta, outono, começava no signo Macaco e terminava no final do signo Cão, em 15° de Escorpião. Eram características deste tempo, as qualidades: quente, seco e frio. O quente e seco, por influência do estio; o frio, pela proximidade do inverno. O equinócio outonal ocorria no meio da estação, onde também era o meio do seu arco descendente *In*, no qual todas as qualidades estavam novamente em igual grau.

O último e quarto tempo era o inverno, que começava no seu signo Javali ou Porco¹¹³ e terminava no final do seu signo Boi, em 15° de Aquário. Eram características desta estação as qualidades: seco, frio e húmido. Seco, por influência do outono; frio e húmido, por serem próprias deste tempo, atingindo o seu máximo a meio da estação, no solstício hiemal, que marcava também o fim do arco descendente *In* e o princípio do arco ascendente *Yō*.

A cada um destes tempos do ano correspondia uma propriedade, que descrevia uma ação ou efeito próprio dessa estação. Por exemplo, primavera fazia brotar e florescer, o estio frutificava as árvores e amadurecia os frutos, o outono sazou os frutos e o inverno recolhia a virtude das árvores e plantas debaixo da terra.

Segue-se uma tabela com a relação entre os signos orientais e ocidentais, mês do ano e estação, de acordo com a descrição do padre João Rodrigues.

¹¹³ O caratere corresponde a porco em mandarim, mas representa javali em japonês.

Tabela 2.7 - Signos orientais com a respetiva correspondência ao signo ocidental, mês ocidental, Lua ou mês oriental e estação do ano. Baseado na tabela presente no manuscrito de João Rodrigues e na sua descrição das estações do ano.

Signo chinês	Signo ocidental	Mês	Luas	Tempo do ano
Rato	15° de Sagitário a 15° de Capricórnio	Dezembro	Décima primeira	Solstício hiemal
Boi	15° de Capricórnio a 15° de Aquário	Janeiro	Décima segunda	Fim do inverno
Tigre	15° de Aquário a 15° de Peixes	Fevereiro	Primeira	Início da primavera
Lebre	15° de Peixes a 15° de Áries	Março	Segunda	Equinócio vernal
Dragão	15° de Carneiro a 15° de Touro	Abril	Terceira	Fim da primavera
Serpente	15° de Touro a 15° de Gémeos	Maio	Quarta	Início do estio
Cavalo	15° de Gémeos a 15° de Câncer	Junho	Quinta	Solstício estival
Cabra	15° de Câncer a 15° de Leão	Julho	Sexta	Fim do estio
Macaco	15° de Leão a 15° de Virgem	Agosto	Sétima	Início do outono
Galo	15° de Virgem a 15° de Libra	Setembro	Oitava	Equinócio outonal
Cão	15° de Libra a 15° de Escorpião	Outubro	Nona	Fim do outono
Porco ou Javali	15° de Escorpião a 15° de Sagitário	Novembro	Décima	Início do inverno

Dias e horas

No Japão o dia era, assim como no ocidente, definido de duas formas: dia natural enquanto revolução do Sol em torno da Terra, até voltar ao mesmo lugar, e dia artificial enquanto período em que se exerciam as atividades diárias, como a agricultura, começando com o nascer do Sol e terminando com o pôr-do-sol.

O dia natural começava à meia-noite e terminava na meia-noite do dia seguinte, “como uza a Igreja Romana”¹¹⁴. Era dividido em 12 horas de igual duração, em que cada delas tinha o nome de um signo. Uma hora sua correspondia a duas horas ocidentais, sendo dia e a noite repartidos de igualmente em 6 horas cada um. Cada dia era também dividido em 100 quartos (cada quarto denominado de *koku* em japonês), o que dava, teoricamente, em 8 quartos e um terço de quarto a cada hora.

O dia artificial, no Japão, começava a meio da hora Lebre, o que correspondia às 6 horas da manhã no sistema europeu. Daí a hora seguinte era a do Dragão, entre as 7 e as 9 horas da manhã. Seguiu-se Cobra, entre as 9 e as 11 horas da manhã, depois Cavalo, entre as 11 horas e a 1 hora da tarde. De seguida era a hora Cabra, entre a 1 e as 3 horas da tarde, e Macaco, das 3 às 5 da tarde. Por fim, a última hora do dia artificial ficava na primeira metade da hora Galo, entre as 5 e as 6 horas da tarde. Pela mesma lógica seguiam as seguintes horas com os restantes signos, para a noite, como se pode ver na tabela seguinte.

Tabela 2.8 - Horas no Oriente e o correspondente ao Ocidente. Baseado na descrição de João Rodrigues

Horas do dia orientais	Horas ocidentais	Horas da noite orientais	Horas ocidentais
Lebre	6 h – 7 h	Galo	18 h – 19 h
Dragão	7 h – 9 h	Cão	19 h – 21 h
Serpente	9 h – 11 h	Porco ou Javali	21 h – 23 h
Cavalo	11 h – 13 h	Rato	23 h – 1 h
Cabra	13 h – 15 h	Boi	1 h – 3 h
Macaco	15 h – 17 h	Tigre	3 h – 5 h
Galo	17 h – 18 h	Lebre	5 h – 6 h

Os japoneses tinham também a divisão das horas em apenas 8 quartos para cada hora, perfazendo 96 quartos, ou *koku*, diários, provavelmente por ser um sistema mais prático para fazer a contagem. Aos primeiros quartos chamavam: primeiro dos primeiros, segundo dos primeiros, terceiro dos primeiros e quarto dos primeiros. Depois do meio da hora chamavam: primeiro do meio, segundo do meio, terceiro do meio e quarto do meio, passando depois para a hora seguinte. O maior dia do ano (solstício estival) teria 60, ou 58, quartos de dia e 40, ou 38, quartos de noite. Com o menor dia do ano (solstício hiemal) passava-se o contrário. Os equinócios tinham igual, dia e noite de 50 ou 48 quartos¹¹⁵.

Para além deste sistema, tinham ainda um outro, aparentemente semelhante às horas canónicas usadas pela Igreja, cada uma associada a um número: 5, 4, 9, até ao meio dia, e 7, 8, 6¹¹⁶, até ao final do dia. O número 6 correspondia ao período do final do dia até à saída do Sol. O 5 começava com o nascer do Sol até às nove da manhã. Daí até ao meio dia era o número 4. O número 9 correspondia ao meio dia. Do meio-dia às três da tarde era o 7, seguindo-se o 8, até às cinco da tarde, finalizando com

¹¹⁴ F.176v do manuscrito.

¹¹⁵ Esta divisão de horas é coerente com o significado de solstício e equinócio. Porém, João Rodrigues escreve primeiramente que o dia e noite eram sempre igualmente divididos, o que parece ser um pouco contraditório com esta parte.

¹¹⁶ João Rodrigues que o esquema tem sete horas e que é “ 5.4.9. athe meya noite, e dahi outra vez 8.7. 5.6. athe sahir do Sol”. Porém, quando o explica, as horas 5, 4 e 9 correspondem ao sistema da manhã e as restantes à tarde. Depois não explica onde volta a aparecer o 5, sendo a sétima hora, o retorno do número 6, que ficará a meio na hora que se segue o número 8. Infelizmente, como a figura que esquematizaria a explicação não foi transcrita, pelo que é difícil saber como funcionava este esquema. Tentou-se, porém, representar aquilo que se compreendeu através da descrição feita no manuscrito.

o 6. Tenta-se, de seguida, esquematizar as correspondências feitas por João Rodrigues, entre este sistema e horas, as horas canónicas e o sistema atual.

Tabela 2.9 - Correspondência entre o sistema de "horas canónicas" japonês, as horas canónicas da Igreja e um sistema secular de contagem do tempo, de acordo com a descrição de João Rodrigues.

Horas japonesas	Correspondência com horas/tempo europeu secular	Horas canónicas
6	Final do dia até ao nascer do Sol	-
5	Nascer do Sol até às 9 horas da manhã	Prima
4	Entre as 9 horas da manhã e o meio-dia	Terceira
9	Meio-dia	Sexta
7	Entre o meio-dia e as 3 horas da tarde	Noa
8	Entre as 3 horas da tarde e as cinco da tarde	Véspera

Para contar as horas, os japoneses tinham uns relógios de fogo que marcavam a duração de uma hora a partir da queima de um determinado pó, feito a partir de uma determinada árvore. Tinham também uns relógios de água, em que a água ia caindo por umas bicas, até chegar a uma estátua que indicava as horas e os quartos, numa tábu. Estes relógios eram usados nas torres das cidades, que fazendo-se soar um tambor a cada hora. Na China usavam uns relógios de Sol, inclinados à equinocial, com um ponteiro que apontava para ambos os polos, e que eram divididos em quartos. Eram elaborados em referência à metrópole de Kaifeng.

2.6. Astronomia prática judiciária

No final deste conjunto de capítulos, o padre João Rodrigues dedica o final à astrologia judiciária. Os chineses e japoneses eram extremamente supersticiosos, acreditando que os fenómenos celestes tinham influência na vida particular das pessoas: nas suas ações, na sua casa, na sua profissão. Evitavam tudo o que se relacionasse com a morte¹¹⁷. É um capítulo relativamente curto para a relevância que este tema tinha no Extremo Oriente. O padre jesuíta escreve de forma crítica a atitude supersticiosa dos japoneses, acusando-os de desresponsabilizar os atos humanos e menosprezar a sua livre vontade ao pensarem que o seu nascimento poderia determinar a sua personalidade e o seu destino.

A astrologia judiciária era dividida em três componentes: magia natural, astronomia prática judiciária e judiciária relacionada com a terra (terras boas ou más para habitar ou construir, por exemplo).

¹¹⁷ Evitavam, por exemplo, usar palavras que tinham o mesmo som que o vocábulo morte (*shisha*), como era o caso do número quatro (*shi*), considerado como um número de má sorte.

A magia natural consistia em avaliar o destino das pessoas com base no seu momento de nascimento, servindo-se essencialmente dos ciclos de sexagenários ou das 28 mansões lunares, não tendo qualquer ligação com as observações astronómicas. Tinha raízes indianas, babilónicas e helenísticas¹¹⁸. João Rodrigues compara esta atividade aos genetlíacos, que faziam os horóscopos, com base no período de nascimento da pessoa.

A astronomia prática judiciária servia para indicar quais os melhores dias para trabalhar, para viajar, para as guerras ou até para enterrar defuntos. Indicava também quais as direções menos propícias a determinadas ações, por exemplo, onde ocorreria uma epidemia ou uma catástrofe natural. Para isso possuíam livros que descreviam todos estes assuntos. Pelas ruas, no Japão havia vários astrónomos judiciários não autorizados que faziam leituras ao povo. O imperador tinha os seus próprios astrónomos judiciários, que eram responsáveis por elaborar o calendário anual, fazer a previsão dos eclipses e usar essa informação para adivinhar a boa sorte do Imperador e do seu reino. Nenhuma outra família podia aprender a astrologia de corte sem permissão do Imperador. Eram figuras de grande importância porque, de certa forma, o destino do Império dependia delas, sendo perigoso que a informação fosse disponibilizada a qualquer cidadão. A situação era mais vinculada no Império chinês onde os astrónomos tinham paços particulares em que realizavam as suas observações, registando todas impressões pertinentes, como chuva, trovões, coriscos, neve ou orvalho. Tinham 28 casualidades diferentes relacionadas com o Sol e 16 para a Lua¹¹⁹. Registavam também fenómenos relacionados com as estrelas e cometas que surgiam sobre as 28 constelações que o Sol percorria anualmente. No Japão, o cargo de astrónomo de corte não tinha tanta importância devido à usurpação do poder por parte de Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu, para além da situação instável em que o país viveu durante o período de guerra, até à sua unificação com o xogunato Tokugawa.

O último tipo de astrologia judiciária que João Rodrigues estava relacionado com a terra: avaliar os bons e maus locais para habitar ou construir, as partes boas e más de uma determinada propriedade ou os locais ideais para enterrar defuntos, havendo para isso, também, judiciários próprios que analisavam os terrenos. As pessoas seguiam minuciosamente as informações prestadas, por serem extremamente supersticiosas, algo que João Rodrigues critica veemente, acusando os astrólogos de rua de se aproveitarem das crenças supersticiosas para fazerem negócio, enganando as pessoas com informações falsas. Todo este conhecimento, que o padre jesuíta considerava ser errado remontava aos filhos de Caim, os quais, segundo o mesmo, deturparam os bons ensinamentos e os transmitiram a seus descendentes, por forma a corromper a alma humana e a desresponsabilizá-la de qualquer ato que fosse cometido.

¹¹⁸ Vide Nakayama, *A History of Japan Astronomy*, p. 44.

¹¹⁹ F. 180v do manuscrito de João Rodrigues.

2ª PARTE – TRANSCRIÇÃO DO MANUSCRITO

Capítulo 3 – Transcrição do manuscrito da *História da Igreja do Japão* de João Rodrigues Tçuzzu, ff. 156v-181r

3.1. Critérios de transcrição

Apresenta-se de seguida uma transcrição independente dos fólhos 156v a 181r da *História da Igreja do Japão*, que se encontra na Biblioteca da Ajuda, códice 49-IV-53, os quais contêm os nove capítulos sobre a astronomia japonesa. Este manuscrito incorpora um projeto coletivo da Companhia de Jesus no Japão, da responsabilidade do padre João Rodrigues. O excerto aqui estudado, em específico, foi escrito no ano de 1620, como é indicado nos fólhos 159r e 168v.

Esta obra tem uma enorme importância no contexto da história e história da ciência por ser uma das primeiras descrições da sociedade japonesa e sua organização social, política, religiosa, científica, realizada por um cidadão de origem europeia. É por isso de grande relevância, por transmitir de que forma foram interpretados os costumes japoneses, por alguém que veio de fora. Neste caso em concreto, de que modo foi compreendida a prática da astronomia no Japão e o impacto no seu dia-a-dia.

Nesta transcrição tentou-se reproduzir o mais fielmente manuscrito, mantendo o estilo de escrita original, sem corrigir as palavras por um português atual. As palavras abreviadas foram desdobradas na sua forma completa, com “[]”, a indicar a parte acrescentada.

Tudo o que vem entre “[]” não faz parte do texto original. Foi acrescentado ou indica alguma informação extraordinária (por exemplo: os caracteres japoneses ou chineses, e como são lidos).

Por vezes é difícil detetar se uma palavra ou um conjunto de palavras foram escritos juntos numa só, ou se existe alguma separação. Quando não é possível fazer essa distinção, escreve-se da forma mais correta atualmente.

Os sinais de dobragem da consoante ou nasalação (“n” ou “m”), sinalizados no manuscrito com um til, são tidos em conta, acrescentando essa mesma consoante entre “[]”, como em “huma” ou “Japoens”. Nalgumas destas palavras, o autor do manuscrito chega a empregar a letra em falta.

Esta transcrição não é a primeira e única existente. Em 1954, foi editada uma transcrição do manuscrito completo disponível da *História da Igreja do Japão*, por João do Amaral Abranches Pinto. Contudo, a transcrição que aqui se apresenta é independente da mesma. Numa primeira fase, recorreu-se apenas ao manuscrito. A transcrição de Abranches Pinto foi posteriormente consultada para comparar os textos e esclarecer algumas dúvidas sobre partes mais conflituosas do texto, especialmente citações em latim. Em notas estão colocadas algumas das divergências entre as transcrições e outras anotações como a ausência de figuras invocadas ao longo do texto. Existem palavras que embora iguais em leitura e significado, são transcritas de modo diferente nestes dois textos. Essas diferenças não foram apontadas, por não alterarem o sentido do texto. Foram anotadas diferenças menores entre nomes que variam no género, em conjunções e em determinantes. Também foram registadas algumas adições de Abranches Pinto, assim como algumas omissões, e claro, palavras que diferem substancialmente entre as duas transcrições.

Nota-se na transcrição de Abranches Pinto, que nem sempre se mantêm critérios coerentes. Algumas alterações que o autor faz ao manuscrito são anotadas entre “()”, no entanto há palavras que são diretamente corrigidas ortograficamente, sem qualquer menção dessa modificação. Os sinais de pontuação na sua transcrição foram colocados de acordo com a sua interpretação, mais uma vez sem registrar a sua alteração ao texto original. Nesta transcrição, adotaram-se alguns dos ajustes de Abranches Pinto, mas estes foram colocados entre “[]”.

Tentou-se, dentro do possível, melhorar a transcrição anterior, adicionando, quando possível, o carácter japonês ou chinês correspondente às palavras estrangeiras utilizadas por João Rodrigues. Espera-se que esta transcrição seja de leitura fácil para o leitor.

3.2. Manuscrito da *História da Igreja do Japão* por João Rodrigues (Tçuzzu), ff. 156v-181r

[f.156v] Das Artes da Mathematica de Japão, e China donde os Japoens as receberão. Cap. 8.

Assim como os Iapoens receberão da China as Letras, Sciencias e outros muitos costumes politicos que tem, assim tão bem della receberão muitas das artes liberaes e mecanicas que tem, principalmente as Mathematicas que são Arithmetica¹²⁰, Geometria[,] Muzica, e Astronomia. As quaes artes posto que estas naçoens não tem agora na perfeição, e grao em que estão entre os Europeos, com tudo seu uzo entre elles he muy commum, e m[ui]to mais antigo que entre nós, conforme a[s] suas historias, e primeyros promulgadores das ditas artes, e hê pela antiguidade que qua[f.157r]zi acha¹²¹ destas artes se houver de julgar, quem forão os primeiros inventores dellas, principalmente da Astrologia facilmente entenderemos qui forão os primeiros Padres antes do diluvio, como tão bem o tem para sy entre os Europeos o melhor entendidos¹²²; por que quando na torre da Babilonia se fundirão as Lingoas, e se dividirão os netos de Noe por diversas partes a povoar o mundo entre elles nove cabeças¹²³ da mesma Avoenga com cento, e quarenta familias tendo debaixo de sy cada cabeça destas nove, certo numero dellas vierão para o Oriente e povoarão o Reyno da China. Entre estas 140 familias cujos nomes athe agora durão, houve tres sabios afamados cada hum cabeça de cada hu[m]a dellas, as quaes como de suas historias se collige forão contemporaneos; posto que no florecer, e hid.^e ¹²⁴ de annos huns procederão a outros a modo de socessão no lugar da sciencia; estes derão forma a republica dos Chinas, instituindoa com leys, governo, e letras, sciencias, e Artes Liberaes, e mecanicas, seu primeiro governo foi familiar, e quazi Aristocratico pelas cabeças das familias; porem depois q[ue] fundarão reyno, se introduzio logo monarchico¹²⁵. Destes seus tres sabios o primeiro e antes do qual nenhu[m]a memoria fazem de outro algum, salvo primeiro homem, e molher se chamou *Fōhy*¹²⁶ [Fu Xi, 伏羲], que o Japão diz *Fucky*¹²⁷ [Fuki], em cujo tempo não havia ainda cazas morando nas arvores em ninhos, em serrames¹²⁸, e nas covas e lapas, nem havia vestido, mas em seu lugar uzavão de pelles de animaes, e de cascas de arvores, e de ervas, no mesmo tempo começou entre elles o uzo do fogo, e agoa para guizar o¹²⁹ comer, e outros uzos; porque athe então se sustentavão de frutas¹³⁰ das arvores, este foi o primeiro que entre elles ensinou a magia natural, e astrologia, pondo por figuras, e numeros par, e impar.

O segundo sabio que floreceo depois deste, se chamou *Xinnun* [Shennong, 神農], e o Iapão *Xinnō* [Shinnō], o qual ensinou ao povo a arte da [a]gricoltura, e lavrar, e semear as terras, e a domesticar animaes para a cultivar¹³¹, e serviço dos homens, e a arte da medicina, por conhecer as virtudes das ervas.

¹²⁰ “Arithmetica”, transcrição de Abranches Pinto. Daqui por diante: AP.

¹²¹ “acho”, AP

¹²² O excerto “entre os Europeos” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “(...) tem para sy o(s) melhor entendidos; (...)”

¹²³ “cabaças”, AP

¹²⁴ “hid^e (idade?)”, AP. A palavra parece estar abreviada no manuscrito, porém o seu significado não é compreensível.

¹²⁵ “Monarchia”, AP.

¹²⁶ “Tohy”, AP.

¹²⁷ “Tucky”, AP.

¹²⁸ “serames (ou cerames)”, AP.

¹²⁹ “e”, AP.

¹³⁰ “fructos”, AP.

¹³¹ “a(s) culturas”, AP.

O terceiro sabio que alguns tem que foi irmão deste *Xinun* se chamou *Hoanty* [Huangdi, 皇帝], e o Japão *Cōtey*¹³² [Kotei], e foi primeiro monarcha, de cujos descendentes forão¹³³ todos os outros Reys das outras monarchias, e os grandes do Reyno. Este pôz o Reyno em ordem de republica com governo civil, e todas as demais artes liberaes, e mecanicas, e o distribuhio por Estados, o¹³⁴ regioens, edifficou cidades em q[ue] [f.157v] morassem em communidade em cazas, e ordenou tudo o demais necessario a hum reyno bem governado por athe então viverem rusticamente cada hum debaixo da cabeça de sua familia, e morgado sem leys, nem communidade. E para que melhor se veja em particular pelo que fez a antiguidade das artes Mathematicas, e se collição dahy seus primeiros inventores, poremos em particular por ordem, o que fez, e ordenou como estas historias geraes da China feitas há passantes de quatro mil annos, conforme a eles neste de mil seis centos e vinte, e antes de Christo Nosso Senhor dous mil trezentos, e oitenta anos.

Primeiramente como athe então vivem sem cazas fora de comunidade, e sem leys, cada hum debaixo de sua familia e a gente pela doutrina dos sabios passados, e deste estivesse ja capaz de leys¹³⁵, e pulicia, distribuhio a terra da China em estados, e¹³⁶ regioens, e senhores que os possuhissem com vassallos, ficando elle monarcha, e suprema cabeça de todos; constituhio para o governo do Reyno seis como concelhos, e regedores geraes, cada hum para sua couza a cuja imitação athe agora darão no Reyno como são conselho da fazenda [,] conselho do estado, conselho dos ritos, e cortezias, conselho da Justiça do Crime, e do civil, conselho das obras commuas do Reyno. Ordenou juntamente leys com que o Reyno se governasse; ordenou cazas, e Cidades para viverem em communid[ad]e, e fez paços reaes com que morasse. Ordenou os vestidos competentes ao estado de cada hum, e as cortezias, e policia q[ue] havião de uzar entre sy distinguindo juntamente as sinco cores, branca, preta, vermelha, verde, e amarella, e o uzo do fogo, e agoa para o comer, e mais serviço.

Segundo instituio as letras, q[ue] ja dantes havia, ecscituras que parece serem as primeiras do mundo sabidas. Terceiro determinando entre os mais sabios seis cabeças, ou collegios com seus perfeitos, para varias artes liberaes, e mecanicas entre os q[u]aes o primeiro foi o Collegio, ou congregação de Astrologos com hu[m]a torre eminente para espicular as estrellas, e apparencias celestes, e com livros q[ue] disso fez, os quaes, como nota a mesma historia [,] forão os primeiros que disso houve, e pode ser a primeira escritura do mundo, e a mais antiga em tempo por athe então uzarem de figuras, e numeros par, e impar em que athe agora ficou com sua sciencia. Estes distribuirão os tempos pelos quaes se governassem [f.158r] regulando os pelo curso do sol, e lua [:] dividirão o anno em solar por 365 dias, e hum quarto de dia com os quatro tempos do anno, cujo principio puzerão em 15 graos de aquario onde começa a sua primaveira que são a sinco de Fevreyro, determinarão os quatro pontos Cardeaes dos dous equinocios, e dous solsticios, ficando cada ponto destes sendo o meyo de cada hum dos quatro tempos do anno [,] dando tres signos a cada hum [,] 30.graos cada hum, dividindo o Ceo em 12 partes iguaes a que chamão Cazas, ou partes, ou signos, ou tambem horas, por que dão ao dia natural doze horas entre dia, e noite, ficando o meyo do seu signo principio dos nossos signos [,] hindo aviasadamente¹³⁷. Ordenarão tambem o anno lunar por 12 luas com seu intercallar cada tres annos, e cada sinco, dous intercalares para concordar com o anno solar, e não se variarem os quatro tempos do anno sendo o lunar co[m]mum de 354.dias¹³⁸, e o intercalar de 384, e cada mez lunar hum de 29.dias que chamão mez pequeno, e outro de 30 dias, que chamão gr[an]de. Ordenarão a Sphera material com seus Circulos de equinocial que chamarão caminho vermelho, e ecliptica, que disserão caminho amarello dividindo todo o Ceo em 365 graos, e

¹³² “Gōtey”, AP.

¹³³ “forné (forniu)”, AP.

¹³⁴ “e”, AP.

¹³⁵ “lys”, AP.

¹³⁶ “o”, AP.

¹³⁷ “aviasadamente (enviesadamente)”, AP.

¹³⁸ “394 dias”, AP.

25.minutos, dando cada grao 100.minutos na mesma sphaera, ordenarão o curso dos planetas, pondo o trópico¹³⁹ 24 graos seus, afastado da equinocial, e lua que passa alem delle seis graos. Ordenarão mais o Ceo estrellado por constellaçoens¹⁴⁰ e imagens em que repartirão as estrellas distinguindoas de tres cores, e tratando de suas influencias pelas quaes ordenarão a Astrologia Judiciaria a modo dos Caldeos que desde aquelle tempo profissão grandemente naquelle reyno, entre estas imagens das estrellas que elles fazem passante de 240. ha 28. que destribuirão pelo Zudiaco pelas¹⁴¹ quaes o sol anda no discurso do anno, e no septimo grao de, hu[m]a dellas, constituirão então o Coluro¹⁴² do solstício fromal¹⁴³, parecendolhes que era perpetuo naquelle ponto, que não terão experiencia do movimento tardio das estrellas; e do mesmo modo nas outras imagens determinarão os outros pontos dos solstitios, e equinotios [,] tomando por regra de tudo isto a Ursa mayor conforme vay entre anno apontando, e variando com a primeira estrella da proa da barca¹⁴⁴ destribuirão todas estas estrellas em hum Planispherio como abaixo se dirà.

Quanto [Quarto] ordenou a muzica de canto chão co[m] a distincção de sinco vozes ao modo, u¹⁴⁵, re, mi, fa, sol, la, com doze tonos, ou pontos, dentro dos quaes anda sempre. Fez tambem instr[o.f.158v]mentos muzicos como he Cravo de 12., ou de 32. cordas, frauta, charamellas, e outros instromentos. Quinto ordenou a arte de Aristhmética por suas especies a nosso modo. Sexto ordenou a arte da medicina, e o modo de tomar o pulso. Setimo os pezos, e medidas. Oitavo as embarçaçoens, e remos, e o uzo dos carros, e carroças, e bestas de carga, o modo de criar os bichos da seda, e lavra la. Nono finalmente a arte de fazer vazos de barro¹⁴⁶, e de pao para o serviço, e uzo ordinario; de modo que todas estas artes são deste tempo, tanto, e mais antiga[s] que a mesma China.

E para que mais facilmente se possa ver que seus primeiros inventores forão os Padres antes do diluvio, porei aqui o que está escrito nas historias Chinas, que he argumento muy¹⁴⁷ claro disto que dizemos.

Acerca do que se nota, que como referem as historias sinicas naquelle primeiro tempo deste rey, e no do 4.º que se seguio depois delle, destribuirão as estrellas por 284.imagens, ou constellaçoens por 1565, estrellas, entre as quaes, vinte e oito destribuirão pelo zudiaco, e lhe chamarão cazas, por o Sol no discurso do anno entrar, e discorrer por ellas attribuindo a cada hu[m]a certo numero de graos a hu[m]as mais, e a outras menos que ao todo fazem 365 graus e 25 minutos que contem a Eccliptica tomando principio da estrella *spica virginis* que he o principio da primeira constellação das 28 imagens do zodiaco, e assim as demais constellaçoens destas dão por principio outras estrellas entre nos conhecidas como são *libra*, *frons scorpionis*, que elles tambem chamarão coração, *corpus scorpionis*, *crepis sagitae*, *manus sagitarij*¹⁴⁸, *capricornus*. A quarta de *Aquario* no hombro esquerdo, *Aquario*, *Aries*, *Hiadas*¹⁴⁹, *oculis*, *Tauris*, *orion*, *geminorum cunra*, e outras sabidas. E conforme a isto puzerão os dous Equinotios, e os dous Solstitios, em certo grao destas Imagens entrando nelle o Sol nos taes pontos, todos os annos naquelle tempo tendo p[ar]a sy que aquillo era perpetuo sem variação por não terem experiencia do moto tardio das Estrellas do¹⁵⁰ Occidente para Oriente como depois se achou, e assim o Coluro de¹⁵¹ Solstitio Hie[m]mal no 7.º grao de hua sua

¹³⁹ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “tripico”.

¹⁴⁰ O excerto “lua que passa alem delle seis graos. Ordenarão mais o Ceo estrellado” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “(...) afastado da equinocial, e por constellaçoens (...)”

¹⁴¹ “pelos”, AP

¹⁴² A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “Caluro”.

¹⁴³ “fmnal (i.e. hiemal)”, AP. Confusão entre formal e hiemal.

¹⁴⁴ “proa da barca (Barca do Norte – Ursa Maior)”, AP.

¹⁴⁵ Ut, atualmente conhecido por dó.

¹⁴⁶ “berro”, AP.

¹⁴⁷ “mais”, AP.

¹⁴⁸ “monus sagitaii”, AP.

¹⁴⁹ “Hiades”, AP.

¹⁵⁰ “de”, AP.

¹⁵¹ “do”, AP.

constelação chamada *Hiu* [Xū, 虚], e o Japão, *Kio* [Kyo], o qual grao distava sete graos da quarta estrella de¹⁵² aquario do hombro esquerdo, de que esta constellaçam toma principio, a qual comprehende 9. graos, e 25 minutos. E deste modo forão correndo muitos annos athe que começarão de advertir que o coluro do solstitio se mudará daquelle grao, e as estrellas se [f.159r] tinhão movido para o Oriente athe aquelle tempo, mais de 25. graos, e antes de Christo Nosso Senhor cento e tres annos forão athe agora observando por¹⁵³ todas as Cidades; este movimento achando o hora mais, hora menos tardio, dandolhes huns cem annos a cada grao, outros 82, outros 75 [,] outros 60., e outros finalmente 50, que he o menos q[ue] acharão, de modo que conforme a eles [,] o coluro do solstitio está agora no quarto grao da constellação *Ky* [Ki, 鬼], que he *cuspis sagita*, da qual dista os ditos quatro graos, o que tambem tem os nossos mathematicos q[ue] poem o dito coluro este anno de 1620. quatro graos pouco mais distante desta estrella. De modo que desde aquelle tempo athe agora achão elles que se moverão, ou medirão¹⁵⁴ as estrellas p[ar]a o Oriente 54.¹⁵⁵ graos e 8 minutos, e conforme aos nossos Mathematicos modernos, e aos mais averigoados que agora há entre elles. O ceo estrellado se move regularmente hum grao em 70 annos, e sete mezes; com o que tambem concordão suas observaçoens, pois o meyo da differença que ha entre cem annos, que he o mais, e sincoenta são 25.gra[us] que com os 50, fazem 75, que quazi vem a dizer o mesmo; são passados conforme a isto daquelle tempo athe agora 3892. annos como qualquer mathematico pode facilmente collegir, e conforme a edição vulgata; desde Adam athe Christo Nosso Senhor passarão 4062. annos (o qual parecer seguimos nestas partes por o termos por mais provavel com muitos, e graves authores) aos quaes acrescentado 1620 annos de Christo Nosso Senhor para cá são ao todo 5682. annos athe este prezente . dos quais descontando-os 3892, e 1656 que houve athe o diluvio com mais 131 do diluvio athe a confusão das Lingoas ficão tres annos depois da dita confusão, no qual tempo estava o colluro do solstitio hiemal no sobredito setimo grao afastado da quarta estrella de Aquario onde os Chinas o puzerão quando ordenarão, e fundarão seu reyno. Donde se collige claramente ser esta a mais antiga observação que se acha no mundo entre nòs, concorda isto mesmo com o que proferio refere¹⁵⁶ de Callistene, neto e discipulo de Aristoteles. *Callistenes discipulos, et nepos Aristelis [Aristotelis] comesq[ue] belorum*¹⁵⁷, *Alexandre Magni*¹⁵⁸ *cum Babiloni omnia chaldeorum arcana*¹⁵⁹, *et monumenta excussisset curioseq[ue] scriptatus esset*¹⁶⁰ *reperit observationes rerum caelestium*¹⁶¹, *quæ omnium erant vetustissima, non*¹⁶² *amplius quan*¹⁶³ *non gentorum et milli annorum fuisse hiparcus quoque et Ptolomeus observationum antiquitatem non alius repetunt*¹⁶⁴, *quam atemporibus*¹⁶⁵ *Nobucodonosoris chaldeorum regis que circa prima[m]* [f.159v] *et trigessimam olimpiadem regnare capit*¹⁶⁶ *Alexandre Magno*. No 7.º anno do seu Reynado tomou Babilonia q[ue] forão 3681. annos do mundo, dos quaes tirando 1900¹⁶⁷ que Calistenes achou que os Caldeos começarão suas observaçoens dos Ceos, ficão 1781¹⁶⁸. annos que vem a ser justamente pela confusão das Lingoas q[ue] foi 1787.do mundo¹⁶⁹. E

¹⁵² “do”, AP.

¹⁵³ “per”, AP.

¹⁵⁴ “mudarão”, AP.

¹⁵⁵ “84.”, AP.

¹⁵⁶ “refiro (*sic*)”, AP.

¹⁵⁷ “comosque belorum”, AP.

¹⁵⁸ “Magnus”, AP.

¹⁵⁹ “arcano”, AP.

¹⁶⁰ “esseo”, AP.

¹⁶¹ “caelestione”, AP.

¹⁶² “nem”, AP.

¹⁶³ “quam”, AP.

¹⁶⁴ “repetunt”, AP.

¹⁶⁵ “a temporibus”, AP.

¹⁶⁶ “capio”, AP.

¹⁶⁷ “1700”, AP.

¹⁶⁸ “1781 (1981)”, AP.

Plinio diz que os Astrologos genithliaca¹⁷⁰ Caldeos tiverão principio em Bello Jove, Pay de¹⁷¹ Nino Rey dos Assirios, o qual diz que foi inventor da sciencias das estrellas. Este Bello he o mesmo que Nembrod. Neto de Cam de quem a aprendeo, e comecou a reynar 1791. annos do mundo, q[ue] foi logo depois da confuzão das Lingoas. Colligese tambem, e que os Chinas forão os primeiros povoadores deste Reyno vindo da torre de Babilonia logo depois da confuzão das lingoas, e que a Astrologia, e mais artes Mathematicas, e outras liberaes, e mecanicas que assima dissemos ordenar. O terceiro sabio he Rey da China vierão ja dantes do diluvio geral inventadas pelos Padres, e que delles a Noe, e a seus filhos, e delles depois do diluvio as aprenderão seus Netos, e mais familias q[ue] foram povoar o mundo e as levarão consigo, e ensinarão a seus descendentes nos Reynos q[ue] povoarão, e cà se conservarão athe agora neste fim do mundo onde daquelle tempo para cá permaneceo esta nação intacta sem se misturar com outra alguma, como consta de suas historias tirando que 90 annos forão dominados dos Tartaros nestes tempos derradeiros tomando os Tartaros seus costumes e não os Chinas os seus [,] nem era possivel em tão breve tempo, e tão rude, e agreste inventalas elles per¹⁷² sy e haver nellas tantos sabios como dissemos só pela experiencia, e que em tudo fosse tão semelhantes as de Europa, Azia, e Africa, ou Egipto, cuja origem entre nos se atribue aos primeiros Padres antes do diluvio [,] pois repartirão o Ceo em doze signos, ou partes por 365 gr[au]s: e 25 minutos [,] a sphaera com circulos da equinocial [,] os sete planetas com as mesmas propriedades e nomes della, e seu movimento; o mesmo o movimento do sol por 365. dias e 25 minutos; o lunar por doze luas de 354. dias; e o intercalar de 384: os quatro tempos do anno, os solsticios, e equinotios¹⁷³, a regra de computar os Ecclipses, e tudo o mais desta sorte tão¹⁷⁴ conforme ao nosso, e tão antigo, bem se vê não ser isto inventado cá a cazo, mas assim o de cá, como o de lá vir da mesma sorte, e origem. Tambem faz¹⁷⁵ p[or] esta parte professarem estes des do mesmo tempo a Astrologia ju[f.160r]diciaria ao modo dos Caldeos por figuras de numeros par, e impar, a qual conforme aos Authores se espalhou pelo mundo por Cam filho de Noe, e a ensinou a seus posterios pola¹⁷⁶ aprender antes do diluvio dos filhos de Caym que a professavão; e conforme a isto, e outros erros q[ue] tem des de então acerca de Deos, da Criação do Universo, das substancias espirituas, e alma do homem, e do fado inevitavel, parece serem os Chinas descendentes de Cam, que tinha semelhantes erros, e os ensinou a seus descendentes q[ue] os levarão consigo hindo povoar o mundo.

Da Astrologia Sinica, e¹⁷⁷ Japoa em particular.

Cap. 9.

Dividem os Chinas, e Japoens que delles tomarão suas sciencias [,] em dous membros .ss. em Magia natural que trata da produção do Universo dos principios das couzas naturaes, e das geraçoens, e corrupçoens das couzas do fato, e judiciaria genithlica de q[ue] avante fallaremos no tratado das seitas destes reynos, e em Astronomia q[ue] trata dos Ceos; ambas significão por estas duas palavras, *Ye ky* [Eki, 易], *Re Ky* [Reki, 曆], que o China diz *Yě* [Yì] *Liě* [Lì]. A primeira significa a magia natural.

¹⁶⁹ O excerto “. annos que vem a ser justamente pela confuzão das Lingoas q[ue] foi 1787.” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “(...) ficão 1781 (1981) do mundo.”

¹⁷⁰ Genetlífica, prática supersticiosa de prognosticar a sorte de uma pessoa com base na sua data de nascimento

¹⁷¹ “do”, AP.

¹⁷² “por”, AP.

¹⁷³ “equinotios”, AP.

¹⁷⁴ “são”, AP.

¹⁷⁵ “fez”, AP.

¹⁷⁶ “pela”, AP.

¹⁷⁷ “a”, AP.

A segunda a Astronomia. Dividem elles a Astronomia em speculativa, e practica. A especulativa trata do machina do mundo superior, e inferior: dos Ceos e seus movimentos: do nascimento, e o caso¹⁷⁸ dos Signos Celestes, e planetas: da sphaera material, e seus circulos: das conjunçoens dos planetas, e dos Eclipses do sol, e lua: das horas planetarias, e do tempo, e de tudo o demais a seu modo, de q[ue] os nossos Astrologos tratão desta matéria [;] a Astrologia practica que outros chamão judiciaria, ou prognosticativa, ou tambem adivinhativa, trata do mau, e bom dia para obrar, e de outras couzas contingentes que pelas apparencias Celestes [,] aspecto; e conjunçoens dos planetas entre sy, e com as estrellas prognostica.

No que toca a unidade do mundo, que nos temos con[f.160v]forme a fé ser hum só, e conforme a rezão natural que o está mostrando e juntamente o ser de figura circular assim o Ceo como a terra. Assim como entre os Philosophos antigos houverão varias openioens acerca da Unidade e forma do mundo, assim hà cà entres estes das seitas pondo huns, hum só mundo [,] outros os muitos, e quazi infinitos, outros a forma de hum modo, outros de outro¹⁷⁹ [,] huns altera [a terra] quadrada de seus lados, e o Ceo redondo, e fluido, outros piramidal alta, e profunda com muitos Ceos a modo de mundos, poremos aqui o¹⁸⁰ breve o que estes cà tiverão, advertindo primeiro que he provavel que os nossos Philozophos que tiverão a mesma penção, a tomarão destes de cá assim como tomarão outros principalmente da seyta Indiana, e da dos Caldeos que he a mesma que a dos letrados judiciarios sinenses, pois estas de cà são muito mais antigas em tempo que aquelles, e muito primeiro q[ue] houvesse Philozophos Gregos.

Entre os antigos os que imaginarão muitos mundos, e quazi infinitos forão Democrito, Metrodoro, Anaxinander [Anaximandro], Anaximenes, Archelao, Aristarcho, Xenofanes, Diogenes, Leucippo Epicuro¹⁸¹, e Anaxarco gimnosofista Indiano, a q[ue]m ouvindo Alexandre Magno que havia muitos mundos, dizem q[ue] chorou, pois nem de hum só ainda era Senhor [,] *Xaca* [Shaka, 釈迦], ou *Xekia*, e por outro nome Budda, cabeça da seita dos gimnosofistas da India, poem tres mundos, e depois tres mil, e finalmente quazi infinitos mundos, a quem seguirão os Manicheos, os quaes desta seita manarão, e seus principaes dogmas della os tomarão porque Manes author da seita dos Manicheos conforme a muitos authores foi Bragmane de nação. Nos prim[ei]ros tres mundos q[ue] *Xaca* poem, que chama *Sangay* [Sangai, 三界], *id est*, tres mundos, poem em cada hum certo numero de Ceos, q[ue] ao todo são 33. com seus habitadores, huns de menos, outros demais longa, e outros de vida eterna sem fim. O primeiro dos tres mundos chama *Yoccay* [Yokkai, 欲界], *id est*, mundo da concupiscencia, o mundo *Xikicay* [Shikikai, 色界], mundo Corporea, ou com cor, que he o mesmo a modo entre elles, e mundo incorporeo ou¹⁸² sem cor [Mushikikai, 無色界]. Nestes tres mundos poem *Xaca* hum monte a modo de peramide muy alto chamado *Xumixen* [Shumisen, 須弥山]¹⁸³, e o China *Xumixan* [Xūmíshān], com quatro lados ao pé, hum para o Sul, outro para o Norte, e outro para o Oriente, e outro finalmente para o poente; e em cada hum delles seus ha[f.161r]bitadores com differentes figuras do rosto, e corpo conforme a parte a q[ue] assinalão particular figura .ss. a parte do Sul que he quente na qual imaginão o elemento do fogo, a figura piramidal na qual habitão os homens de nosso mundo; a parte do Norte onde hê o lugar natural de elemento da agoa dão figura redonda; a parte do poente he quadrada, ou Cuba de seis lados onde colocão a agoa; a do Oriente semicirculo onde poem o Vento, ou a virtude locomotiva. Este monte tem *Xaca* que està apartado de nos por grande distancia para a parte do Norte. Diz que está fundado sobre tres orbes que o substentão; o

¹⁷⁸ “ocaso”, AP.

¹⁷⁹ “outra”, AP.

¹⁸⁰ “a”, AP.

¹⁸¹ A palavra “Epicuro” foi suprimida da transcrição de Abranches Pinto.

¹⁸² “o”, AP.

¹⁸³ Trata-se do monte Sumeru. Uma montanha que se acreditava situar entre os Himalaias e a Índia e que era o centro da Terra.

primeiro, e ¹⁸⁴ mais baixo sobre o orbe de vento, e sobre este o de agoa, que cerca todo este monte. Tem este monte de altura fora de ¹⁸⁵ agoa 46080. legoas, e debaixo da agoa em profundo outro tanto que hê ao todo a altura 92160. legoas: sobre este monte estão 33. Ceos repartidos em tres ordens, e o sol, e lua, e estrellas andão, ou se movem ao redor deste monte, o qual no meyo hê mais delgado, e no baixo, e na parte superior mais largo ao modo de hum relógio de area donde vem a distinção do dia, e noite mayor, ou menor conforme ao lugar mais, ou menos grosso onde se movem; alem destes tres mundos, poem mais outros tres mil. O primeiro se chama os mil mundos pequenos, o qual consta de mil montes destes, e de mil soes, e mil luas. O segundo chamase os mil mundos do meyo, o qual consta dos mil mundos dos mil ¹⁸⁶ menores. O terceyro chamase os mil mundos grandes, q[ue] consta de mil mundos dos meãos. Isto hê a forma do mundo que poem *Xaca* ¹⁸⁷, e os muitos mundos q[ue] assinala .ss. tres mil no modo sobredito.

Alguns entre os Philozophos antigos como diz o Curso Conimbricense, a fazem a modo de piramide; *quidam inquit e am* ¹⁸⁸ *faciunt, ut pyramidem, et faciunt e am* ¹⁸⁹ *quiescere* ¹⁹⁰ *propter ejus profunditatem infinita, ut Xenoplianes [Xenophanes]; Thales Milessias, vero putavit* ¹⁹¹ *terram ab aqua* ¹⁹² *substantavi, non aliter qua[m] lignum aut aliud quid ejusmodiaque* ¹⁹³ *in natans Anaximenes. Anaxagoras, et Democritus, causam quietis* ¹⁹⁴ *terra in ejus latitudine[m]* ¹⁹⁵ *connelerunt, et ab aëre sustavj discerunt* ¹⁹⁶, a qual opinião como fica dito hê de *Xaca*, o qual attribue ao elemento da terra, a figura quadrada, ou conbica ¹⁹⁷ e tão bem piramidal ao monte, metida pela agoa dentro profundissimamente, e que nella se sustenta.

Porem na verdade assim *Xaca*, como os Philo[f.161v]sophos antigos que puzerão muitos mundos *in re* poserão hum só verdadeiro habitado dos homens, e animaes com hum sò Ceo, hu[m] sol, hu[m]a lua, e estrellas, e todos os demais forão fabulos metaforicos, e misteriozos, a respeito do que passa dentro dentro do homem. O que claramente se collige da doutrina de *Xaca*, e de seus textos, e interpretes, onde declara que estes muitos mundos são egnimaticos, e simbolicos. Donde he muito provavel que todos os que puzerão muitos mundos o tomarão da doutrina de *Xaca*, e no mesmo sentido egnimatico, porque *Xaca* foi muito primeiro que elles, e o primeiro q[ue] se acha, que pôz esta multidão de mundos, e pelas historias consta que muitos destes antigos communicarão com os Bragmanes discipulos da doutrina de *Xaca*, e tomarão delle muitos dogmas fizicos; E quanto a Anaxarco que disse A[l]exandre Magno, haver tres mil mundos, está claro q[ue] fallava popular, e não fizicamente, pois era ginnosofista sequas ¹⁹⁸ da doutrina de *Xaca*, a qual naquelle tempo florescia na India, e esta abertamente poem os tres ¹⁹⁹ mundos misterioza, e metaforicamente, e hum só verdadeiro que elle chama *Lxxecay* ²⁰⁰, *id est*, um só mundo.

¹⁸⁴ “o”, AP.

¹⁸⁵ “da”, AP.

¹⁸⁶ O excerto “dos mil” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “(...)consta dos mil mundos menores.”

¹⁸⁷ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “Xeca”.

¹⁸⁸ “eam”, AP.

¹⁸⁹ “eam”, AP.

¹⁹⁰ “quiescere”, AP.

¹⁹¹ “putavet”, AP.

¹⁹² “ab aquae”, AP.

¹⁹³ “ejusmodiaquae”, AP.

¹⁹⁴ “quieto”, AP.

¹⁹⁵ “latitutine”, AP.

¹⁹⁶ “discorunt (?)”, AP.

¹⁹⁷ “conhece”, AP. Confusão com cúbica.

¹⁹⁸ Sequaz, que segue, defendendo os preceitos, normas e/ou princípios de uma religião ou filosofia.

¹⁹⁹ “três (mil?)”, AP.

²⁰⁰ Provavelmente a contração entre os carateres de ‘um’ (ichi, 一) e ‘mundo’ (sekai, 世界), o que poderia resultar em algo como *Issekai*. Contudo não se encontrou nenhuma correspondência para esta designação. Existe também o termo *Ittenshikai* (一天四海), que designa o mundo, o universo, cuja leitura não difere muito da referida acima.

Os Philosophos Sinenses poem hum so mundo, q[ue] conta²⁰¹ de Ceo, e terra, fazem o Ceo redondo, e a terra quadrada, cercada de quatro mares pelos quatro lados, situada no meyo, ou dentro do Ceo onde por cauza da figura²⁰², dizem q[ue] está queda, e sòmente a parte, ou superficie superior hê habitada. Isto mesmo seguem os Japoens, e conforme a isto dividem a machina do mundo em Celeste, e terrestre, ou em superior. A segunda comprehendem com a palavra Ceo, que elles dizem *Ten* [Ten, 天], e o China *Tien* [Tiān], no qual vocabulo entendem toda a região Aerea e etherea, Ceo, estrelas [,] planetas, as impressoens Aereas, os seus sinco elementos, ou sinco qualidades elementares .ss. *Ignea, Lignea, terrestres, Aquea, et metalia* [,] as quais *in re* conforme a explicação responde a quente, frio, seco, e humido, as quaes elles chamão elementos, e as poem na região do Ar, ou Ether [,] sogeitadas na substancia do Ar com seus lugares apropriados .ss. no Sul, o fogo; no Norte, a agoa; no Oriente [,] o pao; no poente, o metal, e no meyo²⁰³ [,] a terra; as quaes qualidades tem elles que respondem as propriedades dos sinco planetas, o Pao [,] a Jupiter; o fogo [,] a Marte; a terra, o²⁰⁴ Saturno; o metal, a Venus; a agoa, o²⁰⁵ Mercurio, donde com os mesmos nomes chamão estes planetas. E o Sol, e Lua [f.162r] comprehendem em sy como fonte, estas sinco qualidades .ss. O Sol, a quente, e seco; a Lua [,] humido e frio. A segunda região comprehendem com o vocabulo, *Chi* [Chi 地], e o China *Ty* [Dì], *id est*, terra, na qual entendem, terra, mar, rios, lagos, Pedras, metaes, Arvores, e tudo o demais que nella há. Tem elles para sy, que está a terra vizivel, agoa, e fogo não são elementos, mas que são mistos q[ue] se gerão, e corrompem como os demais corporaes; porque os Elementos são ingeneraveis, e incorruptiveis, pois são principios de que as couzas se compoem, e em que se rezolve pela corrupção do composto²⁰⁶, e hum se não gera do outro.

Do Ceo em particular, e graos em que o dividem.

Cap. 10.

Os Chinas, e Iapoens como se vè em seus Livros, considerão o ceo de varios modos conforme a diversos conceitos que delle formão, e a diversos respeitos que lhes attribuem, e por isso sendo hum só Ceo, e hu[m]a sò substancia em numero lhe dão varios nomes pelos quaes se distinguem os taes respeitos [,] primeiramente considerão no em geral em quanto comprehende tudo quanto ha nelle, e se faz na região do Ar, e Etherea, como he a substancia do Ceo, natureza, operaçoens, e varias qualidades, e dispozicoens, e²⁰⁷ mudança que o sol com o seu curso cauza nos quatro tempos do anno [,] as impressoens aereas, e tudo o demais, e conforme a isto o chamão *Tentō* [Tentō 天道], e o China *Tientao* [Tiāndào], que quer dizer, via ou ordem, ou sciencia do Ceo. Donde toda sua sciencia dividem em tres membros .ss. *Tentō* [Tentō, 天道], celeste; *Chitō* [Chidō 地道] [,] terrestre; *Jintō* [Jindō 人道] humana, ou moral, cujo sugeito são as tres couzas principaes do universo .ss. Ceo, terra, e homem, que elles chamão *Sansay*²⁰⁸ [Sansai 三才], *id est*, as tres habilidades, ou as tres couzas mais excellentes. 2.º Considerão o Ceo quanto a sua natureza, propensão, e propriedades, ou virtudes para obra, ou emquanto tem sy principio de obrar constante, e perseverantemente sem intermissão, e conforme a isto o chamão *Ken* [Ken, 乾], e o [f.162v] China *Kien* [Qian], e a terra, *Con* [Kon, 坤], ou *Cuen* [Kun], as

²⁰¹ “con(s)ta”, AP.

²⁰² “figura (?)”, AP.

²⁰³ “consigo”, AP.

²⁰⁴ “a”, AP.

²⁰⁵ “a”, AP.

²⁰⁶ “decomposto”, AP.

²⁰⁷ “a”, AP.

²⁰⁸ “Santay (Santai)”, AP.

quaes significão o ceo, e terra, quanto a sua natureza a qual he forte, e constante que perpetuamente se move sem parar por cauza do qual he principio e cauza efficiente de todas as couzas²⁰⁹ que se gerão, e corrompem, donde lhe atribuem as qualidades activas, quente, e seco²¹⁰ da natureza do fogo, e o chamão tambem Pay²¹¹, varão, ou macho, e senhor por sua virtude activa, e predominante com a qual produz as couzas na primeiv[e]ra, e as faz florescer no estio, e chegar a su[m]mo vigor [,] no octono as sazona; e finalmente as perfeiçoa, e chegão ao summo. E pelo contrario a terra conforme a sua natureza he contraria a esta de qualidade, e virtude passiva, e receptiva, cujo officio he receber, e substentar, e por isso se chama May femea. 3.º considerão o Ceo quanto a sua acção e efficiencia nas couzas debaixo, e conforme a isso ora o chamão *Mey* [Mei, 命], *Tenmey* [Tenmei, 天命], e o China *Min* [Ming] *Tunmin* [Tiānmìng], que he influencia Celeste mandada de sima; Cha[ma-]se²¹² *Tenry* [Tenri, 天理], e o China *Tunly* [Tiānlǐ], id est, *ratio cælj*, enquanto he cauza universal eficiente, chamase *Tey* [Tei, 帝], *Xōtey* [Jōtei, 上帝], e o China *Ty* [Dì], *Xantj* [Shàngdì], id est, perdominio, ou virtude predominante nas couzas debaixo pelo movimento continuo sem intermissão, e influencia que manda, e p[e]lla mesma rezão se chama tambem *Tenxin* [Tenjin, 天心], e *Tentocu* [Tenkoku, 天德], e o China *Tunxin* [Tiānxīn] *tente* [Tiāndé], que quer dizer, espirito, ou alma do Ceo, e virtude celeste, não alma vivente, mas em quanto invencivelmente opera nas couzas de baixo: chamase tambem *Ki*, *Xin*²¹³, e o China *Queyxin*, id est, espirito bom, e mao, que hê a virtude com q[ue] obra, e produz as couzas a modo de alma, e com que as corrompe, que elles tem ser os espiritu, ou genio²¹⁴ bom, a dilatação, e vigor inveziel²¹⁵ do calor, e crescimento delle, que se produz na região do Ar co[m] o aceso²¹⁶ do Sol para nos, com o qual se produzem as couzas, e o espirito mao, he o decrescimento [,] encolhimento do²¹⁷ mesmo calor, e frio, q[ue] o faz recolher com o recesso do Sol com que as couzas se corrompe[m]. O primeiro pertencem²¹⁸ ao quente, e seco. O segundo ao frio, e húmido. 4.º concederão²¹⁹ o ceo conforme a diversos respeitos, e a algumas propriedades, que tem conforme a elles, em quanto o Ceo hê Ar fluido, diafano, transparente, penetravel, ou que dá de sy sem impedir, e hum espaço infinito, chamão do²²⁰ Ceo *Tay cùn*²²¹, *Tay Kio* [Taikyō 太虚], com China *Taicum* [,] *Taihiu*²²² [Tàixū], que quer dizer, o grande vacuo, ou incorporeo sem figura, e quantidade solida; em quanto a respeito da terra, he superior [,] supremo, e a terra inferior, infima, chamase *Cō*, *Ky*, *San*, [f.163r] *xō*²²³, e o China, *Cau*, *Quey*, *tçun* [,] *xam*, id est, alto, supremo, sublime, nobellissimo [,] veneravel. 5.º concederão-no²²⁴ moralmente por seus antigos a imitação do Ceo, e terra, e Leys, e ordens universaes, e perpetuas, que guardão no discurso dos quatro tempos do anno, com o acceso²²⁵, e recesso²²⁶ do Sol sendo como Pay, e May universaes de todos [:] fundarão toda sua doutrina moral, civil, imitando em suas acçoens o Ceo, e terra, Pays universas, cujo primogenito tem ser o primeiro

²⁰⁹ “cauzas”, AP.

²¹⁰ “seca”, AP.

²¹¹ “Pey”, AP.

²¹² “Chase”, AP.

²¹³ O termos mais próximo que se encontrou foi ‘kishin’, 鬼神, que em mandarim se lê ‘guǐshén’. É um termo budista que significa deus temível.

²¹⁴ “genios”, AP.

²¹⁵ “invencível”, AP.

²¹⁶ “aces(s)o”, AP.

²¹⁷ “de”, AP.

²¹⁸ “pertence”, AP.

²¹⁹ “considerão”

²²⁰ “ao”, AP.

²²¹ “cùn”, AP.

²²² “Taihin”, AP.

²²³ “xē”, AP.

²²⁴ “considerão-no”, AP.

²²⁵ “acesso”, AP.

²²⁶ “recesso”, AP.

homem, e molher [,] cabeças, e tronco dos demais, de modo²²⁷, cujo legitimo successor tem ser seu Rey, e por isso se chama filho do Ceo.

6º finalmente considerão o Ceo quanto a sua substancia, e corpo e emquanto tal o chamão propriamente *Ten* [Ten, 天], e o China *Tien* [Tiān], que quer dizer, Ceo; o qual elles fazem hum só numero, sem multidão de cascos, ou orbes distinctos, cuja materia fazem ser o mesmo Ar, ou Ether, fluido sem corpulencia, e por isso o chamão incorporeo, ou sem figura, com partes distinctas, e chamão corpo, ou figura do Ceo o Sol, Lua, planetas, e estrellas, que tem corpulencia, e figura globoza apparente. E posto que tem que o Ar, ou Ceo está em continuo movimento, esse não he regular, como tão bem o não hê o do vento, e o movimento regular attribuem ao corpo solar [,] lunar [,] dos planetas, e estrellas, as quaes tem, que estão no mesmo Ar, e se movem nelle com certo e lemitado movimento e por caminho determinado²²⁸, como se move o peixe na agoa; e tem que se move todos do Oriente para poente assim co[m] o movim[en]to raptó, como com o natural por modo de espiras; porque como tenham que os Corpos dos Astros se movem por sy, e não com o movimento do Ceo, não poderão entender no mesmo corpo dous movimentos contrarios entre sy no mesmo tempo; donde cuidão que se movem p[or] modo de espiras fazendo cada dia seu movimento, raptó, ou diurno, e juntamente vão subindo, ou decendo para hum dos dous tropicos, donde fazem o Equinocio vernal no Oriente em Libra, e o outunal²²⁹ no Poente, em²³⁰ Ariete, correndo signo ao contrario dos nossos do Oriente para Occidente. Começa o Ceo conforme a elles da superficie da terra para sima; porque tudo o que não he terra, e agoa hê Ceo conforme a elles da superficie da terra para sima porque tudo que não hê terra, e agoa hê Ceo conforme a elles porque como fica dito o mundo se divide em Ceo, e terra, mas ordinaria, e popularmente chamão Ceo a parte superior do Ar onde se mo[f.163v]vem os planetas, e estrellas por seus caminhos. Tem ser o Ceo quanto a parte convexa, e superficie de fora onde se termina o Ar, misto com as qualidades elementaes de figura circular, ou redonda, e o que dahi para fora imaginão he Ar infinito, e hu[m]a substancia simplissima sem qualidades, nem actridade [actividade] alguma ao modo que dizemos que a materia prima he pura substancia. A superficie do Ceo concava, que cerca a terra, he quadrada conforme a elles como a mesma terra.

Para cujo entendimento se note q[ue] todas estas seitas de Philosophos q[ue] há em Iapão, e na China tem firmemente que *ex nihilo nihil fit*, nem conhecerão poder infinito que de nada possa crear, donde pozerão a materia eterna, *et afe*²³¹ *ipsa*, a qual imaginão ser o Ar infinito, no qual dizem haver hum movimento perpetuo, por virtude do qual movimento no meyo deste Àr infinito se produzio hum caos infinito com as qualidades elementaes ficando a modo de hum globo antes de se dividir, o qual caos elles nomeão por varios nomes .ss. *conton* [konton, 混沌, caos] *mibun*, *id est*, *conglobatio in divisa*, ou *spherum*, o qual na seita dos *Camis* [Kami, 神] de Iapão *Queixino gotocu*²³², *id est*, a modo de hum ovo de galinha que tem clara, rara e diafana, e gema opaca, e turva, para significarem a figura spherica, e a confusão, ou partes que nella²³³ hà; chamase tão bem *Tay Kio cu* [Taikyoku, 太極], e o China *Tay Kie* [Taiji], que quer dizer o grande termo, ou limitado por ser infinito, e a mayor couza que há, e o demais Ar infinito *Bukiocu*, e o Chinês *Vukie*²³⁴, que quer dizer, sem termo, ou infinito. Chamarão-no²³⁵ também a grande unidade, ou unidade, por ser unicamente grande. Este caos com o continuo movimento, se dividio subindo para sima o puro, claro, e leve ficou sendo Ar, ou Ether, q[ue]

²²⁷ “do mundo”, AP.

²²⁸ “determinado caminho”, AP.

²²⁹ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “optunal”.

²³⁰ “em” não aparece na transcrição de Abranches Pinto.

²³¹ “ase”, AP.

²³² “Queixino gotocu (Keishi no gotoku?)”, AP. Não se encontrou qualquer referência a esta designação.

²³³ A palavra “nella” não aparece na transcrição de Abranches Pinto.

²³⁴ O mais próximo que se encontrou foi Mukyoku (無極), ou *Wuji* em mandarim. É um termo taoísta, oposto a Taiji, que indica o universo primordial, anterior ao Taiji, no qual nada existe.

²³⁵ “Chamão-no”, AP.

chamão Ceo, e que [é] o mais perfeito das quatro qualidades, quente, frio, seco e humido, se converteo em planetas, e estrellas .ss. A quente, e seco em Sol, e o frio, e humido em Lua, ficando estes dous planetas sendo a fonte das quatro qualidades elementaes, e que os demais sinco planetas se compõem cada hum do mais perfeito de hu[m]a destas quali[da]des, e o mesmo das estrellas pertencendo algum ao Sol pela qualidade, e outros a Lua. Do mesmo modo o turvo, impuro, e mais grosso e pezado deceo²³⁶ ao meyo do caos onde se condençou, e ficou terra, e agoa, tendo tambem em sy as qualidades elementaes, e com a mistura, e virtude²³⁷ das qualidades celestes, e terrestres se foi o ceo, e terra perfeiçoando, e depois com sua virtude produzião o primeiro homem, e molher, e todas as demais couzas do universo, ficando co[f.164r]mo Pay, e May universaes, e dahi por diante com o movimento do Ceo, e virtude do Sol, planetas, e estrellas se vão conservando com as geraçoens, e corrupçoens annuaes dos quatro tempos do anno. Imaginão pois que este universo desde que começou a primeira produção athe acabar outra vez, e ficar caos, há de durar doze periodos conforme aos 12.signos²³⁸ de Zodiaco dando a cada periodo, ou signo 10800. annos que ao todo são 129600. annos o qual espaço elles chamão Anno grande, e lhe atribuem seus mezes, dias, e horas de que em outra parte se falla distintamente, o qual anno entre os nossos se chama anno platonico. Começa este anno, ou espaço no primeiro signo da meya noite que he no primeiro grao de Capricornio, no qual signo tem que se produzio o Ceo, e no segundo procedendo p[ar]a o Occidente se produzio a terra, e no terceiro o homem; no quarto [,] q[ue] he no Oriente, e lugar do equinocio do verão, todas as demais couzas, e dahi athe o primeiro grao de Cancro, tem que vay o mundo sempre em perfeição e augmento, e q[ue] dahi por diante torna a imperiorar athe onde começou [,] onde acaba de todo, e fica caos na mesma forma, como em seu lugar diremos, o mesmo tem as seitas dos ginnosofistas Indianos. E o mesmo tiverão muitos dos antigos, como se pode ver nos Authores; e de *Anaximenes principium omnium rerum opinatus est*²³⁹, *quem genere infinitum qualitibus finitum ajebat*²⁴⁰ *cujus condensatione ae*²⁴¹ *rare factione cuncta gigni putavit terram ex acrestipato*²⁴² *primum omnium factam latam*²⁴³, *magnam, id circo non absque ratione semper aere contineri*²⁴⁴.

Esta openião entre os Chinas de o ceo ser hum só, e fluido, ou o mesmo Ar, e os planetas moverem-se nelle como os peixes na agoa, e entre elles antiquissima, e a tem desde sua primeira fundação junto a confusão das lingoas, e parece que a primeira antiguidade toda teve o mesmo, e por isso chamavão ao Ceo de natureza de fogo como estes. Alguns Astrologos modernos das partes boreaes seguem agora o mesmo movidos de algumas apparencias que observarão no Ceo, que elles tem para sy não se poderem salvar sem o Ceo ser fluido ao menos os Ceos dos planetas; porque da oitava sphaera estrellada onde as estrellas estão sempre entre sy na mesma distancia, e se movem todas igualmente assim com o seu movim[en]to vagaroso natural do ponente para o Oriente, como tambem com o movimento rapto athe agora não fallão por ser mais difficultozo de salvar²⁴⁵.

Os Mouros, Arabios, que na China professão a As[f.164r]trologia de Ptolomeu, tem na Corte de Pekim hum Collegio real de Mathematicas, estes poem nove Ceos como poem Ptolomeu, mas os Chinas quazi nada tomão delles nem querem misturar sua Astrologia antiga com as dos mouros. E posto que nos livros antigos, e modernos, e sinicos se faz menção de nove Ceos, não he porque ponhão nove orbes distintos, mas o Ceo fluido dividem em nove partes, ou Areas a que chamão nove Ceos,

²³⁶ “disco”, AP.

²³⁷ “(...) com a mistura central (centrada) das qualidades”, AP.

²³⁸ “sinuos”, AP.

²³⁹ “esst”, AP.

²⁴⁰ “ajebas”, AP.

²⁴¹ “ac”, AP.

²⁴² “acrestipatus (?)”, AP.

²⁴³ A palavra “latam” não se encontra na transcrição de Abranches Pinto.

²⁴⁴ “continori”, AP.

²⁴⁵ “salvar (solver?)”, AP.

nas quaes destribuem as imagens das estrellas dividindo a Zona torrida em oito partes em roda cada²⁴⁶ parte em 45 graos, e 65 minutos, e 62. segundos, e cada parte destas chamão hum Ceo com seu proprio nome, e propriedade, e nellas destribuem 28 constellaçoens, ou signos estelliferos do zodiaco, a mayor parte dos quaes são estrellas dos nossos doze signos. A nona parte hê a q[ue] cahe para o Norte, na qual poem outras muitas imagens de estrellas tambem nos quatro tempos do anno dão nomes proprios ao Ceo conforme a certa propriedade do mesmo tempo, para cada tempo hum nome de Ceo; mas na verdade tudo hê hum sò Ceo, e não muitos orbes distinctos.

Dos graos, e signos em que repartem o Ceo, e da equinocial, e Ecliptica.

Cap. 11.

Como elles não poem o corpo do Ceo solido, mas Ar fluido, cuja profundidade não podião notar, nem tomar algum principio certo para o medirem, e repartirem em grãos [,] repartem, e devidem o caminho do Sol, que he a Ecliptica, que elles chamão caminho amarello, ou tambem caminho do sol; e a equinocial que corta o Ceo pelo meyo, que elles chamão caminho vermelho, e tambem o caminho da lua, que elles chamão caminho branco. A medida ordinaria itineraria, e com que tambem medem as couzas Celestes, he chamada entre elles *Xacu* [Shaku, 尺], e o China *Che* [chī], de que atraz fallamos, que he propriamente hum pê mathematico nosso, que consta de quatro palmos mathematicos, cada palmo de quatro dedos, cada de[f.165r]do de quatro graus, ou pontos. Elles a²⁴⁷ dividem ao modo antigo em cem partes menores que são cem pontos, cada ponto dizem que contem des cabellos do rabo de hum cavallo atravessados; des pontos destes fazem *sun* [sun, 寸], que he como espaço do nò do dedo polegar, athe o outro nò; des *sun* [sun, 寸] fazem hum *Xacu* [Shaku, 尺], sinco *Xacu* [Shaku, 尺], hum paço geometrico, ou hu[m]a braça de sinco pès; dez *Xacu* [Shaku 尺], fazem hu[m]a pertica, etc., e assim vão correndo como fica dito. Com tudo para medirem os graos no Ceo tomarão por medida o corpo solar, cujo diametro, dizem elles, que tem hum grao de comprido, e a circunferencia 3 graos 14 minutos e 16.segundos. Dividem cada grao em cem minutos, cada minuto em 100. segundos, e²⁴⁸ estes em 100. terços; e assim vão correndo athe dez. Tem tambem que a lua tem a mesma grandeza que o sol. Parece q[ue] se moverão a isto pelo seguinte como seus antigos não conhecessem mais que o movimento de Oriente para Ocidente .ss. o rapto²⁴⁹ de 13. horas que são nossas 24. e o natural dos planetas cada hum por seu caminho limitado, movendose sómente o corpo do Astro no ar por modo de espira athe tornar ao ponto onde começou seu curso; e como tambem repartem a Eccliptica em 365. graos, e 25. minutos, ou hum quarto de grao, e dão ao anno solar 365. dias e tres horas, ou hum quarto de dia, cuidarão que o Sol cada dia pelo movimento rapto em 12 horas, e que juntamente subia, o²⁵⁰ decia com seu movimento natural hum grao quanto era sua grandeza; de modo que 365. corpos solares fazem hum circulo de 365. graos,e daqui vem, q[ue] dizem andar o sol entre dia, e noite nas doze horas 366. graos, ou tiverão outro motivo algum para isso que nos²⁵¹ não consta.

Repartem pois a linha equinocial, ou caminho vermelho como elles dizem em doze partes iguaes que chamão horas, dando a cada huma nome, e Character particular. Cada parte destas dividem

²⁴⁶ “vada”, AP.

²⁴⁷ “o”, AP.

²⁴⁸ A palavra “e” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

²⁴⁹ “orapto”, AP.

²⁵⁰ “e”, AP.

²⁵¹ “nós”, AP.

em 30. gr[aus];, e 43. min[utos];, e 75. segundos; e todo o circulo da²⁵² Equinocial em 365. gr[aus];, e 25. min[utos];. Dà²⁵³ ao diametro deste circulo 121. gr[aus] e 75. min[utos];. Cada polo do mundo dista da equinocial 91. gr[aus], e 31. min[utos] e 25 segundos, e ambos distão hum do outro 182 gr[aus], e 62. min[utos], e 50. segundos.

Do mesmo modo repartem a Eccliptica, ou caminho amarello em outras doze partes iguaes as quaes chamão cazas a respeito do sol, planetas, e signos estelíferos em que entra o sol p[e]lo discurço do anno, e a cada parte, ou signo destes dão o mesmo nome, e character das horas da equinocial. Cada parte destas dividem em 30.[f.165v] gr[aus], e 43. min[utos] e 75 segundos, e toda a eccliptica em 365. gr[aus], e 25. min[utos] q[ue] o sol corre em 365. dias e 3. horas suas, dando cada dia hum grao, que o sol faz com seu curso natural [,] a Eccliptica, e equinocial se cortão nos dous equinocios do²⁵⁴ Verão²⁵⁵, e Octono, e se aparta da equinocial para os dous polos do mundo 23. gr[aus], e 90. min[utos] onde fazem os dous solsticios .ss. Hiemal, que elles chamão termo do inverno, e estival termo do estio, e a estes quatro chamão os quatro pontos fixos. Da mesma maneyra repartem o caminho da lua, ou caminho branco em 365. gr[aus], e 25. min[utos], o qual se corta com a eccliptica em duas partes, onde dizem q[ue] se fazem os eclipses do sol, e lua que he o que nos chamamos Caput, e cauda draconis, e se afasta da ecliptica para ambos os polos do mundo 6. gr[aus], e 2. min[utos]; fazem a largura do Zodiaco de 12. gr[aus] e 4. min[utos]. Posto que²⁵⁶ não nomeão Zodiaco, mas poem no inre²⁵⁷. A lua faz cada dia o movimento rapto em 12 horas, e anda pelo seu caminho branco 13. gr[aus], e 37. min[utos], e dizem fazer seu curso em 27. dias, e mais algu[m]a couza, e a conjunção em 29 dias, e 53. min[utos] mais alguma couza. A ordem dos seus signos, e horas he a mesma [,] yndo de Oriente para Occidente ao contrario dos nossos signos, e vão aviazados²⁵⁸ dos nossos signos meyo signos, participando 15. gr[aus] de hum nosso, e 15.²⁵⁹ de outro de modo que os quatro pontos cardeaes dos solsticios e equinocios ficão sendo²⁶⁰ o²⁶¹ meyo de seus signos, e horas de modo que o principio dos nossos signos, he o meyo dos ceos²⁶², seu primeiro signo ou hora começa em 15. gr[aus] de Capricornio, seu meyo, he o primeiro grao de Capricornio onde fazem o solstitio Hiemal, e a meya noite, seu fim são 15. de sagitario. O 2.º começa em 15. de sagitario, seu meyo he o primeiro do mesmo, e o fim 15. de escorpio; e assim nos demais athe o cabo. Antigamente não tiveram noticia dos nossos signos, e seus nomes, mas depois que os Mouros vierão a China a²⁶³ tem agora, interpretando²⁶⁴ os nomes delles em sua lingua, e para mostrarem seu predominio, os ajuntão com os seus correndo do Oriente, para Occidente, mas estes parecem ser os signos das imagens das estrellas Celestes que estão no Zodiaco, e por isso os poem no seu signo no lugar onde agora se achão no Ceo por se terem afastado p[ar]a o Oriente com o movimento vagaroso das estrellas.

Os graos da eccliptica, tomão seu principio no primeiro grao de Capricornio no solsticio Hiemal donde vay subindo p[ar]a o Oriente athe o Solsticio estival, o qual arco he o seu ascendente, e o chamam yō [yō, 陽], e o China yam [yang], *id est*, quente, e seco, por estas quali[f.166r]dades começão a crescer do solstitio Hiemal por diante athe o solstitio estival, onde as ditas qualidades

²⁵² A palavra “da” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

²⁵³ “Dã(o)”, AP.

²⁵⁴ “de”, AP.

²⁵⁵ “Verão (sic, primavera)”, AP.

²⁵⁶ “Postoque”, AP.

²⁵⁷ Inreki, 陰曆, de calendário lunar ou *in re*, do latim? Abranches Pinto coloca “*in re*”.

²⁵⁸ “aviazados (enviesados)”, AP.

²⁵⁹ “12”, AP.

²⁶⁰ A palavra “sendo” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

²⁶¹ “a”, AP.

²⁶² “dos ceos (dos seus?)”, AP.

²⁶³ “e”, AP.

²⁶⁴ “interpretado”, AP

chegão²⁶⁵ ao summo que hão de chegar, q[ue] chamão *Rōyō* [Rō yō, 老陽] e o China *Lao yam* [Lao yang] que quer dizer quente, e seco, velho, *id est*, consumado, por que dahi por diante começam a decrecer, e a crescerem as qualidades contrarias humido, e frio athe o Sol chegar ao solstitio Hiemal, O qual Arco he o seu descendente, e o chamão *Yn* [In, 陰,] que quer dizer frio, e humido e chegando ao solsticio se chama *Rōyn* [Rō in, 老陰], e o China *Lao yn* [Lao yin], *id est*, frio, e humido consumado, ou velho. As qualidades *Rōyō* [Rō yō, 老陽], ou *Lao yam* [Lao yang] attribuem o numero impar, nono, o qual multiplicado em sy fazem 81. Donde dizem que os que nascem nelle, tem o mais excellente fado que hà, e neste se diz entre nós que naceo Platão para mostrarem sua excellencia entre os demais, e os Chinas muitos homens seus que entre elles forão illustres, dizem que nacerão neste numero, ou qualidades consumadas como foi *Rōxy*²⁶⁶ [Rōshi, 老子], cabeça da seita de *Dōgheō* [Dàojiào, 道教²⁶⁷], o qual os Chinas chamão *Laotçu* [Lao-tse, Lao-tzu], *id est*, filho velho, dando a entender ao povo ignorante que andou no ventre da may 81. annos. Neste tem que naceo *Hun Vu* [Hongwu, 洪武], tronco dos Reys desta prezente Monarchia Sinica chamada *Taimey*²⁶⁸, e o China *Taimin*, o qual foi hum pobre homem, e de figura monstroza, no rosto, no qual tinha 72. sinaes de bexigas tamanhos como hu[m]a unha, e foi filho de hum homem pobre, e servo de Bonzos, ou antes cozinheiro no tempo dos Tartaros que dominavão a China, e depois salteador de caminhos donde veyo a ser Capitão de bandoleiros, e finalmente se fez tão poderoso, que botou os Tartaros da China, e se fez Emperador della do anno de 1368. athe o prezente de 1621. q[ue] são 253. annos em que seus descendentes dominão este imperio tão vasto.

Os nomens destes seus doze signos, ou cazas do Zodiaco, e das suas doze horas da Equinocial, e os caracteres com que se escrevem huns, e outros que são os mesmos, são certos nomens de animaes que na Lingoa Iapoa Sinica²⁶⁹, e nossa são os seguintes com os nossos mezes que lhe respondem.

²⁶⁵ “chagão”, AP.

²⁶⁶ “Rōxy (Risū, Risshu)”, AP.

²⁶⁷ Taoísmo.

²⁶⁸ Dinastia Ming (1368-1644), Mindai (japonês) ou Míngdài (mandarim), 明代.

²⁶⁹ “Sica”, AP.

Caracteres dos Signos, e horas.

[f.166v]

nomes Iaponicos.	nomes Sinicos.	nomes nossos. ²⁷⁰	nossos mezes.	mezes, ou luas Iapon:
Ne. [Ne, 子]	Teu. [Zi]	Rato.	Dezembro.	Decima prima
Uxi. [Ushi, 丑]	Cheu. [Chou]	Vaca, ou Touro [Boi]	Janeyro.	Duodecima
Tora. [Tora, 寅]	Yn. [Yin]	Tigre.	Fever[eir]o.	Prim[ei]ra lua, ou ²⁷¹ mes do anno
U. [U, 卯]	Mao.	Lebre. [Coelho]	Março.	Segunda.
Tatçu. [Tatsu, 辰]	Xin. [Chen]	Serpente. [Dragão]	Abril.	Terceyra.
Mi. [Mi, 巳]	Su. [Si]	Cobra. [Serpente]	Mayo.	Quarta.
Uma. [Uma, 午]	U. ²⁷² [Wu]	Cavallo.	Junho.	Quinta.
Fitçuji [Hitsuji, 未]	Ui. ²⁷³ [Wei]	Carneyro. [Cabra]	Julho.	Sesta.
Saru. [Saru, 申]	Xim. [Shen]	Bugio [Macaco].	Agosto.	Setima.
Tori. [Tori, 酉]	Yeu. ²⁷⁴ [You]	Galinha. [Galo]	Setembro.	Oitaua.
Ynnu. [Inu, 戌]	Siu. [Xu]	Cam [Cão].	Outubro.	Nona.
Y. [I, 亥]	Hay. [Hai]	Porco montes ou ²⁷⁵ Jaualis ²⁷⁶ .	Nouembro.	Decima.

[f.167r] Dos Ecclipses do Sol, e Lua.

Cap. 12.

A sciencia de computar os Ecclipses do Sol, e Lua, he antiquissima nos Chinas de quem os Iapoens a receberão. A qual posto q[ue]²⁷⁷ agora està muito descaida entre estas duas naçoens, no que toca a theorica, e ecclipses porque ignorão a cauza delles principal; seus antigos parece que tiverão disso perfeito conhecimento, cujos livros se perderão em hu[m]a queima delles, que hum Rey Sinico tyranno mandou fazer 210. annos antes de Christo Nosso Senhor para extinguir a memoria da antiguidade, e perpetua na sua familia, que de novo tinha tyranizado, e usurpado o Reyno [,] com tudo sempre ficarão vestigios com que se negoceão, e tem seus canones antigos por onde os calculão

²⁷⁰ Entre “[]” colocam-se os nomes por que são conhecidos atualmente.

²⁷¹ “um”, AP.

²⁷² “b.”, AP.

²⁷³ “bi.”, AP.

²⁷⁴ “Yen”, AP.

²⁷⁵ “e”, AP.

²⁷⁶ Na China o carater refere-se a porco, mas no Japão significa Javali

²⁷⁷ “postoque”, AP.

com tanta facilidade que athe pessoas ignorantes as²⁷⁸ sabem tirar seguindo aquellas regras [,] como vimos muitas vezes em Iapão, posto q[ue] imperfeitamente. Nem os mathematicos sinenses agora nestes tempos sabem emmendar algumas difficuldades que pelo tempo ocorrerão a cerca da honra²⁷⁹, e muito menos os Japoens; porque seus antigos ordenarão suas regras para a Cidade chamada agora *Cay fun fû* [Kaifeng, 开封], metropoli da provincia de *Honan* [Henan, 河南], antiga metropoli da Serica, ou China antiga em altura de 35. gr[aus] e m[ei]o do Norte, e naquelle merediano, conforme ao qual ainda agora calculão os Ecclipses do Sol, e Lua para todo o Reyno onde se manda as Cabeças das Provincias para daly se communicar as demais Cidades dellas, e por isso são discrepantes na hora, e duração. Desta Cidade a trespassarão a Iapão antigamente a Cidade do Miyako onde està o Rey, a qual està na mesma altura perto de duas horas mais Oriental, fazem os Chinas muito cazo dos Ecclipses do Sol, e Lua, acerca do qual hà muitas fabulas no povo rude como he costume, e o mesmo em Iapão. Calcu[lam]nos os mathematicos reaes, e cada anno quando os hà, o concelho real dos ritos manda dante mão o calculo a metropoli de cada provincia, para daly se communicar as demais Cidades della, por ser ley do R[ei]no que todos os magistrados das Cidades se ajuntão com muito povo em certo lugar, e na hora do Eclipse desde que começa enquanto dura fazem muitas ceremonias e fazem tanger sinos, e batecas²⁸⁰ [f.167v] d[e] cobre com grande estrondo, como quem naquelle trabalho ajuda o planeta que padece aquelle defeito. Na Corte de Pekim se ajuntão todos os senhores, e Magistrados da Corte no terreyro do Paço onde fazem todos grandes reverencias ao Ceo pedindolhes q[ue] ajude a Lua naquelle trabalho. Antigamente se escrevião os Ecclipses nos anuaes publicos do Reyno como couza notavel que acontecia o cazo, assim como se notão todas as demais apparencias Celestes de cometas de dous, e tres soes. Em Japão quando o Rey estava de posse do Reyno, e o governa[va], tinha tambem suas ceremonias, e athe agora tem seus mathematicos, os quaes calculão os Ecclipses, e os emprimem no Calendario dos tempos annual que se faz cada anno, e se manda por todo o Reyno.

Em seus livros de mathematica poem o mesmo, q[ue] os nossos mathematicos dizendo q[ue] o caminho branco q[ue] he o da lua se corta em dous lugares com o caminho amarello que he a Eccliptica [;] nas cortaduras se fazem os Ecclipses da Lua na oposizão²⁸¹ quando he chea, e a do Sol na conjunção quando he nova, os quaes lugares, ou cortaduras os nossos Mathematicos chamão Caput e cauda draconis [,] os lemites que poem dentro dos quais pode haver Eclipse, são 13. gr[aus], e 5. min[utos] antes, e depois da cabeça e cabo do dragão. De modo que na cabeça ou cauda, he total, e quanto mais perto, ou mais remoto nos ditos lemites dizer²⁸² ser²⁸³ mayor, ou menor; tambem são pontuaes em assinalar os signos onde se faz, e a constellação, e grao d'elle em que acontece, e a duração delles .ss. o começar a entrar na sombra, ter de todo entrado, o meyo d'elle, quando começa a sahir, e quando acaba de todo; e por que elles repartem a noite em quatro quartos de vigia, e cada hora oito quartos nossos, e juntamente dentro de cada quarto estão com hum sino dando badaladas em certo numero, e espaço, e tambem com hum tambor. Dizem começara no primeiro, ou segundo quarto de tal hora, nas²⁸⁴ tantas pancadas de tambor, e nas tantas do sino como se dissesse [espaço em branco] Porem esta exacção pouco aproveita, porque ordinariamente discrepão perto de meya hora; ora não chegando [,] ora antecipando o tempo.

²⁷⁸ “os”, AP.

²⁷⁹ “honra (hora)”, AP.

²⁸⁰ “batecas (bátegas)”, AP.

²⁸¹ “oposição (?)”, AP.

²⁸² “decer”, AP.

²⁸³ “ser(á)”, AP.

²⁸⁴ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “mas”.

Das Estrellas, e Constellações [f.168r] que poem numero de Estrellas, e ordem como os destribuem em seu globo Celeste.

Cap. 13.

As constellaçoens, ou jmagens em que tem destribuidas as Estrellas do Ceo, como assima se tocou, hê das mais antigas couzas q[ue] os Chinas tem, e q[ue] juntamente começou com a mesma China junto a²⁸⁵ confusão das lingoas quando se começou a povoar; e bem parece, q[ue] assim as imagens das Estrellas q[ue] hã entre os Chinas; e os signos, e constellaçoens que hã²⁸⁶ entre os nossos Mathematicos, não ser invenção de Astrologos que depois da confusão das lingoas, e o mundo povoado inventarão, mas que todos trazem sua origem, e principio dos primeiros Padres antes do diluvio geral, conforme o entendem os sabios commummente, e a varios motivos que para isso hã, p[or]q[ue] como aquelles Padres vivião tão longa vida, e fora de cuidados pelos effeitos das couzas, e longa experiencia das estrellas, vierão em conhecimento, e noticia de suas qualidades, e influencias, qual foi o santo Patriarcha Seth, e seu filho, e nos, (e o diz Seth, *et nos invenisse*²⁸⁷ *Astrologiam* digo) enos²⁸⁸, e os demais seus posterios como foi Enoch²⁸⁹, e outros genebrado na sua Chronologia: diz Seth *et enos invenisse*²⁹⁰ *astrologiam, et duobus colu[n]nis inscripsisse*²⁹¹ *caracteres q[uæ] Hebraicos*²⁹² *excogitasse ventus traditio est é*²⁹³ *cedreno*²⁹⁴ *Jozeph, et Rabinis*²⁹⁵ *Seth Litteras Hebraicas, et Stellarum nomina commentes est ait saidas libriquoq[uæ] Enoch citantur aborigine homilia .28. in lib. numerorum, quibus comprehensa fuisse ait scientiam denominibus, non solum Plagarum Cælj, sed etiam omnium stellarum; atq[uæ] siderum, prout extant apud Ethiopes*²⁹⁶ *in*²⁹⁷ *regno Régina Sabæ abissina língua. Das quaes livro sexto sinensj na sua bibliote[ca]*²⁹⁸ *da sacra diz: quale autem fuerit libri hujus argumentum ignotum*²⁹⁹ *est apparet tamen expatrum*³⁰⁰ *munumentis fuisse in eo qua pita quadam de numero ac nominibus stellarum*³⁰¹, *et ipsarum secretis virtutibus unde*³⁰² *Origenes*³⁰³ *de hoc verba faciens in 28. humilia libri numerorum sic*³⁰⁴ *scribit: qui*³⁰⁵ *fecit multitudinem stellarum, ut*³⁰⁶ *ait Propheta, omnibus eis nomina vacat.*³⁰⁷ *de quibus*³⁰⁸ *quidem nominibus plurima in libellis, qui appellant*³⁰⁹ *[f.168v]tur Henocho secreta continentur, et arcana, sed quia libri ipsi non videntur apud Hebreos in autoritate*³¹⁰ *haberi, e a*³¹¹ *quæ ibi nominatur, in exemplum vocare differimus, e Ioseph.*

²⁸⁵ “da”, AP.

²⁸⁶ A palavra “hã” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

²⁸⁷ “invinisse”, AP.

²⁸⁸ “enos (i.e. Enos)”, AP.

²⁸⁹ “Enoch (Henoch)”, AP.

²⁹⁰ “invenesse”, AP.

²⁹¹ “inscrepsesse”, AP.

²⁹² “Hebaicos”, AP.

²⁹³ A palavra “é” não está presente na transcrição de Abranches Pinto

²⁹⁴ “cedrino (?)”, AP.

²⁹⁵ “Rabinio”, AP.

²⁹⁶ “Ethiopse”, AP.

²⁹⁷ A palavra “in” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

²⁹⁸ “bibliota”, AP.

²⁹⁹ “inotum”, AP.

³⁰⁰ “expetrum”, AP.

³⁰¹ “scellarum”, AP.

³⁰² “cendo (?)”, AP.

³⁰³ “Origines (?)”, AP.

³⁰⁴ “sec”, AP.

³⁰⁵ “aut”, AP.

³⁰⁶ “aut”, AP.

³⁰⁷ “vocat.”, AP.

³⁰⁸ “de quibus”, AP.

³⁰⁹ “applantur”, AP.

³¹⁰ “authoritata”, AP.

lib. 1. Antiquitat: fallando das duas columnas diz: nepotes Seth. sideralem Scientiam et Cælestium rerum cognitionem excogitaverunt. Ne autem inventa sua ex hominibus memoria dilaberentur, et prius perirent, quam pernos cerentur, scientes Adam generalem. hominum interitum prædixisse unum incendio, diluvio alterum excitatis duabus³¹² columnis utriq[uae] sua inventa in scripserunt, ut³¹³ si lateritiam diluvio deleri contingeret, lapidea superstes hominibus dicendo³¹⁴ copiam faceret³¹⁵ atq[uae] in scripta continebat expectanda exhiberet³¹⁶. Ajunt enim lapideam illam ab ipsis³¹⁷ dedicatam, quæ et nostris temporibus extat in terra siria³¹⁸. Também faz por esta parte a antiquissima memoria que algumas destas constellaçoens, e imagens das estrellas faz a sagrada escriptura no livro de Iob., onde falla da constellação Orion, Archero³¹⁹, Hiadas, plejadas, de que também, e de outras muitas se poem os nomes em Homero, e Hisiado, antiquissimos Poetas. E sobre tudo isto dos Chinas que hã perto de quatro mil annos neste de 1620. que tem as constellaçoens, e numero das Estrelas co[m] suas propriedades, e influencias que vem a ser junto, ou antes da confusão das Lingoas, o que não podia ser por elles inventado naquelle tempo como nem os movimentos³²⁰ destes dos planetas e sphaera material, e repartição do tempo e tudo o demais, mas vir tudo ja de antes do diluvio inventado pelos Padres como dissemos.

Toda a machina do Universo mundo, he semelhante a hum composto de muitos membros, dos quaes não hã nenhum que não seja util, e necessario para aperfeiçoão³²¹, e conservação delle. Do mesmo modo como todas as partes do Ceo sejam membros deste universo não hã nelle parte, nem estrella por pequena que seja, que não tenha sua particular virtude, e influencia conveniente, e necessaria para a perfeição e porminencia³²² de todo o universo mundo; por que Deos Nosso Senhor autor da natureza, não criou couza alguma debalde³²³, antes as ordenou em numero, pezo, e medida como diz a sagrada escriptura. De modo que cada huma das partes do universo procura co[m] natural inclinação a permanencia de todo elle, para cujo ministerio forão creados; donde sendo cada hu[m]a das estrellas, constellaçoens, e planetas membro deste grande corpo do mundo, cada hu[m]a dellas obra, ordenandose a perfeição delle como a fim universal; porque da permanencia delle todo, depende o ser das partes; e³²⁴ assim cada qual [f.169r] dellas communica sua virtude a estas couzas inferiores por meyo do movim[en]to, luz, e influencia, sendo toda a machina celeste ordenada pelo infinito saber divino para a produção de todos os feitos naturaes que vemos, e para as continuas geraçoens, e corrupçoens das couzas elementaes. Sendo pois a terra hum receptaculo commum que em seu regaço recebe todas as influencias do Ceo; por onde os antigos e os Chinas a chamarão May, e ao Ceo Pay. Os Padres antes do diluvio, pela longa experiencia que adquirirão de seus effeitos, e vida comprida, forão notando os effeitos que soccedião, e por meyo delles vierão em alguma noticia das couzas, e de sua virtude, e das qualidades que cada hu[m]a das constellaçoens e planetas influem nos elementos, e couzas elementadas; como p[or] exemplo, achando que todas as vezes que a Lua passa debaixo do signo de escorpião se augmentava a humidade, ou se deminua a secura, mais, ou menos segundo o sitio da terra, parte do mundo, tempo do anno, segundo as demais couzas que também concorrião.

³¹¹ “ea”, AP.

³¹² “duobus”, AP.

³¹³ “et”, AP.

³¹⁴ “disendo”, AP.

³¹⁵ “faseret”, AP.

³¹⁶ “exhiberit”, AP.

³¹⁷ “abipsis”, AP.

³¹⁸ “seria”, AP.

³¹⁹ “Archerio (Arcturum)”, AP.

³²⁰ “o movimento”, AP.

³²¹ “a perfeição”, AP.

³²² “porminencia (permanência), AP.

³²³ O excerto “não criou couza alguma debalde,” foi suprimido na transcrição de Abranches Pinto: “(...)Deos Nosso Senhor autor da natureza, antes as ordenou(...)”.

³²⁴ “o”, AP.

Disserão que o signo de escorpião influia humidade, e frialdade. Virão assim mesmo que no nacer do Arcturo, Orion, e Hiadas, costuma ordinariamente a haver tempestades de ventos, donde julgarão que estas e constellaçoens têm virtude de influir calor, e secura que alevantão exalaçoens quentes, e secos q[ue] moviã o Ar. Acharão também q[ue] as vezes que os Planetas Marte, ou Venus passavão pelas pleyadas, ou cabrinhas³²⁵ cauzavão³²⁶ tempo chuozo, donde colligirão terem estas estrellas virtude de influir humidade, e desta sorte nas demais constellaçoens, e planetas, fundados em rezão e experiencia vierão em noticia das qualidades que os Corpos Celestes influem nas couzas debaixo, donde disserão, que alguns signos, e constellaçoens influirão hu[m]as qualidades, e outros³²⁷, outras de frio, e calor, de humidade, e secura. De modo que conforme a experiencia q[ue] tiverão o S[an]to Seth, e nos [Enos], e Honoch³²⁸, e os demais posteros de Seth, e juntamente instruidos por Adam que Deos criou ornado de todas as sciencias, e conhecimento das propriedades³²⁹ das couzas athe dos animaes a quem pôs os nomes apropriados, conforme a natureza de cada especie, ordenarão as estrellas por imagens principalmente as do zodiaco, pelas quaes no discurso do anno corre o Sol, e cauza varios effeitos, e outras muitas atribuindolhes varios effeitos, e influencias, e as esculpirão nas duas columnas para que se não³³⁰ perdessem, e o Santo Henoch os notou em seus livros com outras muitas couzas tocantes ao culto³³¹ Divino, o qual livro cita o Apostolo Santiago em sua canonica, [f.169v] como assim se disse; e Noe com seus filhos trouxerão todas estas couzas consigo no diluvio, e depois delle antes da confusão das lingoas as ensinarão a seus posteros, os quaes quando em Babilonia na confusão se espalharão a povoar o mundo as familias mais ingenuas as levarão consigo, e se espalharão delles no mundo, huns por varios acontecimentos, perdendo a memoria, e juntamente a sciencia, e em outras³³² se conservou como foi na China, que desde sua primeira fundação permaneceu athe agora intacta, sem se misturar com outras naçoens nem ser dellas dominada e corrupta em sua antiguidade.

Com esta experiencia inventarão os mesmos Padres não sòmente a Astronomia que trata dos movimentos dos Ceos, e Planetas, de suas varias conjunçoens, e opoziçoens, e concursos, mas tambe[m] a Astrologia Judiciaria que ensina os effeitos que os movimentos, conjunçoens, e aspectos dos Corpos Celestes cauzão nestas couzas inferiores; a qual sciencia e natural, fundada em rezões naturaes acquerida pela experiencia. Considerão aquelles Padres que os effeitos naturaes socedião da mistura das qualidades dos elementos; (como largamente trata a magia natural dos Chinas em seus livros) e que estas se misturavão por virtude do movimento, luz, e influencia dos corpos celestes; pelo que notarão co[m] deligencia os effeitos naturaes, q[ue] socedião nesta região elemental, e os aspecto[s], e conjunçoens dos planetas que então socedião na região Celeste, e achavão que concorrendo depois algumas vezes aspectos, e conjunçoens em algum modo conforme aquelles se seguião os mesmos effeitos. Onde têm q[ue] as influencias das³³³ taes aspectos, e conjunçoens de estrellas têm virtude de cauzar aquelles effeitos nas couzas debaixo; e depois de muitas experiencias notarão esta sciencia, e a deixarão para os outros se poderem aproveitar della. Sobre esta verdade Astrologia acquerida pela experiencia pelos bons filhos de Seth: [,] os maos filhos de Caym inventarão tantas vaidades, e infinitas superstiçoens, e erros que athe os actos humanos de pendentes da vontade livre, e couzas contingentes, que nenhu[m]a conveniencia tem com as taes couzas, e o fado, ou destino inevitavel que [espaço em branco] cada hum sogeitarão a influencia do Ceo contra toda a rezão, e

³²⁵ “cabrinhas (Cabra-Auriga)”, AP.

³²⁶ “cauzarão”, AP.

³²⁷ O excerto “e outros,” foi suprimido na transcrição de Abranches Pinto.

³²⁸ “Henoch”, AP.

³²⁹ “conhecimentos da propriedade”, AP.

³³⁰ “senão”, AP.

³³¹ “Xulto”, AP.

³³² “outros”, AP.

³³³ “dos”, AP.

experiencia para que com essa cor podessem cometer muitas maldades, e muitas offenças de³³⁴ Deos incitados pelo Demonio, a que se tinham entregues, pois como delle se nota, e de Caim forão os primeiros Idolatras do mundo inventores da Arte Magica. Cam, filho de Noe, co[f.170r]mo fosse mal inclinado era muy dado a esta judiciaria, e arte magica, e aprendeo antes do diluvio dos Posterios de Caim, e assim como Caim antes³³⁵ da innundação geral foi cabeça dos apostatas, assim Ca[m] depois do diluvio foi o primeiro que ensinou estas³³⁶, e outras superstiçoens a seus posterios, e delle se semearão por todo o mundo como notão muitos, e³³⁷ graves authores. Donde *Seranus Abbas apud cassianum in coblatione 8. capit. 21. tradidit³³⁸ magicarum superstitionum, et praestigiarum primos³³⁹ authores, et magistros fuisse malos angelos³⁴⁰, earum, vero artium studiosissimum, et peritissimum³⁴¹ fuisse Cham filium Noe, qui eas artes ne diluvio perirent, diversorum metalorum laminis³⁴², et durissimis lapidibus insculptas conservavit; et post diluvium eas docuit posterios secos, et per orbem disseminavit*, de modo que esta sciencia³⁴³, e imagens Celestes bem inventadas com suas virtudes naturaes para bom fim p[e]los descendentes de Seth ajuntarão a vãa, e supersticioza judiciaria.

De modo q[ue] parece certo conforme ao que dissemos ter a Astronomia, e Astrologia judiciaria bem fundada, sua origem dos Primeiros Padres antes do diluvio; e que assim como Noe antes de seus filhos, e netos se dividirem pelo mundo lhes ensinou as artes, e sciencias [,] as letras, ou artes de as inventar novamente, assim lhes ensinou por figuras, ou letras a modo de gioglificos³⁴⁴, e por numeros par, e³⁴⁵ impar, e por figuras mathematicas as sciencias, os movimentos do Ceo, e dos Planetas, e suas conjunçoens, e opposiçoens, a repartição das partes do Ceo por graos, a³⁴⁶ sphaera material para por ella regularem os movimentos, e a repartição dos tempos nos quatro tempos do anno em mezes e quanti[da]de do anno, e horas, e a intercalar da lua, as estrellas distribuidas em imagens, ou constellaçoens com suas virtudes naturaes com outras muitas couzas para que em todo o mundo houvesse conformidade entre os home[n]s, e modo de viver. E assim pelo menos as cabeças das principaes familias, e levarão isto consigo quando forão povoar o mundo, e depois de povoado, se forão perfeicoando, e augmentando, e variando conforme ao que de novo observavão, fazendo depois os posterios por inventores destas couzas, os primeiros q[ue] as ensinarão, e pozerão em practica o q[ue] ja dantes estava inventado.

Descendo pois ao particular [,] o mappa estrellado antigo dos Chinas, he hum Planisferio em que destrubuirão as [f.170v] estrellas por imagens que em seu hemispherio apparecem, feito a elevação do pollo boreal de 36. graos, ou 35. e m[ei]o em que esta situada a metropoli da Provincia de *Honan* [Henan, 河南], chamada *Cayfunfú* [Kaifeng, 开封], metropoli, e corte³⁴⁷ q[ue] foi³⁴⁸ antiga de toda a China, ou antiga Serica, a cuja altura fizerão todas suas observaçoens, e fazem ainda agora, porque nada disso mudarão do antigo ficandolhes encubertas as Estrellas do sul que estão dentro do circulo de 36 graos para o pollo Austral por sempre lhes ficarem escondidas debaixo do Orizonte.

³³⁴ “da”, AP.

³³⁵ A palavra “antes” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

³³⁶ “estas”, AP.

³³⁷ A palavra “e” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

³³⁸ “tradidet”, AP.

³³⁹ “primus”, AP.

³⁴⁰ “angeles”, AP.

³⁴¹ “perstissimum”, AP.

³⁴² “lamine”, AP.

³⁴³ “estas sciencias”, AP.

³⁴⁴ “gioglificos (jeroglifos)”, AP.

³⁴⁵ “ou”, AP.

³⁴⁶ “e”, AP.

³⁴⁷ “certo”, AP.

³⁴⁸ “foi (a mais?) antiga”, AP.

Da terra, e agoa, sua figura, e graos de elevação em q[ue] dizem estar.

Cap.14.

A cerca da terra, e agoa, e figura que fazem ambos estes eleme[n]tos, e sua grandeza assim os Chinas, como os Japoens que os segue[m], dizem couzas rediculozas, e contra toda³⁴⁹ a Philosophia natural, e experiencia, tudo o que aqui dicermos desta materia he tirado de seus livros de mathematicos reaes, como atras se tocou quando fallamos da machina do mundo debaixo deste nome terra³⁵⁰, que he como correlativa³⁵¹ do Ceo, a qual elles chamão *Chi*, ou *gi* [Chi, 地], e o China *Ty* [Dì,] comprehendem³⁵² o elemento da terra, que a sagrada escritura chama Arida³⁵³, e elles, *do* [do, 土], e o China *Tu* [Tǔ], e as pedras, montes, Arvores, mar, rios, lagos, e o fogo material, ou uzual e a tudo isto chamão terra, a qual fazem de³⁵⁴ figura quadrada, e juntamente com a agoa no meyo do Ceo, ou centro ao modo que nos dizemos que a agoa e terra faze[m] hum globo redondo [.] imaginão pois elles que as pedras, e terra são o corpo da terra, a qual està pelos quatro lados cercada de quatro mares hum em cada lado, os quaes chamão *Xicay* [Shikai, 四海], e o China *Suhay* [Sihǎi] .i.³⁵⁵ quatro mares que quer dizer o mesmo que *tença* [Tenka, 天下] ou mundo inferior. Dizem que o corpo da terra, e pedras (que he propriamente a terra) tem de diametro 24. gr[aus] de norte, e sul, e que todo o quadrado composto de³⁵⁶ terra, e agoa, tem de diametro 131. gr[aus] e 3/4 de grao, não [f.171r] sey o³⁵⁷ em que se fundão; e que as agoas dos quatro mares dos quatro lados estão sustentados do Ar, e que o que hê propriamente terra em cuja superficie habitão os homens, està afastada para o Norte, e Occidente, e assim não està no meyo do Ceo, por quanto elles estão do tropico para o Norte, ficando o demais mar com algumas Ilhas pequenas. Dizem q[ue] o meyo do q[ue] he propriamente continente habita[do] hê *Caifunfū* [Kaifeng, 开封], ou *yanchin*, metropoli, e cabeça da Provincia de *Honan* [‘Henan’ 河南], hu[m]a das quinze, em que o³⁵⁸ China agora està dividida; a qual hê como centro do Reyno da China q[ue] nos tempos antigos foi corte, e metropoli de todo o Reyno, a que os antigos e Ptolomeo, chamarão serra de³⁵⁹ ceda, q[ue] produzia, e hê o mesmo, q[ue] *metropolis Sinarum* em Ptolomeo como em outra parte se declara; tem assy mesmo que o meyo do quadrado da machina da terra, e quanto mais juntamente, ou do mundo; (indo quadrado da machina, digo) do mundo inferior a respeito do Ceo, he hum monte afamado na India extra gangem, ramo do monte Caucasos na Provincia que Marco Paulo chama Tebeth, junto ao Reyno de Mien ou dos Mogos, o qual monte os Chinas chamão *Quo[n]nonxan*³⁶⁰, eo na lingoa Iapoa [espaço em branco] que està em 33. graos de elevação boreal, e 123.gr[aus] de longitudo sobre o lago *Sinxuehay*, que nos mappas corruptamente chamão *Chia may lacus*, do qual sae o rio *Hoanhô* da China, hum dos de que Ptolomeu faz menção dos dous que regão a Serica, e passa junto deste monte como se pode ver na carta posto³⁶¹ no principio desta historia. Destas Serranias faz menção Marco Paulo Veneto na sua historia oriental na viagem que fez de Cambalu, que agora he o

³⁴⁹ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “contrato da”.

³⁵⁰ O excerto “quando fallamos da machina do mundo debaixo deste nome terra” foi suprimido da transcrição e Abranches Pinto: “ (...) como atras se tocou, que he como (...)”.

³⁵¹ “correbativa (sic, como corre relativa? corroborativa?)”, AP.

³⁵² “comprehende”, AP.

³⁵³ “Aride”, AP.

³⁵⁴ “da”, AP.

³⁵⁵ “-s-”, AP.

³⁵⁶ “da”, AP.

³⁵⁷ A palavra “o” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

³⁵⁸ “a”, AP.

³⁵⁹ “da”, AP.

³⁶⁰ “Quoñenxon”, AP.

³⁶¹ Essa carta não estava disponível no documento consultado.

Pekim, a India extra-Gangem fazem a terra plaina na superficie de sima hu[m] grao mais alevantado, ou alto para para³⁶² o Nordeste, e Norte inclinada para o leste, lessueste, e sul, e dão a rezão, porque na China ordinariamente as agoas do Rio correm para o leste, e sul, e se vão metter no mar, posto q[ue] como sevè em seus mappas das terras, os rios da Tartaria sobre o China correm do sul para o mar do Norte, q[ue] chamamos mar do gello, ou Seitico³⁶³, [.]. Tem que a terra esta mais para o poente a respeito da China, ou do monte *Quonnonxan*³⁶⁴, que he o meyo do mundo, q[ue] para o Oriente, que se estende deste monte para o poente 30. mil estadios seus chamados *Ly* [Lǐ, 里], e o Japão *Ry* [Rì], cada hum de 226³⁶⁵ passos geometricos de 5. pès, q[ue] são mais de duas mil legoas; e que do mesmo lugar para o mar do Oriente se estende 20. mil *Ly*, que são perto de 1500. legoas, dando [f.171v] a superficie de³⁶⁶ terra de mar, a mar, de leste a oeste, sinco mil *Ly* que são mais de 3500. legoas, ficando a terra do meyo do mundo para o poente mayor, e o mar menor, e para o Oriente menor, e o mar mayor que o do Occidente.

Conforme a isto, seus antigos não tratarão das alturas da terra, ou latitud[e], e situação dos lugares a respeito dos polos do mundo, e equinocial, mas parece que imaginarão que toda a terra estava em hu[m]a mesma altura boreal, pois a fizeram plaina, e que o pollo do Norte estava fora alevantado 36. gr[aus] em que disserão estar *Caifunfù* [Kaifeng, 开封], Corte, e metropli da China, ou Serica antiga, que tem ser o meyo da terra habitado, ou oposito do Zenit, como dizem, a cuja elevação regularão todas suas observaçoens da grandeza do dia, e noite, das horas, e duração dos Ecclipses, e tudo o demais tocante ao nacer, e³⁶⁷ pòr dos Planetas, e estrelas; e ainda agora fazem o mesmo. Onde não tiverão que se saiba arte, nem sciencia de situar as terras, e lugares p[or] alturas [,] tendo tudo ser o mesmo; posto que³⁶⁸ depois que os Mouros, Arabios, e Persianos vierão a China [,] que ha perto de mil annos tomarão as alturas das principaes Cidades da China, e a citarão todo³⁶⁹, e terras de seu contorno por suas longetudines principalmente no tempo, q[ue] o grão cão, Rey dos Tartaros dominou a China dos annos de 1205. athe o anno de 1368. por 163. annos; no qual tempo mandou fazer descripção de todo seu Imperio enviando Mathematicos athe o mar do Norte scitico athe altura de 65. gr[aus] do Norte; e para o Sul, athe 19. gr[aus] boreaes na Provincia de Cauchichina, mandando de tudo fazer hum copiozo, e atrio com suas taboas geográficos; porem os Mathematicos Sinenses, antes quizerão ficar com sua antiguidade que misturar a Mathematica de seus antepassados com a dos Mouros, Arabeos, donde sevè claramente andarem os computos de seus Kalendarios errados por serem feito[s] pela altura de 26³⁷⁰. gr[aus] que dissemos, e os fazerem universaes a todo o Reyno. Pois huas terras estarem mais boreaes, e outras menos, huas mais boreaes digo orientaes, e outras menos; porque a China começa da parte do sul em 18. gr[aus], e m[ei]o boreaes, e fenesse pelo Norte em 42. gr[aus] do Norte; e sua longetud começa no merediano 123.gr[aus] de longetud[e], e fenece no merediano 150., e Iapão começa sua latitud[e] da parte do Sul em 30.gr[aus] boreaes, e fenecem no Norte em 42.gr[aus] e 1/2 e sua longetud começa no merediano 153., e acaba no de 168.; e como elles fazem seus Kalendarios no Miyacō em altura de 35. gr[aus], e 1/4 boreaes, e no merediano 162., mal podem ser universaes a todo o Reyno, [f.172r] principalmente na China onde hà tanta distancia na latitud, e longitud. Os Iapoens posto que tem os mesmos livros de Mathematica Sinica, e de geografia, não tem noticia de alturas, e a[s] gradaçoens como ja temos os chinas modernos por via dos mouros, e por via

³⁶² A palavra “para” é repetida no manuscrito.

³⁶³ “Scitico”, AP.

³⁶⁴ “Quonnonxon”, AP.

³⁶⁵ “216”, AP.

³⁶⁶ “da”, AP.

³⁶⁷ “o”, AP.

³⁶⁸ “postoque”, AP.

³⁶⁹ “toda”, AP.

³⁷⁰ “36”, AP. Provalvemente um lapso do autor do manuscrito, dado que anteriormente, e até posteriormente, usa o valor de 36º para essa latitude.

dos nossos Padres da Companhia que compuzerão em sua lingoa, e letras, livros de nossos mathematicos, e o mappa universal de toda a terra a graduado³⁷¹, mas seguem sómente o que seus antigos deixarão ordenados p[or] suas regras a altura do Miyaco sem saberem a cauza disso.

Assim os Japoens como os Chinas nenhu[m]a noticia tiverão antigamente, mais q[ue] de tres Reynos em que cuidavão comprehender se toda a terra do mundo, e que tudo o demais, era mar que a cercava pelos quatro lados. chamão os Japoens a estes tres Reynos em geral, *Sangocu* [Sangoku, 三国], id est, os tres Reynos como se dissesse todo o mundo habitado, os quaes são Iapão, China, e India intra, e extra Gangem, que por onde o Japão diz: *Nipon* [Nippon, 日本], *Taitō* [Taitou, 大唐], *Tengicu* [Tenjiku, 天竺], id est, Japão, China, em que comprehendem *Coray* [Kourai, 高麗, Coreia], e a Tartaria³⁷², sogeitos à China, e India intra, e extra Gangem, donde lhes vierão as seitas dos Idolos que adorão, que haverà mais de mil annos, e antes disso sò de *Coray* [Kourai, 高麗, Coreia], e China tinham os Japoens noticia. O china, sò fazia a China todo o mundo, e o demais como arrabaldes d'elle, e assim se nomea por nomes que o significão .ss. *Tienhia* [Tiānxià, 天下], que o Japão diz *Tença* [Tenka], que quer dizer debaixo do Ceo, ou o mundo: *Item Suhay* [Sihǎi, 四海], e o Iapão *Xicay* [Shikai], id est, os quatro mares que he o mundo todo; chamase tambem *Chunhoa* [Zhōnghuá, 中華], e o Iapão *Chûqua* [Chuuka], jardim do meyo, e *Chum coe*³⁷³ [Zhōngguó, 中国], e o Japão *Chûgocu* [Chuugoku], reyno do meyo, ficando o demais em seu respeito como arrabaldes, e³⁷⁴ hum nada; o³⁷⁵ Iapão por estar no fim fora de toda a co[m]munição, e noticia de outros reynos, como dissemos, tendo grande openião de seu Reyno, e nação, impropriamente as chama *Tença* [Tenka, 天下], *Xicay* [Shikai, 四海], de que o China zomba grandemente quando ouve. Nos tempos d'agora assim os Chinas, como os Japões com a vinda da Ley de Deos a elles, tem perfeita noticia do mundo universo, e suas partes, e de varias naçoens politicas, e florecentes em poder, sciencias, e riquezas, e magnificencia, e o veem nos nossos mappas geraes onde pasmão de ver quam pequenos ficão sendo seus Reynos, que elles tinham ser³⁷⁶ todo o mundo em comparação dos demais; donde cobrão differente conceito das outras naçoens, e amaynã do seu posto, q[ue] no exterior o não mostrão diante dos forasteiros, parecendolhes q[ue] co[m] isso se abatem, por estas nacoens da China principalmente ter gr[an]de conceito de sy, e muy baixo dos forasteiros, tratando-os baixa, e vilmente [f.172v] quanto se pode imaginar.

Divizam do tempo, que faze[m] os Iapoens, e Chinas.

Cap.15.

A divizão dos tempos que uzão os Chinas, e Iapoens que a receberão dos Chinas, he entre elles tão antiga, como as demais couzas celestes de que atras fallamos; porque desde sua primeira fundação athe agora a tem a qual hê³⁷⁷ a propria, e verdadeira, e co[m]mum a todas as naçoens politicas, e mais antigas que hê, e de que tambem uzou a sagrada escriptura, e os Padres Antigos antes do diluvio, como

³⁷¹ “agraduado”, AP.

³⁷² grande extensão de território da Ásia Central e setentrional que se estendia do Mar Cáspio e das Montanhas Urais até o Oceano Pacífico, habitado pelos povos turcomanos e mongóis do Império Mongol, genericamente chamados de tártaros.

³⁷³ “Chum coc”, AP.

³⁷⁴ “o”, AP.

³⁷⁵ “e”, AP.

³⁷⁶ “por”, AP.

³⁷⁷ “há”, AP.

abaixo diremos, e a mais acco[m]modada que hà. Dividem pois o tempo em annos nos quatro tempos do anno em dias, horas, quartos, ou minutos.

Do Anno. §.1.

Duas sortes tem do anno os Chinas, e Iapoens .ss. Anno pequeno, que he o anno commum, e uzual do Reyno, e anno grande que os nossos chamão anno Platonico, de que fallaremos abaixo por sy. O anno pequeno, he de dous modos; o primeiro, e principal, he o anno solar q[ue] o sol faz, dando hu[m]a revolução ao Zodiaco começando de hum ponto, pelos doze signos, ou cazas, o qual conforme a elles consta de 365. dias, e 25 minutos, ou hum quarto do dia, que são tres horas suas, e seis nossas. Outro he o anno lunar commum de³⁷⁸ 12. luas, ou mezes lunares, o qual contem 354. dias e quando he anno intercalar de 384. dias, e deste uzão no povo, e hê ordinario, como he tambem em toda a demais Asia, que des dos tempos antiquissimos uza delle, e uzou a Sagrada Escriptura no principio, e depois o povo Iudaico, quando teve republica ordenada. Uzão estes de³⁷⁹ cá do mes intercalar pela mesma razão que entre elles, q[ue] [f.173r] he para concordar o anno solar, e os quatro tempos do anno com o lunar p[ar]a não haver³⁸⁰ discrepancia. E assim no que toca a intercallação são muy correntes; porque como o anno solar exceda o lunar onze dias cada tres annos fazem hum intercalar, acrescentando hu[m]a lua, ficando o a[n]no de treze luas, ou mezes, e cada sinco anno duas, tendo o circulo de zodiaco de³⁸¹ 19. annos no qual tornão ao mesmo fazendo nos 19. annos sete intercalações. O anno solar se divide primeiramente nos quatro tempos do anno .ss. Verão, ou primaveira, estio, outono, e inverno; e cada tempo destes quatro, se dividem em 6. como mezes, ou dispoziçoe[n]s de tempo, ou qualidades que em cada hum delles reyna; cada hum de 15. dias, e tantos minutos que são por todos os quatro tempos do anno 24, que elles chamão *Nijûxiky* [Nijuushiki, 二十四氣], ou *Nijuxixet*³⁸² [Nijuushisekki, 二十四節氣], que quer dizer as 24. qualidades, ou dispozições do tempo, ou 24. conjunções do tempo em que repartem todo o zodiaco, começando cada hu[m]a quando o sol entra nella, comprehendendo cada signo seu, duas partes destas .24.

Dos quattros tempos do anno, e 24.partes em que se dividem.

§. 2.

Como assima dissemos, elles repartem o Zodiaco em doze partes iguaes, ou cazas de signos aviaçados aos nossos signos, de modo que o principio dos nossos signos, hê o meyo do seu signo, e ao contrario o meyo do seu hê o principio dos nossos, donde os quatro tempos Cardeaes dos solsticios, e equinocios³⁸³ caem no meyo dos seus quatro signos principaes, seu Arco ascende no Zodiaco, começa no solstitio hiemal, seu meyo he no equinocio verno; e fenece, e se consuma no solstitio Aestival³⁸⁴, e chamão ao dito arco *Yō* [Yō, 陽], e o China *Yam* [Yang], que comprehende as duas qualidades quente, e seco. O Arco descendente que elles chamão *Yn* [In, 陰], que significa as duas qualidades frio, e humido começa no solstitio æstival [,] seu meyo he no equinocio de Outono, e fenece, ou se consuma

³⁷⁸ “he”, AP.

³⁷⁹ “do”, AP.

³⁸⁰ “hever”, AP.

³⁸¹ “do do”, AP.

³⁸² “Nijûxiket”, AP.

³⁸³ “Equinacios”, AP.

³⁸⁴ “Aestival (estival)”, AP.

no solstício hiemal, donde dizem que estas duas qualidades [,] frio, e humido começam a descrecer, e as duas contrarias a aug[f.173v]mentar.

Dividem pois Zodiaco em quatro quartos, cada hum dos quaes comprehende tres signos seus, e responde a hum dos quatro tempos do anno, ficando os dous equinócios, e dous solstícios no meyo de cada um dos ditos quatro tempos. A primeira quarta que responde a primavera, começa no principio de seu signo³⁸⁵ *Yn* [Yin, 寅], *id est*, tigre, em 15. graos de Aquario, a cinco dias de Fevreyro, e acaba no seu signo *Xin* [Chen, 辛], *id est*, Serpente³⁸⁶, em 15. graos de Tauro, a seis dias de Mayo: tem q[ue] este tempo participa de tres qualidades .ss. fria em parte por sua vezinhança com o inverno, por que nestas partes em altura de 32. graos. Nevoa³⁸⁷ as vezes em Abril, e humida; porque nelle começa e reynão as nevoas, e domina a humidade; he tambem quente pela vezinhança do estio, e porque no equinocio, que o meyo do seu arco ascendente, tem elles que o quente, e seco estão iguaes, ou em igual grao com o frio, e humido entre sy. A segunda quarta que responde ao estio começa em 15. gr[aus] de Tauro a 7 dias de Mayo no seu signo *Sû* [Si, 巳], o meyo do qual he o solstício estival em que o quente, e seco chegou a sum[m]o grao, e³⁸⁸ humido, e frio consumidos começando dahi por diante a crescer, e acaba em 15. gr[aus] de Leão a seis dias de Agosto; tem que esta parte participa do humido da primavera, porque no mez de Mayo por diante athe mais de meado de Junho são cã as envernadas das chuvas, e inverdaçoens com a monção do vento³⁸⁹ sul que então reyna nestas partes, e vento do mar donde traz infinidade de nuvens as quaes chuvas nestas partes são infalíveis, em seus Kalendarios apontão d'ante mão o tempo em que hão de começar e o em que acabão propriam[en]te, no qual tempo são as invernadas da India, e na Cafraria, com q[ue] o rio Nilo tem suas enchentes no Egipto por ter suas fontes nella; ha³⁹⁰ tambem quente, e seco como fica dito.

A terceira quarta que responde ao Outono começa no seu signo *Xim* [Shên, 申] em 15. gr[aus] de³⁹¹ leão, e acaba no seu signo *Siu* [Xū, 戌], em 15. graos de escorpio, seu meyo he o equinocio de Outono; a qual tem elles participar do quente do estio, e de³⁹² seco, e frio. A quarta quarta que responde ao inverno começa³⁹³ no seu signo *Hay* [Hài, 亥] em 15. gr[aus] de escorpião, e acaba no seu signo *Cheu* [Chou, 丑], em 15. gr[aus] de Aquario, seu meyo he o solstício do inverno em q[ue] o frio, e humido chegarão a sumo grao, e o quente, e seco, [espaço em branco] acabados começando dahi por diante outra vez a se augmentar . participa do seco de³⁹⁴ Outono, e hê fria, e humida em sumo grao. A cada tempo destes dão hu[m]a propri[f.174r]edade .ss. A primavera, brota, e floresce; O estio fructefica, ou està carregado de fruitas que amadurece³⁹⁵; No Outono estão sazoadas, e se recolhe[m]; no inverno, se escondem a virtude³⁹⁶ debaixo da terra, e se recolhe[m] as³⁹⁷ raizes das Arvores.

Estes quatro tempos, ou anno solar repartem em 24. conjunções de tempo a modo de mezes com proprios nomes q[ue] significão a qualidade da tal conjunção, ou mez dando a cada signo seu dous tempos destes por espaço de 15. dias cada hum; cabendo a cada hu[m] dos quatro tempos seis conjunções destas cujos nomes são os seguintes, começando pelo principio da primavera em 15. gr[aus] de Aquario, e a Lua mais chegada aos 15. gr[aus] de Aquario, ou 5.de Fevreyro onde começa o seu terceiro signo Tigre que acaba em 15. gr[aus] de Pisses [peixes], he o seu primeiro mez do anno;

³⁸⁵ Rodrigues nomeia os signos com a sua leitura em mandarim.

³⁸⁶ Corresponde ao signo dragão.

³⁸⁷ “nevea”, AP.

³⁸⁸ “o”, AP.

³⁸⁹ “veuto”, AP.

³⁹⁰ “he”, AP.

³⁹¹ “do”, AP.

³⁹² “do”, AP.

³⁹³ A palavra “começa” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

³⁹⁴ “do”, AP.

³⁹⁵ “amadurecem”, AP.

³⁹⁶ “a(s) virtude(s)”, AP.

³⁹⁷ “às”, AP.

e assim vay correndo pelos demais seus signos, de³⁹⁸ modo que cada hum delles vay respondendo a hum dos doze mezes pelas conjunções da Lua nova que nelles fez³⁹⁹. Os nomes dos 24. mezes, ou conjunções e disposições de tempos que cauza o Sol com seu curso entrando nelles; são os seguintes.

[Caixa em branco]

Estes foi o primeiro principio que dão ao anno solar, e lunar logo q[ue] fundarão seu reyno vindo de Babilonia para este⁴⁰⁰ Oriente; os qu[f.174v]aes, porque não tinham noticia do movimento tardio das estrellas do occidente para o Oriente, tendo que perpetuamente guardavão o mesmo citio, e ordem, determinarão a Ursa mayor por regra de dar principio ao anno: tendo, que aquelle dia do anno, em que depois do Sol posto a cauda da Ursa mayor apontava o terceiro signo, ou hora depois da meya noite que são as quatro, esse era o primeiro dia do anno solar, ou o principio da primavera; e a Lua mais chegada a elle, era o primeyro mez do anno; o qual dia, como fica dito, era a sinco de Fever[eir]o, quando o Sol entrava em 15. de Aquario. Mas agora neste tempo p[or] cauza do dito movimento, a cauda da Ursa mayor no mesmo tempo depois do Sol posto, mostra quazi tres quartos depois da meya noite, que vem a ser os sincoenta, e tantos graos de differença de que assima fallamos. Depois disso se seguio a Monarchia Sinica dita *Xam* [Shāng, 商], na qual derão principio ao anno em 15. gr[aus] de Capricornio, que são quazi em 5. dias de Janeiro; seguio a Monarchia Cheu [Zhou, 周?] que começou antes de Christo Nosso Senhor 1123. annos, na q[ua]l mudarão o principio ao anno, e o pozerão em 15. gr[aus] de Sagitario, q[ue] saem quazi em sete de Dezembro. E este modo durou na China, e⁴⁰¹ Japão athe os an[n]os do Snõr 1368. em que começou a Monarchia Sinica *Tay mey* [Ming, 明], que ao prezente reyna, a qual tornou o principio do an[n]o ao antigo a 15. gr[aus] de Aquario em 5. de Fevreyro, como corre agora na China, e Iapão do sobre dito tempo p[ar]a cá.

Como o modo da repartição dos quatro tempos do anno, e principio do mesmo anno, parece o mais accomodado, e o q[ue] uzarão os prim[ei]ros Padres antes do diluvio.

§ 3.

Este modo de repartição dos quatro tempos do anno de que uzão os Chinas, e Japoens, parece ser o mesmo, de que uzavão os Padres [f.175r] antes do diluvio, e instituido por elles, e o mais acco[m]modado que hà para as gerações, e corrupções das⁴⁰² couzas, e variedade que se vê nos quatro tempos do anno. E o mais natural de todos, porque ainda q[ue] os Astrologos postreros por suas rezoens que acharão, constituem o principio dos quatro tempos do anno, nos dous equinocios, e solsticios começando de 21.de Março p[or] diante. Com tudo o que tem os Chinas desde sua primeira fundação junto a confusão das lingoas, parece o mais proprio, e natural, e mais accomodado ao fim, e o prim[ei]ro de que uzarão os Padres antes do diluvio donde parece⁴⁰³ ter sua origem como disseemos desde mais⁴⁰⁴ couzas celestes atras referidas.

³⁹⁸ “do”, AP.

³⁹⁹ “for”, AP.

⁴⁰⁰ A palavra “este” não está presente na transcrição de Abranches Pinto, AP.

⁴⁰¹ A expressão “saem quazi em sete de Dezembro. E este modo durou na China, e” foi suprimida na transcrição de Abranches Pinto: “(...) Sagitario, que Japão athe (...)”.

⁴⁰² “da”, AP.

⁴⁰³ O excerto “o mais proprio, e natural, e mais accomodado ao fim, e o prim[ei]ro de que uzarão os Padres antes do diluvio donde parece” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “(...) confusão das lingoas, parece ter sua origem (...)”.

⁴⁰⁴ “das demais”, AP.

Primeiramente, couza certa hê, e averigoadada entre os doutos, que os Padres antes do diluvio uzavão do anno lunar, e⁴⁰⁵ solar de doze mezes, e cada mez de 30.dias, ou hunos de 29., e meyo, e outros de 30., e da quantidade do anno solar de 365. dias, e hum quarto de dia como na verdade passa; e da repartição do zodiaco em 12.signos, ou partes que respondem aos 12.mezes do anno em que o sol os corre; e finalmente dos quatro tempos do anno na forma, e modo, e ao mesmo tempo do anno em que os Chinas, e Japoens uzão, o que conforme aos Padres se tira da Sagrada Escritura; porque diz Moizès Genesis cap.1.º *fiant luminaria in firmamento Caeli, ut*⁴⁰⁶ *dividant diem, ac noctem, et sint in signa, et tempora, et dies, et annos*; onde diz, *cajet ut sint in signa zodiaci, et innumerabilium*⁴⁰⁷ *effectuum corporalium*. E São Bazilio, *ut sint in signa imbrum, siccitatum ventorum, et tempestatum*; o que tudo pode ser junto *in signa zodiaci, et imbrum etc. : In tempore*, diz São Bazilio⁴⁰⁸, *in anni quatuor tempora*⁴⁰⁹ *efficiant, sunt deniq[ue] dies, et annus quos sum cursum metiuntur*. E o que o an[n]o então tivesse doze mezes, sevê da mesma Escripura do Genesis q[ue] delles faz menção, e que t[am]bém uzasse dos quatro tempos do anno, sevê claramente, Genes[is] 35., onde diz: *Egresius*⁴¹⁰ *autem Jacob, inde venit verno tempore ad terram que ducit, Euphratem*⁴¹¹, e Genes[is] cap.8. faz menção destes tempos, *cunctis diebus terræ sementis, et messis frigus*⁴¹², *et astus = astas*⁴¹³, *et hiem, et nox, et dies non requiescent*. E que o principio dos tempos, e anno⁴¹⁴, fosse no mesmo tempo de que uzão os Chinas, se prova dos mesmos Chinas que delles uzão, des do mesmo tempo, e que não pode ser invenção sua, como nem as demais couzas de que fallamos. e por esta parte faz, como tem ordinariamente os Authores, que o anno sagrado, ou das couzas sagradas que Deos deu⁴¹⁵ aos Judeos quando sahirão do Egipto, era o commum antes do diluvio entre os Padres [f.175v] que cahia na primavera em Março e que o de que uzavão os Iudeos q[uan]do sahirão⁴¹⁶ do Egipto, que cahia em Setembro, era proprio dos Egipcios, e não dos Judeos, pois os Hebreos athe entrar no Egipto, não tinham republica por sy nem anno proprio de sua nação, mas uzavão do anno da terra em que estavam, como Habraam Caldeo, que uzava do an[n]o de que uzavão os Caldeos, donde diz Clavio na sua Sphera sobre Sacrobosco⁴¹⁷: *Deus voluit, ut Hebrej relicto*⁴¹⁸ *errore Egypiorum*⁴¹⁹ *annium in chorarent*⁴²⁰ *rursum averno tempore, quo*⁴²¹ *mundus fuerat conductus, et quo*⁴²² *ei placuit à tam dura servitute liberare*; faz tambem por esta parte, como notão alguns Authores, que nos tempos antiquissimos os Babilonios[,] Gregos, e Romanos começavão⁴²³ a primavera a sete de Fevereiro, e o Estio a nove de Mayo: [,] o Octono a 8 de Agosto; e o Inverno a sete de Novembro que he pontualmente, como os Chinas desde seu primeiro principio uzão, e parecer⁴²⁴ que ao principio nas principaes naçoens ser este o modo commum que ja dantes do diluvio vinha, e depois por varios cazos como acontece, se mudou em algumas naçoens, e tambem os Astrologos que dão principio a primavera no equinocio vernal concordão com isto mesmo em parte.

⁴⁰⁵ “o”, AP.

⁴⁰⁶ “et”, AP.

⁴⁰⁷ “innumerabilium”, AP.

⁴⁰⁸ “Bzilio”, AP.

⁴⁰⁹ “tempore”, AP.

⁴¹⁰ “Egressus”, AP.

⁴¹¹ “quae dicit, Euphatem”, AP.

⁴¹² “frugus”, AP.

⁴¹³ “aestas, aestas”, AP.

⁴¹⁴ “annos”, AP.

⁴¹⁵ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “deus”.

⁴¹⁶ “se sahirão”, AP.

⁴¹⁷ “Sabrobosco”, AP.

⁴¹⁸ “relictio”, AP.

⁴¹⁹ “Egypiorum”, AP.

⁴²⁰ “cherarent”, AP.

⁴²¹ “que”, AP.

⁴²² “que”, AP.

⁴²³ “começarão”, AP.

⁴²⁴ “parece”, AP.

E que esta divizão dos quatro tempos do anno conforme as suas propriedades seja a propria, e natural fallando a respeito dos q[ue] estam fora dos tropicos para o Norte, e Sul, onde hà esta variedade, mais que de que uzão os Astrologos neste tempo provão os Chinas, e Japoens por varias rezoens, e experiencias que tem observado em espaço de 4000. annos athe agora; primeiramente, conforme a esta repartição e conjunçoens dos 24. tempos de em que se repartem o anno, tem observado, e cada dia o⁴²⁵ experimentamos haver mudança, e alteração de tempo notavel, e infalivel no principio, e fim de muitas dellas, q[ue] elles poem em seus Kalendarios, ou reportorios annuaes, como são mudança do tempo, Ares, e Vento, etc., como couza que ali começa como he de *yôyri*, do *yôzame*⁴²⁶, *rixsum* [risshun, 立春, primeiro dia de primavera], *ricca* [rikka, 立夏, primeiro dia de verão], *rixxu* [risshuu, 立秋, primeiro dia de outono], *ritô*⁴²⁷ [rittô, 立冬, primeiro dia de inverno]; do mesmo modo no principio de cada hum dos tempos dos quatro, quando hum acaba, e começa outro sevê partecular mudança do tempo, e Ar, que quem o experimenta, e adverte infalivelmente o sente. E os Japoens, e Chinas, em o sol entrando em 15. gr[aus] de Aquario, que he o principio da sua primavera, o roxionol, e outros passaros, que athe então estiverão calados em silencio com os frios do⁴²⁸ Inverno, infalivelmente saem, o⁴²⁹ cantão, como quem se alegra, e dà⁴³⁰ sinal de ser entrada a primavera em que os animaes, e as demais [f.176r] couzas se começam a renovar o que elles tem por sinal de ser entrado o verão; tambem infalivelmente no mesmo tempo brotão, e florem as amexieiras, e pessegueiros, pereiras, e outras arvores começam a florecer; e como sinal infalivel começam as nevoas; (*i casumi* [kasumi, 霞, névoa]); sobre o que tudo tem varia poesia accómmodada a primavera, como sinais infaliveis della. Ao modo que nos cantares para significar a mesma primavera ser chegada, e o Inverno passado, dà os sinaes della dizendo: *Jam*⁴³¹ *hiens transit, emberabiit, et recessit flores, apparuerunt in terra nostra; vorturur*⁴³² *au dita est, in terra nostra Etc.*

Donde por todas estas rezoens ditas, parece mais que provavel, que os Primeiros Padres antes do diluvio, quando ordenarão os tempos do anno, e determinarão os Lugares dos equinocios, e solsticios, e o anno solar, e lunar com seu intercalar: e mezes Lunares; constituirão o principio do anno Solar, e da Primavera em 15. graos de Aquario a 5. de Fevreyro, que he no principio do terceyro signo sinico, começando de 15. de pices⁴³³ a contar como os prim[ei]ros Chinas o puzerão, assim como o tinha vindo por tradição athe Noe, e seus⁴³⁴ filhos, e que delles os receberão, e levarão consigo quando vierão para o Oriente povoar; porque na verdade os quatro tempos do anno parecem ficar mais accomodados neste modo para seus effeitos, e participão melhor das qualidades que se lhe attribuem. Pois a Primavera he fria, e humida, pela vezinhança do Inverno, e quente por o sol se ter ja chegado para nos, e de Fevreyro por diante começam a brotar, e florecer as Arvores, e plantas, e a brotar. E o estio parte humido, quente, e seco em que as frutas estão em vigor, e amadurecem; e o Outono, parte, quente, seco, e frio, em que as frutas estão sazoadas, e se recolhem. O Inverno, parte seco, frio, e humido, em q[ue] tudo està morteficado, e a virtude recolhida nas raizes, e dentro da terra.

Tambem conforme a isto, ao principio do mundo estava a estrella de Aries nos mesmos 19.⁴³⁵ gr[aus] de Aquario, se bem se fizer o computo, pois da confusão das Lingoas athe agora se moveo como dissemos 54. graos, e 8. minutos por espaço de 3822. annos; e Adam athe a Confusão das

⁴²⁵ “e”, AP.

⁴²⁶ Não foi possível encontrar o significado destes termos.

⁴²⁷ “e ritô”, AP.

⁴²⁸ “de”, AP.

⁴²⁹ “e”, AP.

⁴³⁰ “dão”, AP.

⁴³¹ “iam”, AP.

⁴³² “vesturturis”, AP.

⁴³³ “picos”, AP. Rodrigues refere-se ao signo de peixes.

⁴³⁴ “seu”, AP.

⁴³⁵ “15.”, AP. Provalvemente um lapso do autor do manuscrito, dado que anteriormente, usou o valor 15°, que é o que faz mais sentido por ser o equinócio da Primavera.

Lingoas⁴³⁶ passarão 1787. annos como consta da Escriptura Sagrada, nos quaes as estrellas se tinhão movido, pouco mais de 25.gr[aus], que com 54., e 8. minutos, fazem 79. gr[aus], e 8. min[utos] em que se montão quazi 5682. annos⁴³⁷ que houve de Adam athe agora; tornando pois para traz, a estrellla de Aries, [f.176v] que agora està em 28. graos e 17. minutos do signo de Aries 79⁴³⁸ graos, e 8 minutos, vem a cahir quazi nos 15. de Aquario, donde naquelle tempo começava a Primavera, como os Chinas a puzerão.

Aqui tambem tem seu lugar o com[m]um parecer dos Authores, que tem ser o mundo criado no Equinocio da Primavera, q[ue] conforme a isto vem a ser no meyo della, que he o tempo mais accomodado de todos.

Das horas, somanas, dias, e mezes de que uzam.

§.4.

Considerão o dia como nos em duas maneiras .ss. dia natural, e dia arteficial; seu dia natural (, que he hu[m]a revolução do sol de intervalo do tempo que hà desde que o sol se move de hum pè do Ceo, athe tornar⁴³⁹ ao mesmo lugar) começã elles de⁴⁴⁰ meya noite, athe meya noite, assim como uza a Igreja Romana, que parece foi o primeiro q[ue] se uzou, e o mais proprio, e accomodado para este fim. Devidem este dia natural em doze horas iguaes com proprios nomes de animaes de que atras fallamos, tendo cada hu[m]a de suas horas, duas nossas⁴⁴¹, attribuindo seis ao dia como se sempre fosse equinocio seis a noite; começando o dia na primeira hora de manhã chamada lebre, em que a noite fenece que são as 6 da manhã, acaba na ultima da tarde ao por do sol chamada galinha as seis da tarde natural [,] começa a noite aos⁴⁴² 12. horas do dia natural [,] repartem em 100. quartos q[ue] o Iapão chama *Cocu* [Koku, 刻], e o China *K'ē* [Kè], e cada hora em 8. quartos grandes, e em dous⁴⁴³ quartos pequenos, dos quaes seis fazem hum grande, e por isso vem a ser 100. quartos grandes ao todo. Este he o modo antigo, mas os modernos sinenses⁴⁴⁴ em seus relógios, dão nove quartos a hora da meya noite, e a do meyo dia, e as das seis de manhã, e as das seis da tarde; e as demais, oito quartos a cada hum[a].

O dia artificial entre os Iapoens, que elles chamão dia com[m]um, e vulgar dos tratos humanos, segundo ao qual se começã os exercicios corporaes, e todos os tratos, e negocios, começa ao sahir do sol, [f.177r] athe se pôr, os Chinas lhe dão principio a quatro horas de⁴⁴⁵ manhã, este repartem os Chinas modernos a nosso modo, contando as horas da meya noite por diante, athe a outra meya noite, dando ao dia emquanto dura o Sol, e a noite as horas que lhe cabem mais, ou menos conforme ao dia comprido, ou curto, dizendo entre annos que o Sol nace a tal hora, ou a tantos quartos della, e se poem a tal hora. Mas os Japoens retendo o modo antigo da China athe agora, repartem o dia, e noite artificial des que sae o Sol, athe se por, quer seja comprido, quer curto seis horas do dia, seis de noite, que são propriamente as horas planetarias, desiguaes de que uzarão os antigos Chinas, e os Babilonios, e Caldeos, e tambem os Hebreos.

⁴³⁶ “Ligoas”, AP.

⁴³⁷ A palavra “annos” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁴³⁸ No manuscrito lê-se “97 graos”. Porém, como Rodrigues afirma umas linhas acima, são 79 graus e 8 minutos.

⁴³⁹ A grafia do manuscrito dá a entender estar escrito “tormar”.

⁴⁴⁰ “da”, AP.

⁴⁴¹ “horas”, AP.

⁴⁴² “ás”, AP.

⁴⁴³ “doze”, AP. Não pode, porém, ser 12. Cada 12 horas são 100 quartos, e cada hora, pelo menos 8 quartos. Ficam a faltar 4 quartos ($8 \times 12 = 96$ horas). Dividindo 4 por 12, resulta em 2 sextos, que são os 2 quartos pequenos, dos quais 6 fazem um quarto grande. Cada quarto pequeno é $1/6$ de um quarto grande.

⁴⁴⁴ “Sinicos”, AP.

⁴⁴⁵ “da”, AP.

O modo de contarem os Chinas, e Iapoens as horas, he pelos nomes dos animaes começando o dia artificial as seis da manhã ao sahir do Sol no meyo da sua hora Lebre, a esta⁴⁴⁶ serpente⁴⁴⁷, que começa as sete, e acaba as nove; segue se a hora Cobra, que começa as nove, e acaba as onze: segue se Cavallo, que começa a onze, seu meyo he o meyo dia, e acaba a hu[m]a. E [a] esta, carneiro, começa a hu[m]a, acaba as tres: a esta, Bugio, começa as tres acaba as sinco; segue-se a ultima do dia, galinha, que começa as sinco, e acaba nos seis ao pòr do Sol no meyo da sua hora, com que fazem doze horas nossas, e seis suas, que contém o dia artificial; e destas seis começa a noite no mesmo modo athe a meya noite, e dahi athe as seis da manhã em que acaba a noite por seis horas, e doze nossas; Cada hora destas suas, repartem em oito quartos, que chamão *Cocu* [Koku, 刻], e o China, e o China⁴⁴⁸ *Ké* [Kè], (posto que⁴⁴⁹ os antigos partião em 10. quartos .ss. dous pequenos, e oito grandes) dos quaes os primeiros quatro atè o m[ei]o de sua hora dizem: primeiro dos primeiros, 2.º dos primeiros, 3.º dos primeiros, 4.º dos primeiros; e logo meyo .1. da hora; e os quatro quartos seguintes, dizem: primeiro do meyo. 2.º do meyo . 3.º do meyo . 4.º do meyo, e logo se segue o nome da hora seguinte.

Os Iapoens alem deste modo tem outro tambem muitos ordinario semelhante aos Hebreos, ou tambem os⁴⁵⁰ Caldeos, e dos Chinas antigos, de que agora tambem uza a Igreja nas horas canonicas .ss. prima do sahir do sol, athe as nove em q[ue] he a 3.^a das nove athe meyo dia, em que he a 6.^a do meyo dia athe as três, que he a noa; das 3. athe as⁴⁵¹ seis que he vespora⁴⁵². Os Iapoens dizem ao sahir do Sol, seis, segue-se a segunda hora, que dizem sinco, que acaba as nove que he

[Na margem] 2 V.1. lebre⁴⁵³

Xoxoichi 1.º 1.º⁴⁵⁴

Xoni

Xo san

Xo xi

[f.177v] a 3.^a, segue a 3.^a hora que dizem, quatro; logo a quarta q[ue] dize[m] nove que he meyo dia, e a nossa sexta: segue-se a quinta hora, que acaba as tres, que dizem sete, que he a noa: segue-se a sexta hora que dizem oito, acaba as sinco: segue-se a setima hora, cujo meyo dizem seis⁴⁵⁵, que he a vespora⁴⁵⁶; e assim se tornão a repetir 5.4.9. athe meya noite, e dahi outra vez 8.7. 5.6. athe sahir do⁴⁵⁷ Sol como se vê na figura abaixo⁴⁵⁸.

[Na margem] *Xõ* 1. m[ei]o⁴⁵⁹

Xo ichi

Xõ nj

Xõ san

Xo xi

v[?] *Tatçu*

⁴⁴⁶ “esta (segue-se)”, AP.

⁴⁴⁷ Conhecido por dragão, atualmente.

⁴⁴⁸ Existe repetição no manuscrito.

⁴⁴⁹ “postoque”, AP.

⁴⁵⁰ “aos”, AP.

⁴⁵¹ A palavra “as” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁴⁵² “vespera”, AP.

⁴⁵³ “Ua lebre”, AP.

⁴⁵⁴ “Xoxeichi (?)”, AP.

⁴⁵⁵ “Segue-se a Setima hora, (palavra ilegível) meyo dia em seis”, AP.

⁴⁵⁶ “vespera”, AP.

⁴⁵⁷ “o”, AP.

⁴⁵⁸ Não está presente nenhuma figura neste manuscrito de que nos servimos.

⁴⁵⁹ “Xo, 1. (?)”, AP.

*Xo xo*⁴⁶⁰ *ichi*
etc.⁴⁶¹

[Restante página em branco, sem figura]

[f.178r] Os Iapoens não tem relogios ordinarios para medir as horas, porem os Bonzos em seus templos para saberem as horas de rezar, e tangerem, ou darem sinal a hora, tem huns relogios de fogo muy arteficiozos, com que medem as horas assim dos dias grandes como pequenos, tendo ja⁴⁶² para isso suas medidas determinadas conforme a quantidade do dia com que o repartem sempre, e seis horas quer seja dia comprido quer pequeno. Concertão o relógio deste modo. Tem hu[m]a caixa de madeira quadrada cheya de certa laya de cinza muy fina peneirada, e muy seca, cuja superficie està muy plana, e nella com certa medida que tem fazem huns regos de certo comprimento, largura, e profundidade, continuados a modo de quadrado, e os enchem de hum certo pò, ou farinha[,] feitos de casca de hua certa arvore muito secos, que juntamente tem algum cheiro, e por hua das cabeças lhe poem o fogo, com que vão ardendo muy devagar, queimado em cada hora hum delles com que mede a hora muy a rezoadamente⁴⁶³ por terem ja experiencia do modo que se requiere⁴⁶⁴ para o fogo continuar, e sempre do mesmo modo, e o mesmo compasso sendo o rego mais, ou menos comprido conforme ao dia, e noite, mayor, ou menor com sua proporção. Os Chinas tem relogios⁴⁶⁵ do sol, enclinados a equinocial conforme a altura da terra com hum estilo no meyo que aponta ambos os polos⁴⁶⁶, no qual reparte as horas por quartos como dissemos por em todos os fazem respeito da altura de 35. gr[aus], por não saberem outra; e uzão delles nas Cidades do Reyno que⁴⁶⁷ estejam em mais, ou menos altura. Tem tambem relogios de agoa com que medem as horas, feitos com grande arteficio, e se tem conta com o Verão, e Inverno, para que a agoa sempre corra do mesmo modo; tem estes relogios quatro ou sinco vasos com suas bicas por medida, e proporção, cahindo a agoa de huns⁴⁶⁸ a outros, e no ultimo de baixo esta hu[m]a figura de hum homem com hu[m]a taboainha (na qual estão digo⁴⁶⁹) na mão, o qual conforme a agoa se ajunta se vay alevantando com a taboainha na qual estão as horas postas com seus⁴⁷⁰ quartos, porporção, e medida, de modo que na superficie ou orizonte do vaso com que esta tapado, vay sahindo, e mostrando a hora e⁴⁷¹ quarto que hé; porem estes relogios não parecem muito certos; nas portas⁴⁷² principaes das Cidades [,] em hu[m]a torre que hà sobre as portas, estão tambem estes relogios, e a cada hora tangerem tambor grande com tantas pancadas com que se sabe a hora que he; e se poem tambem sobre a mesma porta a hora em hu[m]a taboa escrita de letra⁴⁷³ grande⁴⁷⁴, co[m] os [f.178v] quartos que são para todos verem a hora, estando ali pessoas de assento que tem aquelle cargo pagadas pelo Rey, as quaes trocão as taboas conforme a hora. Tambem repartem a noite

⁴⁶⁰ “xe”, AP.

⁴⁶¹ Não foi possível encontrar o significado de cada uma destas expressões colocadas na margem. Muito provavelmente referem-se ao modo de contar as horas por quartos a que Rodrigues se refere no texto principal, pois ‘ichi’, ‘ni’, ‘san’, ‘shi’ correspondem aos números 1, 2, 3, 4, em japonês, ou seja, o primeiro, segundo, terceiro e quarto quartos dos primeiros, e depois, o primeiro, segundo, terceiro e quarto quartos dos do meio. “Lebre” refere-se à hora da lebre e “tatçu” à hora seguinte, à do dragão, como se pode ver na tabela dos signos e horas do capítulo 11.

⁴⁶² A palavra “já” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁴⁶³ “a(r)rezoadamente”, AP.

⁴⁶⁴ “regem”, AP.

⁴⁶⁵ “relogio”, AP.

⁴⁶⁶ “pelos”, AP.

⁴⁶⁷ “onde”, AP.

⁴⁶⁸ “huma”, AP.

⁴⁶⁹ A palavra “digo” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁴⁷⁰ “sinco”, AP.

⁴⁷¹ “o”, AP.

⁴⁷² “partes”, AP.

⁴⁷³ “letras”, AP.

⁴⁷⁴ A palavra “grande” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

em quatro quartos de vigia; [,] como nos, e os distinguem com pancadas dos tambores, e sinos conforme a hora, e quarto que he, e ainda repartem os quartos em tantas pancadas de tambor, e sino, que de quando em quando estão tangendo; e quando começa a hora, e acaba a outra, tem outro modo de tanger com estrondo, e no cabo tantas pancadas com que se entende a hora, e quarto de vigia que hê.

Estes mesmos nomes das horas, ou animaes, se applicão tambem hum a cada anno do qual se domina o anno ajuntandolhes⁴⁷⁵ outras des letras, hu[m]a cada hum, com q[ue] fazem hum circulo de secenta em que torna ao principio, este he propriamente seu modo de contar os annos; porq[ue] carecem de eras, ou suas eras são o nome do Rey, que atualmente reyna, e são tantas, quantas⁴⁷⁶ forão os Reys, ou ainda mais; porque conforme a alguns infortunios que acontessem⁴⁷⁷, muda muitas vezes o nome em outro mais bem afortunado, as vezes duas, tres, e quatro vezes, e as vezes no mesmo anno duas de modo, que este modo de contar os annos por estes animaes e circulos sexagenarios, he a modo de era; e assim dizem, comessando pelo primeiro animal anno de rato, da vaca, do⁴⁷⁸ Tigre, da Lebre, com seu dito da outra palavra, donde dizem naceo no anno do rato, ou da Lebre com seu dito; e assim sabem ja quantos⁴⁷⁹ annos hà, e nisto andão muy destros pelas mãos, ou dedos, como nòs para as festas mudaveis que com facilidade sabem o anno, ainda que sejam passados dos circulos sexagenarios, e nas escripturas publicas, e de importancia⁴⁸⁰ ajuntão o nome do Rey, e de sua familia co[m] que se sabe em que reinado foi. E neste computo são muy pontuaes e seus Livros, e historias, dizendo: foi coroado do anno do Tigre etc.

Os dias grandes, e compridos distinguem co[m] a entrada do sol nas 24. conjunções dos tempos, dos quatro tempos do⁴⁸¹ a[n]no de 15., em 15. dias cada hum dizendo no 1º. das 24 conjunções nace o sol em tal signo a tantos quartos, e se poem em tal signo⁴⁸² a tantos quartos [,] tem o dia tantos quartos, e a noite tantos conforme elle for. Mas como não tivessem noticia de outra alt[u]ra mais que 35. gr[aus] do Norte em que està o Miyaco⁴⁸³, e a antiga metropoli da China, aquella altura accomodarão a grandeza do dia, e noite, repartindo o dia em cem quartos, ou em 96., dan[f.179r] dando a⁴⁸⁴ mayor dia do anno no solsticio estival 60. quartos, e a noite 40⁴⁸⁵ quartos, ou menos 58⁴⁸⁶ quartos, e a noite 38; e nos dous equinocios 50. quartos, ou 48. ao dia, e outro tanto a noite; e no solsticio do inverno 40. quartos ao dia, ou 38, e a noite 60., ou 58. como se vê na seguinte figura⁴⁸⁷ ordenada por seus antigos hà passante de 3822 annos.

[Espaço em branco, sem figura]

⁴⁷⁵ “ajuntandolhe”, AP.

⁴⁷⁶ “tantos, quantos”, AP.

⁴⁷⁷ “acontesem”, AP.

⁴⁷⁸ “de”, AP.

⁴⁷⁹ O excerto “e assim sabem ja quantos” foi suprimido na transcrição de Abranches Pinto: “ (...) com seu dito; annos hà (...)”.

⁴⁸⁰ “impostancia”, AP.

⁴⁸¹ “de”, AP.

⁴⁸² A palavra “signo” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁴⁸³ Miyako (都) corresponde à atual Quioto, antiga capital do Japão.

⁴⁸⁴ “o”, AP.

⁴⁸⁵ “49.”, AP.

⁴⁸⁶ “59”, AP.

⁴⁸⁷ Não está presente nenhuma figura neste manuscrito de que nos servimos.

Da Astronomia pratica judiciaria destas naçoens, e varias superstições q[ue] nisto te[m]. Cap.16.

Não se pode facilmente dizer quam dadas sejam estas naçoens de Iapão, China, e Corias [Coreia] a vã superstição da Iudiciaria, que depende dos aspectos dos planetas, e estrellas, e de outras varias sortes que te[m] deste genero, que parece não darem passo em que por ella se não governem, regulem suas acçoens, e ainda o estado que hão de tomar por toda a vida, e lugar de⁴⁸⁸ habitação, e exercicio a que se [f.179v] hão de dar. E posto que os Iapoens nesta parte tem muito excesso; comtudo os Chinas, de quem os Japoens receberão esta vanissima arte, excedem a todos⁴⁸⁹ os demais em supremo grao, de modo q[ue] os antigos Caldeos de quem esta arte se espalhou p[or] todo o mundo, parece ficarem lhe inferiores nesta parte.

Tres⁴⁹⁰ sortes principalmente tem de judiciaria, alem de outras varias invençoens de superstição que tem distintos⁴⁹¹ entre sy. A primeira he a Magia natural que propriamente professão os Philosophos Sinenses chamados *Iaxa* [Jasha, 邪視] ao modo dos Caldeos, Persas, e Babilonios antigos, com a qual pelo nascimento e compleição natural conforme ao influxo celeste, que na conceição recebeo, julgão as naturezas das couzas, e o fado, ou destino, que conforme a isso cada hum ha de ter, do bom, e mau, e vento que conforme a isso terá em suas acçoens livres e contingentes, segundo se accomodar nellas o seu fado inevitavel, ou o constrastar. A segunda hê a Astronomia pratica judiciaria, a qual faz seus juizos e prognosticos, conforme as conjunçoens, e aspectos⁴⁹² dos planetas, e Estrellas, e a outras apparencias Celestes. Esta assinalados os dias bons ou brancos que dizem, e maos ou pretos, que os antigos t[am]bém chamavão *atracdies*, e a hora boa, ou mà para obrar, ou deixar de obrar, como he caminhar a cavallos, ou a pè, ou por agoa, cazar, edifficar, enterrar os defuntos, dar batalha ao inimigo para vencer; e porque⁴⁹³ fazem a terra quadrada com quatro cantos .ss. Nordeste, Sudueste, Noroeste, e Sueste, assinalão qual destas partes, ou canto⁴⁹⁴ aquelle anno he nocivo virarse quando faz alguma acção natural, ou livre; do mesmo modo [,] as apparencias q[ue] vè no Ceo, prognostica se haverá guerra, e para que parte, ou secas, e inundaçoens, pestes, mortes, e infortunios; adivinhar as couzas perdidas, e outras couzas infinitas a que muita multidão de gente ignorante, e ainda molheres, se dão, ganhando com isso de comer; para o que tem grande multidão de livros que disso⁴⁹⁵ tratão, e das regras dos juizos que ha de fazer.

Em Iapão muitos destes judiciarios, e sortilegos andão pelas Cidades, e povoaçoens exercitando⁴⁹⁶ este officio enganando o povo miseravel que com dezejo de acertar para seu proveito se vay a elles a perguntar estas couzas, e para que lhe diga seu proprio fado, e se não sabe o anno, e⁴⁹⁷ mez em que naceo lho⁴⁹⁸ adivinhe, e conforme a isso lhe tire o fado que tem. E na China nas Cidades, e Villas estão m[ui]tos destes em varios postos nas ruas, ou em tendas, ou lugares publicos [f.180r] de concurso⁴⁹⁹ com suas mezas, e cadeiras, e sobre ellas muitos destes livros para este effeito⁵⁰⁰ de adivinhar, e prognosticar o que lhes perguntão, dando hum tanto de dinheiro a cada hum por cada vez.

⁴⁸⁸ “da”, AP.

⁴⁸⁹ “todas”, AP.

⁴⁹⁰ “Ytres”, AP.

⁴⁹¹ “distintas”, AP.

⁴⁹² “os postos”, AP.

⁴⁹³ “por que”, AP.

⁴⁹⁴ “cantos”, AP.

⁴⁹⁵ “isso”, AP.

⁴⁹⁶ “executando”, AP.

⁴⁹⁷ “o”, AP.

⁴⁹⁸ “lhe”, AP.

⁴⁹⁹ “comércio”, AP.

⁵⁰⁰ “officio”, AP.

E estes assim em Japão, como na China para se mostrarem sabios, olhão os Livros, e figuras que nelles tem, virão se para certas partes com varias ceremonias, e hipocrezias, e fingimentos co[m] que enganão os coitados os quaes se vão muito contentes co[m] o prognostico, ou Juizo com o dinheiro fora da bolça, ficando no prim[ei]ro estado[.]

Os Reys da China, e Japão, tem collegios de mathematicos judiciarios, officios⁵⁰¹ da caza real com foro da⁵⁰² fidalguia, e comedia, seu officio hê primeiramente computar os annos, e os Ecclipses do Sol, e Lua, ordenar os intercalares, e concordar o a[n]no lunar com o solar, ordenar⁵⁰³ o Kalendario, ou reportorio annual, e todo o demais tocante a Astrologia, assim especulativa, como practica, ou judiciaria. Em Iapão posto que ainda agora os hà, e servem, e tem seus apoentos junta aos paços do *Dairi* [Dairi, 内裏, palácio imperial], e em outras partes do Reyno, como he no Reyno de Ydzu [Izu, 伊豆], onde agora se fazem e imprimem os melhores Kalendarios, ou reportorios de cada anno, com tudo como o Rey, e grandes do Reyno da⁵⁰⁴ ordem patricia estão excluidos do gouverno, usurpado pelo *Cubō* [Kubō, 公方]⁵⁰⁵, e pelos da ordem equestre, ou militar, todos os demais officio⁵⁰⁶ da caza real agora não corraõ no exterior, tem estes Astrologos muito descuido e tidos em pouca estima. Chamãose em Iapão estes Tembun facaxa⁵⁰⁷, ou Tembungocuji [Tenmonhakase, 天文博士, astrólogo], que quer dizer Astrologos; e os judiciarios da magia natural Vonnhoji [Onmyōji, 陰陽師], na China ainda agora florecem muito, e hê tambem officio com foro, e comedia da Caza Real, no qual tambem⁵⁰⁸ como em Iapão se socede por herança de Pays a filhos e hà Ley posta no Reyno por *Hun vo* [Hongwu, 洪武], primeiro Rey, e tronco desta prezente Monarchia *Taymin*, ou *Taymey* [Ming, 明], como diz o Japão, que prohibe aprender outrem alguem a Astrologia sem licença do Rey, afora estas familias que o tem por officio; porque tem ser meyo para tomar o Reyno⁵⁰⁹ pelo conhecim[en]to, e sciencia que tem por seus prognosticos, e juizos. Na Corte de Pekim ha hum collegio destes mathematicos reaes, e outro no Nankim afora hum em particular de Eunucos que hà dentro do passo, e outro de Mouros Arabios que tem no Pekim por estado; tem estes Astrologos publicos, paços particulares e lugares nelles altos, e descubertos com torres altas⁵¹⁰, e instromentos de Spheras, Armillas, e outras⁵¹¹ va[f.180v]rios para observar o ceo onde de dia, e de noite estão com continua vigia revezados observando o Ceo, e aparencias que nelle hà; e havendo couza de novo digna de notar avizão disso o Rey por hum memorial escrito, apontando juntamente o que prognostica as aparencias celestes acerca de que fazem seus juizos são premenente [primeiramente] huas acerca das imprerissoens do Ar, como são chuva, Trovoens⁵¹², coriscos, Neve, Orvalho, que aparecem no Ar, ou se cauzão sem tempo, e tem grande excesso fora do ordinario .2°. outras acerca do sol das⁵¹³ quaes tem algumas 28. differenças⁵¹⁴. 3°. outras acerca⁵¹⁵ da lua de que tambem tem mais de 16. sortes. 4°. outras a cerca das estrellas do ceo. 5°. finalmente a cerca de varios cometas de varias formas que aparecem

⁵⁰¹ “officio”, AP.

⁵⁰² “de”, AP.

⁵⁰³ O excerto “o a[n]no lunar com o solar, ordenar” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “ (...) e concordar o Kalendario (...)”.

⁵⁰⁴ “de”, AP.

⁵⁰⁵ O xogum. Como a obra foi escrita em 1620, é possível que Rodrigues se refira a Ieyasu Tokugawa ou ao seu filho Hidetada Tokugawa.

⁵⁰⁶ “officios”, AP.

⁵⁰⁷ “Chamãose estes em Japão Tem bud facaxa”, AP.

⁵⁰⁸ O excerto “officio com foro, e comedia da Caza Real, no qual tambem” foi suprimido da transcrição de Abranches Pinto: “ (...) hê tambem como em Japão (...)”

⁵⁰⁹ “tomar o Reyno tomar o Reyno”, AP.

⁵¹⁰ A palavra “altas” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁵¹¹ “outros”, AP.

⁵¹² “chuvas, trovoadas”, AP.

⁵¹³ “dos”, AP.

⁵¹⁴ “diferentes”, AP.

⁵¹⁵ “a cerca”, AP.

em alguns dos seus 28. signos Estelíferos, ou constellaçoens do Zodiaco, que tudo tem pintado em hum livro por figuras, e o que prognosticão.

Nesta judiciaria, e na magia natural, he couza muy ordinaria entre estas naçoens tirar cada hum por seu nacimiento co[m] estes judiciarios seu proprio fado, ou destino para conforme a isso ordenar sua vida, e accomodar os exercicios della ao que pede seu fado para que lhe socceda bem, porque contrastando o e⁵¹⁶ hindo contra o que pede tem para sy que lhe soccede mal em tudo. Donde muitos enganados com⁵¹⁷ esta vaidade do fado innevitable, escolhem modo de viver accomodado a elle andando alguns em continua peregrinação sem nunca estarem em sua patria por assim lho⁵¹⁸ pedir seu fado que os Japoe[n]s chamão *Fonke* [Honke, 本家, local de origem], e os Chinas *Puenqua* [Běnjia], outros deixão de se dar as letras, e armas andando vadios com⁵¹⁹ serem nobres; outros se metem religiosos por seu destino mostrar não ser apto para couzas do mundo politicas, e outros mil modos destas sortes.

A terceira sorte de judiciaria he somente das couzas da terra como são o bom, ou mau sitio para edificar, da qualidade do posto para morar, e respeito que tem com as partes boas, ou más da terra, ou mundo, por terem entre ellas algumas por ruins, nocivas, e mal afortunadas, e outras por bem afortunadas, e ditozas donde escolhem postos⁵²⁰ para as sepulturas de seus deffuntos, por terem que dalj se lhes com[m]unica a boa, ou mà dita, e qualidade; e para julgar destas couzas chamão estes judiciarios da terra para verem o lugar do edificio, ou sepultura, e habitação.

Tem estes judiciarios Livros, e⁵²¹ regras varias com q[ue] engañão o povo, e varias cerimoniaes, e superstiçãoens que nisso fazem dizendo lhes que no tal lugar ha de haver - doenças, e mortes, sem se [f.181r] lograr, e⁵²² que ha de empobrecer nelle sem ter dita boa, e o contrario do o estro⁵²³; e daqui vem serem estas naçoens agourentas por extremo attribuindo qualquer infortunio, ou deazastre ao lugar mudando a habitação para outros postos, estando casas desertas por essa cauza. E os Chinas principalmente quando lhe morre hum defunto por nenhu[m] modo o leva a enterrar pella porta principal da casa mas p[or] alguma travessa, ou por detras da casa ou abre a porta de novo para o tal effeito; e outros q[ue] por⁵²⁴ toda a vida nunca nomeão a palavra morte que o Japão chama *Xi* [Shi, 死], nem outra semelhante a ella na vòz, ainda que o [não] seja na significação, mas para taes modos de fallar, tem ja suas frazes por onde se declarão; como para dizer, que morreo, dizem, foisse para longe, e escondeose, e outras desta sorte.

Ha outros varios modos de prognosticar⁵²⁵ que tem, como he, pelos sinaes do rosto, e corpo julgar de estado da pessoa, a boa, ou mà dita. E pelas riscas das mãos se são ricos, ou pobres, e bem afortunados. E tão uzado entre os Chinas que logo tomão a mão a hum para lha verem. Pois as varias sortes que tem de botar sortes, e o como se governão por ellas, e pessoas determinadas que hà para isso, será couza comprida contala, e outras varias superstiçãoens desta sorte co[m] que o demonio traz esta miseravel e cega gentilidade, desenquieta nas couzas temporaes da presente vida.

⁵¹⁶ “por que contrastando-o a”, AP.

⁵¹⁷ A palavra “com” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁵¹⁸ “lhe”, AP.

⁵¹⁹ “cem”, AP.

⁵²⁰ “posto”, AP.

⁵²¹ A palavra “e” não está presente na transcrição de Abranches Pinto.

⁵²² “o”, AP.

⁵²³ “de astro (?estro?)”, AP.

⁵²⁴ O excerto “detras da casa ou abre a porta de novo para o tal effeito; e outros q[ue] por” foi suprimido na transcrição de Abranches Pinto: “(...) ou por toda a vida (...)”

⁵²⁵ “prognosticos”, AP

Conclusões

Este manuscrito, de cerca de 25 fólhos, contém informações inéditas e importantes para a história da ciência, no contexto das navegações portuguesas entre os séculos XVI e XVII, e no contexto da Companhia de Jesus e a sua missão no Extremo Oriente. Nele, João Rodrigues dá a sua visão sobre as ciências astronómicas no Japão e na China. O padre jesuíta demonstra um bom domínio de conceitos cosmológicos como o de Céu, Terra, os cinco elementos ou as “forças” opostas *yin* e *yang*. Deste manuscrito retiram-se não só noções importantes sobre a astronomia japonesa, como também se aprende mais sobre o seu autor.

Ao longo da obra há uma tentativa de explicar a astronomia oriental à luz da história. De acordo com o padre jesuíta, todo o conhecimento do Extremo Oriente tem origem nos primeiros padres, antes dos episódios do dilúvio e da confusão das línguas, o qual ficou preservado nas instituições burocráticas e livros antigos da China. A característica inerente à sociedade chinesa de manter e passar os seus ensinamentos, e do seu processo de avaliação que não estimulava o debate nem pensamento crítico, permitiram a preservação dessas ideias, conhecidas da antiguidade. João Rodrigues faz questão de apontar sistematicamente a origem da astronomia chinesa e japonesa nos primeiros padres. Faz também referência aos filósofos da antiguidade grega e como muitas das suas teorias estão presentes no pensamento asiático, como a questão do número dos mundos, as suas formas ou a constituição do Céu, afirmando que estas teorias teriam a mesma origem.

Em toda a sua descrição, João Rodrigues procura fundamentar o raciocínio oriental, dando a entender uma certa compreensão e aceitação da sua lógica, como é o caso das estações do ano e as 24 conjunções do tempo, para os quais admite ser o método no Japão e na China mais adequado por acompanhar as várias transições climáticas que vão ocorrendo fora da zona tórrida.

Embora não tenha sido possível analisar pormenorizadamente cada capítulo do manuscrito, por forma a confirmar tudo o que o padre jesuíta escreveu, percebe-se que o padre jesuíta dominava bem a língua japonesa e que compreendeu a essência de muitos dos seus conceitos, como por exemplo ocorre na longa descrição de significados atribuídos à palavra Céu. A romanização dos termos japoneses foi também uma atividade pioneira iniciada pelos missionários jesuítas no Japão. Mesmo ainda sem regras definidas para escrever com letras europeias os termos em japonês, foi possível encontrar uma grande parte das palavras empregadas.

Quanto às críticas, João Rodrigues é rígido relativamente à prática da astrologia judiciária no Japão, principalmente no que toca à influência do Céu na vontade livre do ser humano. Segundo o padre jesuíta a Magia Natural servia apenas para que as pessoas pudessem cometer atos condenáveis moralmente e ofensas a Deus, sem que daí extraíssem culpa alguma. Explica também que todos esses ensinamentos remontam aos filhos de Caim, que foram passados a Cam e, posteriormente, espalhados pelo mundo. Apesar da antiguidade das ciências e costumes da China e, por consequência, do Japão, o autor aponta logo no começo do capítulo 8 que “estas nações não tem agora na perfeição, e grao em que estão entre os Europeos”, revelando considerar a astronomia europeia superior à japonesa, quanto a rigor e veracidade. Ao longo do manuscrito vai fazendo algumas comparações com a astronomia europeia. Raramente cita fontes, pelo que é difícil saber de onde são extraídas as informações. Das poucas referências feitas são ao livro do Génesis e ao *Comentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*.

A apresentação da astronomia japonesa é feita sem cálculos. O maior foco é prestado à cosmologia, por apresentar maiores diferenças com o pensamento europeu. Logo no início o autor explica que o Japão recebeu da China as letras, as ciências e muitos outros costumes. Ao longo do manuscrito vai transitando entre Japão e China na sua descrição. Porém não são apresentadas grandes diferenças entre os dois países. Para além da questão do sistema hereditário do quadro *Yin Yang* no Japão e da perda da sua importância devido à diminuição do poder governativo do Imperador, poucas ou nenhuma diferença são apresentadas, para além de referências explícitas do país sobre o qual se refere. Questões como a diferença de calendários entre os dois países (o Japão tinha um notório atraso na atualização dos calendários face ao Império do Meio), entre a situação política e social nos dois países, e o modo como afetavam as instituições burocráticas, ou entre o papel atribuído à magia natural na China e no Japão (sendo o conhecimento astronómico no Japão mais supersticioso e menos científico que na China). Estes pormenores não são debatidos na obra de João Rodrigues, que dá apenas um panorama geral, mas bem informado, da astronomia no Extremo Oriente.

Por último, de lamentar não ser possível aceder aos esquemas mencionados ao longo dos capítulos que não foram incluídos nesta cópia do século XVIII. Infelizmente não é possível consultar o manuscrito original do século XVII, pelo que se desconhece como seriam e que novas informações poderiam trazer a este estudo. Ainda assim, esta obra é muito rica, permitindo compreender os aspetos básicos da astronomia japonesa.

Bibliografia

Fontes digitais

- **Dicionário de japonês:** <http://jisho.org/>
- **Dicionário de mandarim:** <https://www.mdbg.net/chindict/chindict.php>
- **Sobre os três sábios soberanos da China:**
https://en.wikipedia.org/wiki/Three_Sovereigns_and_Five_Emperors#cite_note-clight1-5
(consultado em 16 de abril de 2015)
- **Sobre Ōtomo Sōrin:** https://en.wikipedia.org/wiki/%C5%8Ctomo_S%C5%8Drin (consultado em 16 de abril de 2015)
- **Sobre as 24 conjunções do tempo:** https://en.wikipedia.org/wiki/Solar_term (consultado em 16 de abril de 2015)
- **Sobre as 28 constelações/mansões lunares:** https://en.wikipedia.org/wiki/Twenty-Eight_Mansions (consultado em 26 de maio de 2015)
- **Sobre as constelações chinesas:** https://en.wikipedia.org/wiki/Chinese_constellations (consultado em 26 de maio de 2015)
- **Sobre os ramos terrestres:** https://en.wikipedia.org/wiki/Earthly_Branches (consultado em 26 de maio de 2015)
- **Sobre os troncos celestes:** https://en.wikipedia.org/wiki/Celestial_stem (consultado em 26 de maio de 2015)
- **Sobre a nau do trato:** <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1060>
(consultado em 3 de agosto de 2016)
- **Sobre o episódio do Madre de Deus:**
<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=507> (consultado em 3 de agosto de 2016)
- **Sobre o padre Mateus de Couros:**
<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=104> (consultado em 3 de agosto de 2016)
- **Sobre o padre Giovanni Niccolò:** http://wiki.samurai-archives.com/index.php?title=Giovanni_Niccolo (consultado em 3 de agosto de 2016)
- **Sobre a embaixada japonesa:** <http://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/os-meninos-japoos/> (consultado em 3 de agosto de 2016)
- **Sobre a Real Academia da História:** <http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=214>
(consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre o monte Sumeru:** [https://en.wikipedia.org/wiki/Mount_Meru_\(Buddhism\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Mount_Meru_(Buddhism)) (consultado em 9 de setembro de 2016)

- **Sobre a medida yojana:** <https://en.wikipedia.org/wiki/Yojana> (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre montanhas sagradas da China:** https://en.wikipedia.org/wiki/Sacred_Mountains_of_China (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre a Indochina:** <https://en.wikipedia.org/wiki/Indochina> (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre Kaifeng, antiga capital da China:** <https://en.wikipedia.org/wiki/Kaifeng> (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre a divisão do tempo na China:** https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Chinese_Traditional_Time_System (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre os conceitos de Céu na China:** <https://en.wikipedia.org/wiki/Tian> (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre a légua marítima:** [https://en.wikipedia.org/wiki/League_\(unit\)#Brazil_and_Portugal](https://en.wikipedia.org/wiki/League_(unit)#Brazil_and_Portugal) (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre Toyotomi Hidetsugu:** https://en.wikipedia.org/wiki/Toyotomi_Hidetsugu (consultado em 9 de setembro de 2016)
- **Sobre o xogunato Tokugawa:** https://en.wikipedia.org/wiki/Tokugawa_shogunate (consultado em 9 de setembro de 2016)

Fontes primárias

CARTAS ÂNUAS DO COLÉGIO DE MACAU (1594— 1627), João Paulo Oliveira e Costa (direção e estudo introdutório) e Ana Fernandes Pinto (transcrição paleográfica), Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999

FRÓIS, Luís, S.J., *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta província de Japão. E ainda que se achem nestas partes do Ximo algumas couzas em que parese convirem os japões connosco, não he por serem commuas e universais nelles, mas adquiridas polo comercio que tem com os portuguezes que ca vem tratar com eles em seus navios - e são muitos de seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quasi parese incrível poder aver tão opposita contradisão em gente de tanta policia, viveza de emgenho e saber natural como tem. E pera se não confundirem humas cousas com outras dividimos isto com a graça do Senhor em cap(ito)los – feito em Canzusa aos 14 de Junho de 1585 annos*, (ed. crítica de Josef Franz Schütte S.J.), Tokyo, 1955.

Galvão, António, *Tratado que compôs o nobre & notauel capitão Antonio Galuão, dos diuersos & desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India às nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos, que são feitos até a era de mil & quinhentos & cincoenta*, Lisboa, 1563.

MONUMENTA HISTORICA JAPONIAE, dir. de Josef Franz Schütte S. J., Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1975.

RODRIGUES, João, *Arte da lingua de Iapam composta pello Padre Ioão Rodriguez, Portugues da Cõpanhia de IESV diuidida em tres livros*, Nangasaqui, Collegio de Iapão da Companhia de IESV, 1604.

RODRIGUES, João, *Historia da Igreja do Japão, na qual se contem como se deu principio a pregação do Sagrado Evangelho neste Reyno pelo B. P. Francisco Xavier hum dos primeyros dez, que com o gloriozo Patriarcha Santo Ignacio fundarão a Comp.^a de IESV: e muito que Nosso Senhor por elle, e seus filhos obrou na conversão desta gentildade à nossa Sancta Fê Catholica, do anno de 1549, no qual a Ley de D[eo]s entrou em Japão, até o prezente de 1634, no discurso de 85 annos. Composta pelos Religiozos da mesma Comp.^a que do anno de 1575 athe este prezente de 1634 residem nestas partes, e pessoalmente as acharão quasi tudo o que em todo este tempo socedeo, como testemunha de vista, o conversarão com muitos dos primeyros da mesma Comp.^a, que do principio forão continuando a conversão, a que o B. P. deu principio*, Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 49-IV-53, ff. 156v a 181r (livro I), cópia do século XVIII.

RODRIGUES, João, *História da Igreja do Japão pelo Pe. João Rodrigues Tçuzzu, SJ. 1620-1633*, ed. J. A. Abranches Pinto, 2 vols., Macau, Notícias de Macau, 1954-1955.

VOCABVLARIO da lingua de Iapam com adeclaração em portugues, feito por alguns padres, e irmãos da Companhia de IESV, Nangasaqui, Collegio de Iapam da Companhia de IESVS, 1603.

Estudos

ACTAS DO COLÓQUIO – CRISTIANISMO NO JAPÃO: UNIVERSALISMO CRISTÃO E CULTURA NIPÓNICA, Fundação AIS e Missionários do Verbo Divino, novembro, 2009.

BAPTISTA DOS PRAZERES, Raquel Sofia, *Visões do Oriente. O Budismo no Japão aos olhos de João Rodrigues Tçuzzu*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, setembro, 2012.

BARTHOLOMEW, James R., *The Formation of Science in Japan*, Yale University Press, 1989.

BOXER, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Berkeley, University of California Press, 1951.

BOXER, Charles R., *Portuguese merchants and missionaries in feudal Japan. 1543-1640*, Londres, Variorum Reprints, 1986.

BOXER, Charles R., “As viagens de Comércio dos Portugueses ao Japão há 300 anos (1630-1639)” *Boletim do Centro de Estudos Marítimos de Macau*, Macau, Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau, maio, 1989, pp. 5-35.

BOXER, Charles R., “Notas sobre o Comércio entre Macau, Manila e Nagasaki, 1580-1640” *Boletim do Centro de Estudos Marítimos de Macau*, Macau, Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau, maio, 1989, pp. 37-45.

BOXER, Charles R., “Alguns Aspectos da Influência Portuguesa no Japão” *Boletim do Centro de Estudos Marítimos de Macau*, Macau, Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau, maio, 1989, pp. 47-78.

CASTELO, Cláudia Orvalho, “A História do Japão contada por João Rodrigues”, *Revista de Cultura*, 2ª série, 17, Macau, Instituto Cultural de Macau, outubro-dezembro, 1993, pp. 133-144.

COOPER, Michael, S.J., *They Came to Japan: An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*, Berkeley, University of California Press (Published under the auspices of the Center for Japanese and Korean Studies), 1965.

COOPER, Michael, S.J., *The Southern Barbarians: The First Europeans in Japan*, Tokyo, Kodansha International in cooperation with Sophia University, 1971.

COOPER, Michael, *Rodrigues, o intérprete – Um jesuíta no Japão e na China*, tr. Tadeu Soares, Lisboa, Quetzal Editores, 1994.

COOPER, Michael, *João Rodrigues' Account of Sixteenth-Century Japan*, London, The Hakluyt Society, 2001.

CORREIA, Pedro Lage Reis, “Francisco Cabral and Lourenço Mexia in Macao (1582-1584): Two Different perspectives of evangelization in Japan”, *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, vol.15, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 47-77.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *Portugal e o Japão: o Século Namban*, Lisboa, 1993.

COSTA, João Paulo A. Oliveira e, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Lisboa, Instituto de História de Além-Mar, 1995.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o episcopado de D. Luís Cerqueira*, Dissertação de Doutoramento, 2 vols, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1998.

COSTA, João Paulo Costa Oliveira e, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyó during the Crisis Of 1600”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 7, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, dezembro, 2003, pp. 45-71.

COSTA, João Paulo Oliveira e, RODRIGUES, José Damião, OLIVEIRA, Pedro Aires, *História da Expansão e do Império Português*, 1ª edição, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2014.

CURVELO, Alexandra, PINTO, Ana Fernandes, “O Martírio de cristãos no Japão. Uma Estratégia dos Tokugawa”, *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, n. 15, novembro, 2013, pp.147-159.

DOLCE, Lucia (ed.), *The Worship of Stars in Japanese Religious Practice*. (Special double issue of *Culture and Cosmos: A Journal of the History of Astrology and Cultural Astronomy*, vol. 10, nos. 1 & 2, Spring/Summer and Autumn/Winter 2006), Bristol: Culture and Cosmos, 2007.

FISCHER-SCHREIBER, Ingrid, *Encyclopedia of Eastern Philosophy and Religion*, Shambhala, 1994.

FRÓIS, Luís, *Historia de Japam* [1597], ed. José Wicki, vol. 1. Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976.

HIOKI, Naoko Frances, “Visual Bilingualism and Mission Art: A Reconsideration of “Early Western-Style Painting in Japan””, *Japan Review*, n. 23, 2011, pp. 23-44.

HIRAOKA, Ryuji, WATANABE, Akihiko, A Jesuit Cosmological Textbook in ‘Christian Century’ Japan: *De sphaera* of Pedro Gomez (Part III), *SCIAMVS*, vol.16, 2015, pp. 125-223.

JANEIRA, Armando Martins, *Figuras de silêncio: a tradição cultural portuguesa no Japão de hoje*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1981.

JANEIRA, Armando Martins, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, 2ª edição, Lisboa, Publicações, Dom Quixote, 1988.

KASAHARA, Kazuo, *A History of Japanese Religion*, Kosei Publishing Company, 2002.

KIM, YUNG SIK, *The Natural Philosophy of Chu Hsi (1130-1200)*, American Philosophical Society, 2000, p.149.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso, *Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549- 1614)*, Universidade de São Paulo, Ano IV, n. 6, 2013, p. 57-74.

LEITÃO, Ana Maria Ramalho Prosérpio, *Do Trato Português no Japão: Presenças que se cruzam (1543-1639)*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1994.

LEITÃO, Henrique, PINTO DOS SANTOS, José Miguel, “O Kenkon Bensetsu e a Recepção da Cosmologia Ocidental no Japão do Século XVII”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 54(2), 1998, pp. 285-318.

LEITÃO, Henrique, “Notes on the Contents and Fate of the Western Scientific Influence in Japan in the Sixteenth and Seventeenth Centuries”, *História das Ciências Matemáticas: Portugal e o Oriente*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 275-304.

MANSO, Maria de Deus Beites, SEABRA, Leonor, *Ensino e Missão Jesuíta no Oriente*, Évora, Editora Universitária UFPE, 2012, pp. 85-124.

MATOS, Inês Carvalho, *Património de Cristianismo no Japão*, 1ª edição, Lisboa, Edições Vieira da Silva, 2015.

MATSUDA, Kiichi, *The Relations Between Portugal and Japan*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965.

MONTEIRO, Sandra de Amaral, “O calendário japonês: instrumento de harmonização do céu, da terra e do homem (o olhar de Tçuzzu)”, *Revista de Cultura*, 2ª série, 17, Macau, Instituto Cultural de Macau, outubro-dezembro, 1993, pp. 155-169.

NAKAYAMA, Shigeru, *A History of Japanese Astronomy, Chinese Background and Western Impact*, Harvard-Yenching Institute Monograph Series, Vol. XVIII, Harvard University Press, 1969.

NEEDHAM, Joseph, "Astronomy in Ancient and Medieval China", *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series A, Mathematical and Physical Sciences*, vol. 276, n. 1257, The Place of Astronomy in the Ancient World, Royal Society, 1974, pp. 67–82.

OLIVEIRA, Francisco Roque de “Book review: Michael Cooper (ed.): João Rodrigues’s Account of Sixteenth-Century Japan”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 8, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, junho, 2004, pp. 115-122.

OLIVEIRA, Francisco Roque de “A Treatise inside a treatise: Chinese matters in the Historia da Igreja do Japão by João Rodrigues Tçuzu SJ”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 18-19, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, junho-dezembro, 2009, pp. 135-173.

PINTO, Ana Fernandes, *Uma Imagem do Japão: A Aristocracia Guerreira Nipônica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, 1ª edição, Macau, Instituto Português do Oriente – Fundação do Oriente, janeiro, 2014.

PINTO DOS SANTOS, José Miguel, “A 17th century buddhist treatise refuting christianity”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 4, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, junho, 2002, pp. 91 – 110.

PINTO DOS SANTOS, José Miguel, “Ieyasu (1542-1616) Versus Ieyasu (1543-1616): Calendrical Conversion Tables for the 16th and 17th Centuries”, *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, vol. 5, dezembro, 2002, pp. 9-26.

PINTO DOS SANTOS, José Miguel, “The "kuroda plot" and the legacy of jesuit scientific influence in seventeenth century Japan”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 11, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, junho-dezembro, 2005, pp. 97-191.

PINTO DOS SANTOS, José Miguel, *A study in cross-cultural transmission of natural philosophy: the Kenkon Bensetsu*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, junho, 2012.

SALGUEIRO, Tiago, *Do Japão para o Alentejo: A Embaixada Japonesa Tenshō em Vila Viçosa no ano de 1584*, 2ª edição, Chiado Editora, dezembro, 2012.

SANSOM, George Bailey, *Japan: A Short Cultural History*, Stanford, California, Stanford University Press, 1978.

SANTOS, Paula Ferreira, “João Rodrigues um Retrato do Japão da Geografia e da Natureza”, *Revista de Cultura*, 2ª série, 17, Macau, Instituto Cultural de Macau, outubro-dezembro, 1993, pp.145-154.

SCHÜTTE, Josef Franz, S.J., *Introductio ad historiam Societatis Iesu in Japonia, 1549-1650. Ac Proemium ad Catálogos Japoniae Ededos ad Edenda Societatis Jesu Monumenta Historica Japoniae*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1968.

YUUKI, Diego, S.J., (Pacheco, Diego), *Ruisu Arumeida* 『ルイス・デ・アルメイダ』, Nagasaki, edição do autor, 1964.

YUUKI, Diego, S.J., (Pacheco, Diego), *A Fundação do Porto de Nagasaki*, Macau, Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau, julho, 1989.